

Número especial

**Avante!**

Proletários de todos os países UNI-VOS

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário

ISSN 0870-1865

4 de Setembro de 1993

Preço: 120\$00

(IVA incluído)

N.º 1029

Director:

Carlos Brito

**FESTA**  
1993  
**Avante!**

**«Abriram-se as portas  
da Festa da liberdade e da democracia  
da cultura e da arte, da alegria e do sonho  
da confraternização e da solidariedade»**



**Não há Festa  
como esta!**

## O «Avante!» na sua Festa

**P**ela primeira vez, o «Avante!» faz sair um número especial para ser difundido na sua Festa, incluindo uma desenvolvida retrospectiva de todas as Festas anteriores e as primeiras notícias sobre o acto de abertura da presente Festa e do discurso nele proferido pelo Secretário-Geral do Partido, Carlos Carvalhas. É uma iniciativa que contribui, não temos dúvida, tanto para o prestígio da Festa do «Avante!» como para o do nosso jornal e tornará ainda mais evidente a ligação entre esta grande realização multifacética de massas e o órgão central do PCP. Quase em vésperas das comemorações do 20º Aniversário do 25 de Abril, que se celebra no próximo ano, a 17ª Festa do «Avante!», a última que se realiza antes dessa data, é a ocasião adequada para historiar o papel e o significado da Festa num período tão glorioso da luta do nosso Partido, em anos tão decisivos para a edificação e a salvaguarda do regime democrático no nosso país, numa fase tão conturbada da vida internacional. Esse papel e esse significado resultam natural e fortemente enaltecidos quando rememoramos, como fazemos nas páginas que se seguem, a crónica de cada uma das Festas, alguns trechos escolhidos de cada um dos discursos proferidos por Álvaro Cunhal, a odisseia dos terrenos até à chegada ao porto de abrigo da Atalaia, quando evocamos a gesta do trabalho voluntário, a contribuição determinante das Organizações Regionais do Partido que trazem Portugal à Festa, a vertente internacionalista com a Cidade Internacional, a vertente musical com a «parada» de todos os artistas que participaram na Festa, a vertente cultural com destaque para a Bienal e o Avanteatro, a vertente desportiva com destaque para a corrida da Festa, e finalmente a Festa como grande festa popular que sempre foi sem nunca perder o carácter de grande realização política de massas.

**A**o mesmo tempo, a evolução da situação política nacional e a própria evolução da comunicação social no nosso país conferem uma importância crescente à imprensa do Partido e, em especial, ao «Avante!». Com efeito, o avanço das forças da direita, de acordo com uma estratégia que se revela cada vez mais como visando a substituição do regime democrático por um regime de cariz autoritário, tem sido acompanhado por uma progressiva concentração da comunicação social nas mãos de um punhado de grupos capitalistas que (além do Governo que continua a dominar na RTP e na RDP) procuram monopolizar, controlar e condicionar o essencial da informação e da circulação de ideias.

A luta para conter e fazer retroceder este perigoso processo transformou-se numa das mais sérias exigências que se apresentam a todo o campo da democracia no nosso país.

No quadro desta luta, ganha uma grande importância a defesa e a promoção da imprensa democrática, progressista, da imprensa que se assume coerentemente na defesa dos interesses dos trabalhadores e das massas populares.

Esta importância ressalta ainda com maior saliência nas condições de crise económica e de regressão social em que o País está mergulhado, por culpa, fundamentalmente, das políticas governamentais que têm sido seguidas.

Ora, o «Avante!», órgão central do PCP e jornal nacional de grande difusão ocupa um lugar cimeiro e único, no conjunto da imprensa democrática. Por isso, a batalha para valorizar, promover, difundir mais largamente e aumentar as vendas e as assinaturas do «Avante!» é uma batalha da democracia, dos trabalhadores e, de modo especial, uma batalha dos comunistas.

A Festa do «Avante!» de 1993 não podia deixar de conferir um grande destaque a esta batalha, na expectativa de que os participantes da Festa ajudem a levar aos quatro cantos do Partido, aos quatro cantos de Portugal.

## Começou em grande!

A Festa do «Avante!» de 1993 começou em grande. É o que se tem que dizer, antes de mais, do que ontem se passou na Atalaia.



Com o passo firme de quem sabe bem para onde vai...



Banda da União Arrentelense



A avalanche da juventude



Na 8.ª Bienal de Artes Plásticas



Angola no coração



Preços baixos, tentações muitas na Festa do Livro e do Disco



Denúncia dos «serviços de informações» no Pavilhão Central

**Avante!**

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90, 7ª-A, 1100 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matrícula: 47058. NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial Avante! — Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A, 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 Fax: 815 34 95

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição. Sede: Rua do Norte, 115, 1º, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04. Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra Telef. (039) 71 35 77 Delegação Norte: R. Monto dos Pipos, 326, Guilfões, 4450 Matosinhos Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composto e impresso na Heská Portuguesa, SA R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

### TABELA DE ASSINATURAS\*

PORTUGAL (CONTINENTE) — 50 números: 5.400\$00; 25 números: 2.790\$00
REGIÕES AUTÓNOMAS — 50 números: 6.786\$00
ESPAÑA — 50 números: 8.326\$00
MACAU — 50 números: 13.042\$00
GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — 50 números: 14.056\$00
EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA) — 50 números: 14.960\$00
EXTRA-EUROPA — 50 números: 18.760\$00

\* IVA e portes incluídos

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_ Telef. \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

tejo, do Porto, dos Açores, das Mulheres, das Beiras, do Algarve, do Minho...

Via-se a alegria nos rostos, notava-se o orgulho nos olhos, sentia-se satisfação na atmosfera que temperou esta «volta» de quatro horas: a Festa começava com uma grande enchente. Mesmo assim, quisemos confirmar se esta era mesmo uma sexta-feira tal que até parecia um sábado. Os camaradas Henrique Sousa, Fernando Vicente e Licínio Carvalho, juntos nas instalações da direcção da Festa, ainda não tinham números exactos e actualizados sobre a venda de EPs, mas não mostraram qualquer sombra de dúvida em afirmar que houve «uma afluência claramente superior às anteriores» e que esta foi «a maior sexta-feira das festas na Atalaia».

■ DM



Alegria sem barreiras, convívio sem preconceitos, numa Festa de que o povo se apropria e onde a juventude reina

## Discurso de Carlos Carvalhas na abertura O momento de arranque para a batalha das autárquicas

Camaradas e amigos:

Foi içada a bandeira do nosso Partido. Estalaram os foguetes. Abriam-se as portas da Festa da liberdade e da democracia, da cultura e da arte, da alegria e do sonho, da confraternização e da solidariedade.

E a primeira palavra é de reconhecimento e de saudação, de saudação calorosa a todos os construtores da Festa, a todos os membros do Partido e da JCP, a todos, homens, mulheres e jovens, que deram e dão o seu contributo para que este espaço da Atalaia tomasse forma. Saudação a todos os que dirigiram e acompanharam dia a dia os inúmeros e complexos problemas da implementação desta pequena cidade, saudação a todos os que em jornadas voluntárias aqui deixaram as suas horas de lazer, as suas férias, o seu esforço e criatividade, para nos proporcionarem a alegria de termos agora a Festa do «Avante!» 1993, com notável melhoria de condições de acolhimento, com mais espaços verdes, melhores vias de circulação, mais zonas de repouso e mais equipamentos de apoio.

Uma palavra especial para os jovens, não só pela contribuição que deram na construção da Festa, mas também pela alegria e vivacidade que dão à Festa que é reconhecidamente a maior realização política e cultural de massas realizada em Portugal e que é cada vez mais a grande festa da juventude portuguesa.

Uma palavra de reconhecimento é devida também aos artistas plásticos e arquitectos que, com os seus trabalhos, ilustram e valorizam a VIII Bienal de Artes Plásticas e a componente cultural da Festa do «Avante!»; aos mais de 700 artistas e grupos que fazem da nossa Festa também a grande festa da música; a todos os que no teatro, no desporto, no artesanato, nos diversos espaços de animação lhe dão a riqueza e a diversidade.

Aos moradores das urbanizações vizinhas da Atalaia, desta acolhedora cidade da Amora e concelho do Seixal, queremos manifestar o nosso reconhecimento pela cooperação e compreensão que têm demonstrado pela importância e dimensão desta nossa realização e pelo modo hospitaleiro como têm sabido acolher os visitantes que de todo o País aqui se deslocam nestes 3 dias.

Saudações e boas vindas a todos os visitantes que, independentemente das suas convicções, irão partilhar connosco o convívio, o divertimento, o debate e a reflexão.

A Festa do «Avante!» é uma mostra do trabalho militante do nosso Partido, do seu poder de atracção, das suas raízes populares e nacionais, de um Partido de convicções, unido, combativo, sereno, tolerante e confiante, profundamente empenhado na luta presente e decididamente voltado para os desafios do futuro, de um Partido que, tendo em conta as experiências próprias e alheias, foi, é e quer continuar a ser um Partido comunista, o Partido Comunista Português! Partido que intervém na vida nacional como uma grande força do 25 de Abril, da democracia, do progresso social e da independência nacional.

A Festa do «Avante!» é uma significativa afirmação da vida, da função, do empenho, da actividade, das propostas, da natureza e identidade do PCP.

A Festa do «Avante!» é também um momento importante de solidariedade internacionalista para com todos as forças e povos que lutam pela justiça, pela democracia, pela paz e a cooperação, por transformações progressistas e revolucionárias nos seus países, pelo direito dos povos a decidirem do seu próprio destino.

A Festa do «Avante!» é um importante momento de indicação de tarefas e orientações de luta e onde também se reganha força para resistir e intervir e em que se inscreve a esperança e a confiança face aos mercadores do fatalismo e da resignação, o que é particularmente importante num quadro marcado por uma grande desestabilização social, pelo agravamento dos problemas do povo e do País, constituindo um claro desmentido das promessas e propaganda do Governo, sobre os seus alegados êxitos, sobre a ridícula tese do «oásis» e a não menos falsa «democracia de sucesso».

Festa em que o debate aberto estará também no centro das nossas atenções e onde cada um poderá trazer os seus testemunhos, as suas reflexões, as suas propostas para em conjunto traçarmos as vias de uma nova política.

A Festa do «Avante!» será este ano um grande momento de arranque para a importante e significativa batalha das

autárquicas, onde participamos no quadro da CDU com os nossos companheiros do Partido Ecologista «Os Verdes», da Intervenção Democrática e com os milhares de independentes que daqui saudamos calorosamente.

É uma batalha de grande significado para as populações e para a democracia, é uma batalha que nos deve mobilizar a todos e a cada um e que encaramos com toda a confiança.

Neste acto singelo de abertura e inauguração da Festa do Órgão Central do nosso Partido, gostaríamos ainda de formular votos para que todos, e em especial os que nos visitam pela primeira vez e que pertençam a outros quadrantes ideológicos, possam levar uma boa recordação da nossa Festa e que aqui nos possam conhecer melhor, o que de facto somos, o que de facto queremos, por que lutamos. Que possam regressar com uma ideia mais fiel e justa deste grande Partido da classe operária e de todos os trabalhadores, ao serviço do povo e de Portugal, que é o PCP.

Viva a CDU!  
Viva a Festa do «Avante!»  
Viva o Partido Comunista Português!



Ontem à tarde foi assim o maior acto de abertura de todas as festas do «Avante!». Domingo, às 17 horas, vamos todos ao grande comício da Festa, no Palco 25 de Abril

1976

# Não cabíamos lá

Já nesse tempo andavam por aí a dizer que não estávamos vivos, o que estávamos era mal enterrados. A revolução de Abril estava fresca não apenas na memória de todos, mas sobretudo na prática de muitos, embora outros encontrassem já terreno facilitado para avançarem no processo contra-revolucionário que, mercê da resistência dos comunistas e dos democratas mais consequentes, dos trabalhadores e das massas, tantos anos levou a concluir os seus principais intentos que hoje Cavaco tenta rematar.

Algo de novo, porém, ia acontecer em Portugal — a primeira Festa do «Avante!», que veio provar uma vez mais, se necessário fosse, a vivacidade, o dinamismo, a capacidade organizadora dos comunistas. E mostrar as suas profundas ligações ao mundo da cultura, da criatividade e da arte. A solidariedade partilhada com muitos democratas e revolucionários do mundo. E, para alguns com surpresa, o seu enraizamento popular apesar das vicissitudes do processo.

O facto é que não coubemos lá todos, nos pavilhões e nos espaços abertos da FIL. A adesão que a Festa teve logo nas primeiras horas ia rebentando com as costuras das instalações. E o ambicioso projecto da Festa dos comunistas foi ultrapassado pela realidade, pela verdadeira fome popular em participar naquela que desde logo se tornou na

maior iniciativa político-cultural do país, desde logo a pedir meças às suas congéneres então existentes na Europa.

Não assisti ao início da Festa, que uma chuva torrencial «baptizou» nessa noite. Durante uma semana, uma caravana de setenta artistas deu a volta ao país em dois autocarros, a levar a Festa e o internacionalismo de Norte a Sul. O Adriano, o saudoso Adriano Correia de Oliveira, e eu tínhamos, nessa tournée, a responsabilidade da caravana, que integrava artistas soviéticos, búlgaros, alemães da RDA — O «Oktoberklub», lembrem-se? —, os italianos do «Canzoniere Internazionale», o Pi de la Serra, catalão que fez nessa altura a sua primeira e comovida viagem connosco, e ainda o conjunto «Outubro», numa alegre jornada país acima e país abaixo. Dessa viagem, o que mais recordo hoje: a modéstia do Adriano, um artista que ali ia sem outra actuação que a de orientar, resolver problemas de bastidor, sem ribalta, revelando-me — a mim que apenas lhe conhecia a estatura de artista — a sua elevada estatura de militante de quem era impossível não se ficar amigo. Quando chegámos a Lisboa, ele agarrou na viola e lá subiu ao Palco 1, a abrir o espectáculo.

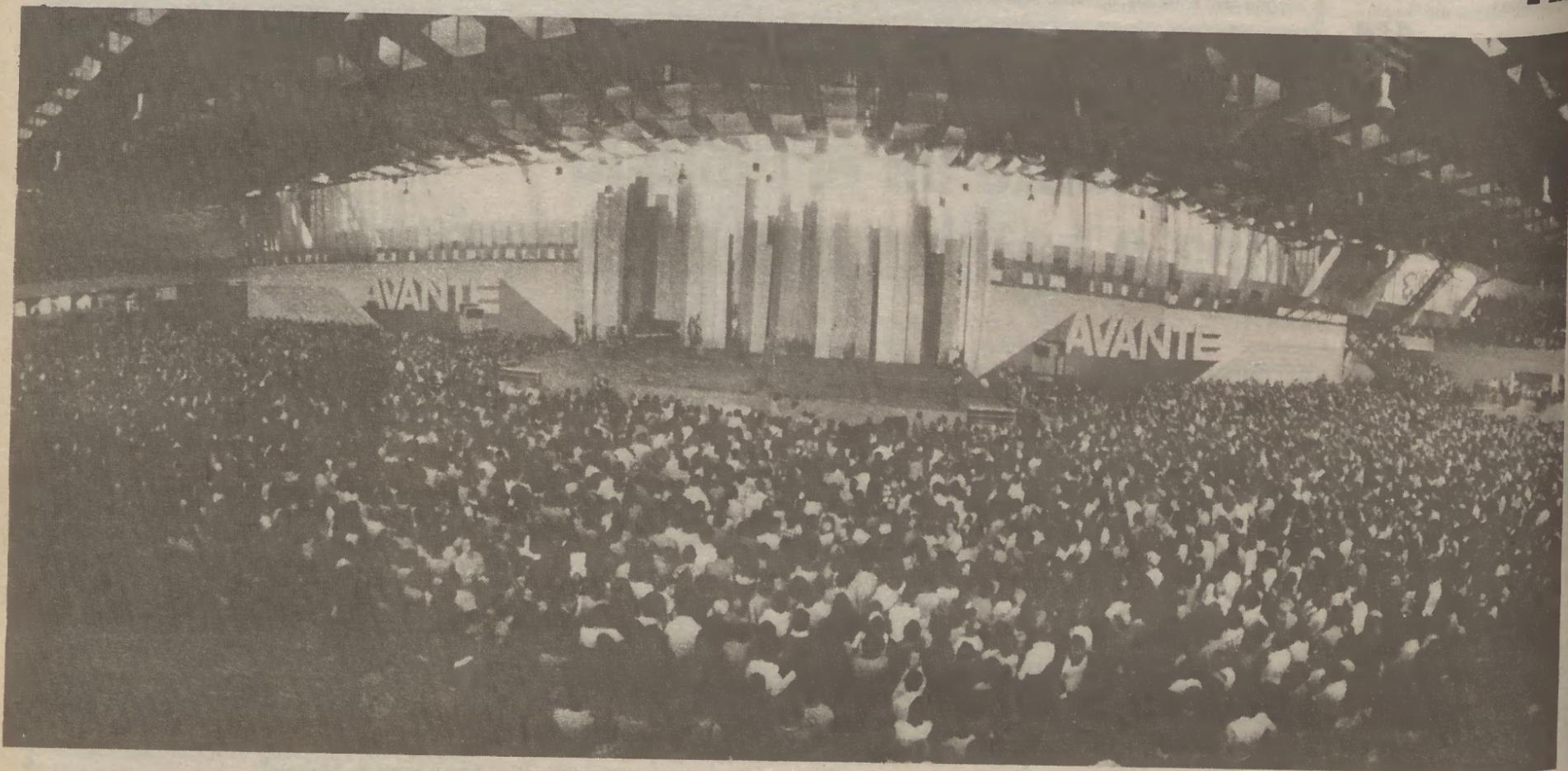
A Redacção do «Avante!» mudara-se bastante tempo antes para as instalações da FIL. Com armas e bagagens. Armas que eram, como continuam a ser, as da escrita, disparando palavras com sentido nas velhas — então ainda novinhas

em folha — máquinas de escrever, que barulhavam entre os ruídos da construção que ecoavam nos grandes pavilhões, entre as imprecações que resultavam de alguma martelada num dedo e a berraria da orientação de um trabalho novo para muitos de nós.

Ali fizemos o nosso jornal, ali escrevemos o primeiro programa da Festa. E ali mesmo encontramos matéria, esgueirando-nos entre multidões para ver tudo, para as nossas primeiras reportagens da Festa do «Avante!». Trabalho difícil, lembro-me. Porque havia ali quase tudo quanto hoje se pode encontrar no vasto terreno da Atalaia. Sete palcos, nada menos, a funcionarem em simultâneo, o grupo «Area» atroando o Palco 1, noites de fado, coros alentejanos, uma pianista polaca que fui descobrir atrás de um palco a treinar num velho piano antes de subir a interpretar música clássica, enquanto no Palco 6 se sucediam filmes e debates, onde Luigi Nono apresentou algumas das suas obras...

Aquela profusão de gente, de luzes, música, de lutas que, com a vivacidade desse tempo ainda de revolução, nos eram mostradas pelas organizações, de convívio e fraternidade internacionalista, eram, logo a principiar a Festa, um sinal — de que esta iniciativa iria, ano após ano, tornar a realizar-se. Desde logo se tornou uma tradição.

■ LM



Álvaro Cunhal  
no comício

## «É necessário lutar pela liberdade»

● Existem entre portugueses muitas divergências. Mas por muito que alguns queiram fechar os olhos, numa coisa estarão todos certamente de acordo. Em que esta Festa do nosso glorioso «Avante!», do nosso glorioso Partido, é a maior, a mais extraordinária, a mais entusiástica, a mais fraternal e humana jamais realizada no nosso país.

Para alguns que falam no enfraquecimento do nosso Partido, aqui está esta Festa para lhes dar resposta. Olhem, vejam e julguem. De tudo nesta Festa se desprende a força indestrutível do partido da classe operária e do povo trabalhador de Portugal — o Partido Comunista Português.

Esta Festa do «Avante!» é um testemunho vivo dos objectivos da luta do nosso Partido.

● Esta Festa não é apenas um testemunho dos objectivos de luta do nosso Partido.

Esta Festa é também um testemunho vivo das profundas raízes do nosso Partido na classe operária, nas massas populares, na juventude.

O entusiasmo, o dinamismo, o trabalho esforçado de muitos milhares de camaradas e simpatizantes nesta extraordinária realização, a ocorrência de massas à Festa do nosso «Avante!», é só mais uma confirmação de que o PCP é o grande Partido da classe operária, é o Partido do povo. E o povo pode estar certo de que os comunistas, hoje e sempre, o servirão com dedicação completa.

Esta Festa é também um testemunho vivo da política de unidade do nosso Partido.

Toda a nossa Festa é um apelo à aproximação, à fraternidade, ao entendimento, ao acordo, à acção comum de todos os trabalhadores, de todos os que não querem que Portugal regresse ao passado fascista, de todos os que querem que prossiga a construção da democracia a caminho do socialismo.

Os inimigos das liberdades e da democracia, aqueles que querem liquidar as conquistas da revolução, desenvolvem uma intensa actividade para provocar divisões e conflitos entre os trabalhadores, nas empresas, nos sindicatos, nas cooperativas,

entre os democratas e entre as forças progressistas, entre o povo e as Forças Armadas.

Combatendo todas as tentativas de divisão (com persistência, paciência, tenacidade, sem sectarismos) é necessário lutar pela unidade.

● A todos que não sendo comunistas, aqui vieram, a todos que não sendo comunistas, aqui me escutam, eu quero reafirmar solenemente, em nome do PCP, que nós comunistas estamos prontos a unir os nossos esforços a todos os que, connosco, queiram lutar pela salvaguarda das liberdades e da democracia, pela defesa dos interesses dos trabalhadores, pela consolidação das conquistas revolucionárias alcançadas desde o 25 de Abril.

O grande e principal inimigo do povo português é a reacção e o fascismo.

Apesar das críticas severas que fazemos à política dos dirigentes do PS e ao governo PS, insistimos em que é necessário que comunistas e socialistas, assim como outros democratas, se unam, na acção de todos os dias, em defesa dos interesses que são comuns e por objectivos que são comuns.

Não se deve esperar que as Direcções dos partidos se entendam para que comunistas e socialistas se aproximem, cooperem e se unam na acção, nas fábricas, nos campos, em todos os locais de trabalho e da vida social.

Alguns chefes do CDS e do PPD estão regressando a grande velocidade ao ventre fascista onde vieram. Ainda há pouco cobriam com sorrisos e flores o governo PS. Agora de novo preferem ameaças.

Não serve a democracia uma política de aliança com a direita que apoiará o PS enquanto o não puder ultrapassar, mas que se um dia puder, o porá de lado sem mais considerações.

A única aliança que pode servir a democracia é uma aliança de democratas. E uma aliança de democratas para vencer a reacção só é possível com o Partido Comunista Português.

Esta Festa é ainda um testemunho vivo da unidade interna inabalável do nosso Partido.

Comité Central e organizações de base, todas as nossas

organizações, todos os nossos militantes, de Norte a Sul do país, mostraram, na magnífica realização colectiva que é esta festa, na participação bem presente de todos, que o nosso Partido, é um bloco de mais de 100 000 vontades, que se fundem numa só vontade: a indomável e invencível vontade revolucionária do Partido Comunista Português.

Que se desiludam aqueles que pensam poderem introduzir no Partido as sementes daninhas da divisão. O Partido e a sua direcção não são repartições do Estado onde se fazem saneamentos à esquerda.

● O PCP está são, unido e firme como uma rocha. Nesta Festa está presente a longa e gloriosa tradição revolucionária do órgão central do nosso Partido.

Esta Festa lembra a luta prolongada e difícil, os sacrifícios de muitos que, nas duras condições de clandestinidade redigiam, imprimiam, distribuíam o nosso jornal, de muitos que passaram dezenas de anos trabalhando em tipografias clandestinas, daqueles que foram presos, torturados e condenados e daqueles que foram assassinados pela PIDE para que, na escuridão da noite fascista, se fizesse ouvir, sem interrupção e sem mordalha, a voz livre e independente da classe operária e do seu Partido.

Lembrando o passado, nós comunistas, estamos voltados para o presente e para o futuro.

Por muito que alguns queiram reconduzir o PCP à clandestinidade, por muito que alguns queiram diminuir o papel do PCP na vida política nacional, o PCP continua a ser esta força vigorosa e invencível que está presente nesta Festa, continua sendo um partido essencial para a defesa e a construção da democracia portuguesa rumo ao socialismo.

Enganam-se aqueles que querem fazer voltar atrás a história do nosso povo. Por muito irregular e acidentado que seja o processo revolucionário, Portugal marchará para diante na via aberta pelos seus heróicos filhos, povo e militares, desde o 25 de Abril.

Portugal marchará pelo caminho que conduzirá a uma sociedade sem exploração do homem pelo homem, a uma sociedade socialista.



A FIL transbordava, e o largo, cá fora, encheu



O comício de uma Festa que Portugal nunca vira



No «ponto de encontro»



Das cooperativas, sem intermediários e com qualidade



A vida do Partido, em exposição no pavilhão do Comité Central



Lembrar, conhecer, resistir



O sabor... e o som da maçã dos «Area»



Entendimento perfeito entre Demetrio Statos (dos «Area») e o público da Festa



A economia e o País, num dos colóquios realizados durante a Festa



«Com licença, camarada. Grande Festa, hem!?»

1977

# Começou do zero

**E**aqui estamos no Jamor. Um espaço, confesso, de meter medo, quando se vinha da FIL, donde pela primeira vez nos empurraram — era o PS então Governo... —, não sem antes ali termos realizado um congresso — e que congresso — o VIII, no qual Álvaro Cunhal apresentou ao Partido «A Revolução Portuguesa, o Passado e o Futuro». A FIL, que se tinha revelado pequeno espaço para tanto visitante, não tinha comparação com os vastos hectares do Jamor, imenso matagal que foi necessário desbastar, terreno que foi preciso alisar. Daí começou então a nascer uma cidade, construída em madeira e ferro.

Foi desta vez que a Redacção do «Avante!» se partiu ao «meio». A «metade» maior foi para o terreno, uns a participarem mesmo na própria construção do Palco 1, outros a conduzirem carrinhas e camionetas com materiais, o Ruben de Carvalho a coordenar os espectáculos muito antes de os artistas chegarem, enfiado num cubículo de placas de madeira, a Ivone Dias Lourenço atarefada com horários e alojamentos, todos a correrem para o Aeroporto...

Sexta-feira, porém, à hora marcada, uma multidão passou

as entradas e invadiu o terreno, onde flamulavam as bandeiras, as cores dos pavilhões. Ao acender das luzes que, vistas do alto, revelavam uma verdadeira cidade em festa, o receio de que os largos hectares do terreno não ficassem «compostos» pelos visitantes havia passado. Centenas de milhares de pessoas encheram todos os cantos, fazendo a Festa connosco. E, no comício que foi, desde a primeira edição, o ponto alto desta iniciativa, com todo o Comité Central, agora renovado pelo Congresso, e a direcção da Festa, os discursos do Secretário-geral e do Director do «Avante!» no grande palco, tinham à sua frente centenas de milhares de pessoas!

«Este ano foi preciso começar do zero», escrevia no Programa dessa altura o camarada Dias Lourenço. Quantas vezes foi preciso fazê-lo depois, ainda, até à Atalaia... Maior e mais variado ainda foi o programa, desta feita com 7 palcos, teatro e cinema. Teatro com o Grupo de Campolide, cinema com filmes sobre a Revolução. E uma profusão de debates e colóquios. Já nessa altura os escritores comunistas, numa iniciativa promovida pela Célula de Escritores da DORL, se insurgia com «a política de obscurecimento em curso» e acusavam o Governo do PS

de pôr em prática uma política cultural antidemocrática. E aqui está, numa longa galeria, o que vem mais tarde a ser chamada a 1.ª Bienal e que então tinha apenas o nome de exposição de artes plásticas. Lá estavam, em obras, mas também ao vivo, artistas como Hogan, Bartolomeu Cid, Jorge Vieira. Entre muitos outros. Nos palcos, a escolha era já difícil. O coro da Academia de Amadores de Música actuava pela segunda vez na Festa, a



Do projecto, para o terreno, por aqui



Ao trabalho, em Julho, no Jamor

dirigi-lo Fernando Lopes-Graça. Carlos Paredes dedilha a sua guitarra com música de verdes dedos. O grupo folk americano «Fairport Convention» vem pela primeira vez a Portugal pela mão da Festa. Muitos artistas portugueses, pela mesma mão, vão ali encontrar um irrepetível e numeroso público. Sérgio Godinho canta ao vivo para uma multidão. Os «Trovante» repetem o êxito da primeira Festa. Ah, e também havia um cosmonauta entre nós. Era o coronel soviético Boris Volinov, o da primeira junção manual de naves no espaço...



■ LM

«Junta a tua à nossa voz...» Na Festa

Álvaro Cunhal  
no comício

## «Não copiamos modelos nem clichés»

● Todos nos lembramos de que, perante o êxito extraordinário da Festa do «Avante!» o ano passado, nos recusaram a FIL para a Festa deste ano.

Como não existe em Lisboa outro recinto igual, julgavam condenar-nos a uma festa de proporções mais reduzidas.

Depois, quando nos decidimos por este vastíssimo campo, então completamente abandonado e cheio de matagais, houve quem dissesse: «Não é possível!».

E afinal, camaradas, foi possível. E não de proporções mais reduzidas, mas maiores. E foi possível assim, porque, em tudo o que depende do trabalho, da dedicação, do espírito de organização, da iniciativa, da imaginação criadora, do esforço colectivo, não há impossíveis para os trabalhadores e para o seu Partido. E com o Partido juventude comunista — a UJC e a UEC.

● A Festa do «Avante!» é uma vigorosa afirmação de que a política e actividade do PCP estão em grande parte voltadas para os problemas económicos, para a produção agrícola e industrial, para os circuitos comerciais, para a recuperação económica do País.

Enquanto a política do Governo PS afunda cada vez mais Portugal no turbilhão dos défices da balança comercial e de pagamentos, a política económica apontada pelo PCP, designadamente na Conferência Económica de 4 a 5 de Junho, indica claramente qual o caminho para a saída da crise.

Os factos vão demonstrando dia a dia de forma irrefutável que uma política que visa a destruição das conquistas da Revolução e a recuperação capitalista, latifundista e imperialista, não conduz à recuperação económica do País, mas ao agravamento da situação económica e financeira.

● Por tudo isso, o CC do nosso Partido, na sua reunião plenária de 31 de Julho, considerou que o actual governo não serve o Povo nem o País, é o pior governo desde o 25 de Abril, é, nas condições actuais, o Governo ideal para o grande capital e os latifundiários, porque esta mesmíssima política da direita do Governo PS seria combatida em massa, não apenas pelos comunistas,

mas também pelos socialistas se fosse realizada por um governo PPD e CDS.

Por isso se coloca a necessidade de uma nova política e de um novo governo.

● Para uma alternativa democrática, nas condições actuais, há duas saídas e essas saídas são aquelas que o nosso CC propôs na reunião de 31 de Julho: ou eleições gerais, ou um governo de plataforma.

● Muita gente pergunta: quais são as condições básicas que o PCP põe para a elaboração de uma tal plataforma?

Nós já respondemos. Em primeiro lugar a plataforma necessária é uma plataforma acordada com os trabalhadores e não contra os trabalhadores.

Não se toque nas conquistas da Revolução; respeitem-se os limites actuais entre as diversas formações económicas incluindo o sector privado; deixe-se estar o que está nos sectores nacionalizados, intervencionado, cooperativo, autogerido e privado, respeitando-se a dinâmica própria a cada um deles; não se toque na Reforma Agrária arrancando as terras às UCPs e Cooperativas, não se procure fazer pagar aos trabalhadores o preço de todas as dificuldades, assegurem-se as liberdades, adopte-se uma política externa nacional e independente de relações diversificadas de amizade e cooperação com todos os países e é perfeitamente possível o estabelecimento de uma plataforma que permita prioritariamente a recuperação económica do País na base de um grande esforço nacional e patriótico, no quadro do regime democrático consagrado na Constituição.

Para já: para tornar viável a elaboração de uma plataforma e a formação de um governo de plataforma, é indispensável que se suspendam imediatamente as operações violentas de recuperação capitalista e latifundista que, a continuarem, podem comprometer por longos anos a possibilidade de recuperação económica e financeira.

É indispensável que pelo menos, para já, se faça uma pausa, a fim de evitar a agudização dos conflitos sociais e políticos e a completa degradação da situação económica e

financeira e a fim de se examinar em profundidade a possibilidade dessa plataforma.

Pergunta-se também: e a alternativa para o Governo actual? A nosso ver pode ser ou não um Governo de coligação.

Desde que as forças sociais e políticas interessadas no processo democrático se ponham de acordo quanto à plataforma e se disponham a aplicá-la e a respeitá-la, a composição do Governo ficará extraordinariamente simplificada.

Uma coisa é absolutamente segura e sobre isso não deve haver ilusões.

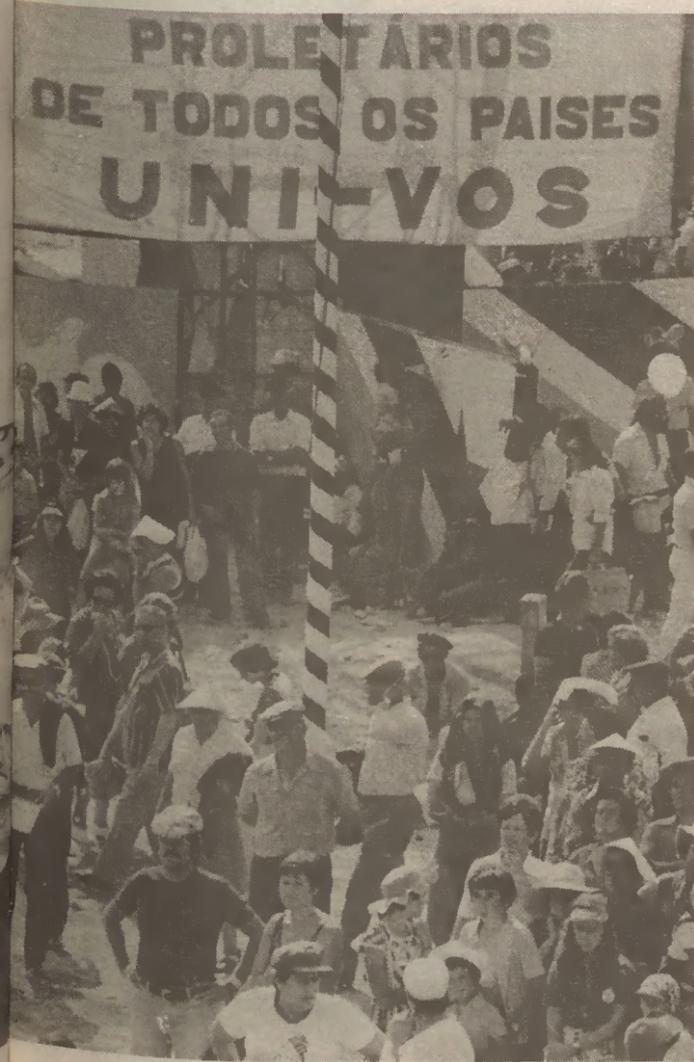
Nas condições políticas e sociais existentes presentemente em Portugal, não se pode elaborar uma plataforma nacional, nem constituir um governo de plataforma, sem a participação viva e acordo dos trabalhadores, e não se pode ter esse acordo e essa participação dos trabalhadores sem o acordo e a participação do PCP.

● A luta do Povo português não se pode isolar do mundo de hoje. Ela insere-se na luta dos trabalhadores e dos povos de todos os países pela liberdade, a independência nacional, a paz e o socialismo.

Num momento em que o imperialismo e a reacção, ante o impetuoso avanço do processo revolucionário mundial, tudo fazem para dividir as forças revolucionárias, o nosso Partido continua a considerar como condição para a vitória dos povos e para o progresso da Humanidade a unidade das três grandes forças revolucionárias do Mundo contemporâneo: os países socialistas, o movimento operário dos países capitalistas e o movimento de libertação nacional.

Continuamos a considerar que a política nacional e a política internacionalista de um partido revolucionário da classe operária são inseparáveis.

● A Revolução democrática portuguesa e o rumo para o socialismo em Portugal revelaram já numerosas particularidades e originalidades. O processo revolucionário português segue o seu curso próprio. Não copiamos modelos nem clichés, nem nunca procuramos copiar e repetir revoluções porque as revoluções não se copiam nem se repetem.



No ano do 60º aniversário da revolução de Outubro



Mais de 500 mil pessoas nos 3 dias da Festa, mais de 150 mil no comício de domingo. Números da primeira vez no Jamor



lançada a campanha de recrutamento «Promoção Conquistas de Abril»



Da URSS, Boris Volynov, comandante da «Soyuz 5» e da «Soyuz 21»



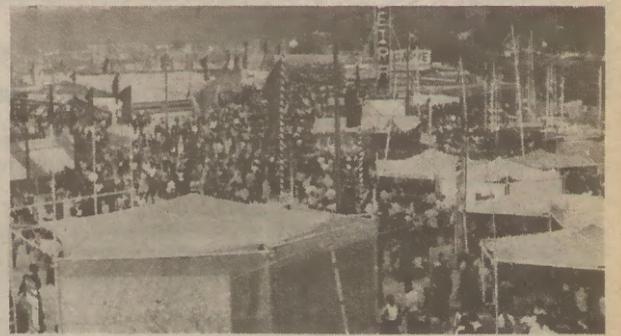
«Ora, lá por causa do sol não íamos ficar em casa!»



«E que belo programa eles têm...»



Lutas e conquistas dos povos, na Cidade Internacional



Uma Festa rodeada de verde por todos os lados



Um aviso para quem anda com distraídos, no monumento à Reforma Agrária



Pormenor do monumento à solidariedade Internacional

1978

## Sempre diferente

Foi aqui, no Jamor, que aprendemos a fazer de um mesmo espaço um espaço sempre diferente. E, infelizmente, a repetir todo um trabalho que só muito mais tarde, num terreno nosso, na Atalaia, não mais viria a ser necessário reproduzir até à exaustão. Neste segundo — e último — ano no Jamor, de novo houve que proceder à desmatação de muitos hectares para que a nova Festa pudesse ser construída. Que erguer os palcos, cavar valas, instalar rede de esgotos e distribuição de água e de energia. Desta vez perdi boa parte do programa, mais de vinte e quatro horas passadas no Aeroporto a aturar as angústias de um músico francês que viera para acompanhar Charlie Haden que vinha dos Estados Unidos com o seu contra-baixo e aceitara ser acompanhado por um quarteto de músicos europeus. Um deles, cheio da ingenuidade dos passageiros CEE, chegara à Portela sem passaporte e com o Bilhete de Identidade caducado. E o Ministério socialista dos Negócios Estrangeiros não se dispunha a conceder facilidades à Festa do «Avante!» e a mandar desbloquear a entrada de um artista, nem que fosse por umas curtas 48 horas...

Num inferno de calor, passámos a sexta-feira e boa parte de sábado a beber cafés, a dormir, numa conversa entrecortada de telefonemas para «a base», a ver se finalmente o músico passava. E passou. A tempo de ajudar a um dos grandes espectáculos desse ano, aplaudido não apenas pelos mordidos do jazz, mas por uma multidão que só na Festa do «Avante!» é possível ver a apreciar a arte nas suas mais diversas formas.

Foi um ano difícil, com a cantora francesa Collette Magny a não poder aparecer, retida por doença em Paris. Mas também o ano de uma boa colheita de espectáculos e de numerosas iniciativas. A voz de Ary dos Santos dizia-nos, então ainda viva, «As Portas que Abril Abriu». O grupo de danças soviético «Vainakh» fazia estremecer o grande Palco 1, com os seus 55 dançarinos de ambos os sexos, vindos da Chechénia. A revista à portuguesa fazia a sua entrada triunfal com uma recolha de quadros de Artur Ramos e de Nicholson e um numeroso e famoso elenco de actores e atrizes, em que avultava o nome de Ivone Silva. Foi ainda o ano da famosa exposição da Foice e do Martelo, entre as variadas exposições de arte popular então organizadas. O ano de uma homenagem ao Manuel da Fonseca. O ano em que os jogos populares também chegavam para não mais partirem. O ano em que o desporto, em variadas e prestigiadas formas, tomava conta do seu lugar na Festa, com a Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria, com o torneio de futebol e o festival internacional de atletismo e de ginástica em exibição ali ao



«Nunca mais me levam aos Pioneros...»



Modos de ver os símbolos do PCP, no Pavilhão Central, em 1978



Mais de 600 mil pessoas estiveram presentes em 1978 e cerca de 250 mil participaram no «malor comício partidário realizado no País», como o «Avante!» tituló

pé, no Estádio Nacional. O ano, também, em que «O Militante» comemorava o seu 45.º aniversário. No final, a culminar no grandioso comício que encerrava a festa e iniciava as grandes lutas do Outono, ainda não sabíamos — mas sempre suspeitámos — que nos despedíamos do Jamor.

■ LM

Álvaro Cunhal  
no comício

## «Alternativa democrática deve ser encontrada»

● A Festa do «Avante!» tem lugar num momento político de grande complexidade e indefinição.

Existe um Governo empossado há poucos dias. Mas não se sabe se passará ou não passará à Assembleia da República. Se passar, pode afirmar-se que a sua política será má. Se não passar, não se pode afirmar com segurança o que virá depois, se um governo melhor, se um governo ainda pior! (...)

● De qualquer forma, uma coisa temos o dever de informar: não está madura, nem preparada, nem pronta a ser proposta ao Presidente da República, uma alternativa democrática, ou seja, a proposta de um governo democrático na base de partidos e com apoio parlamentar.

● A crise actual é de impossível compreensão se se esquece que a reacção e os seus partidos têm um plano fundamental: a destruição do regime democrático.

● Por isso a reacção inscreve nos seus objectivos para a conjuntura actual: ou um governo abertamente reaccionário, contrário à expressa vontade do eleitorado, ou a desestabilização económica, política e militar e o vazio do poder, a paralisação e o impasse dos órgãos de soberania e de todas as instituições democráticas, colocando o regime ante a impossibilidade do seu próprio funcionamento.

Tem de dizer-se, camaradas, que nos últimos dois meses a reacção se aproximou perigosamente deste objectivo. Um momento houve em que não havia governo, em que a Assembleia da República estava suspensa e em que a reacção desenvolvia ferozes campanhas para desacreditar e paralisar o Conselho da Revolução e colocar numa situação insustentável o Presidente da República, único órgão do poder político no exercício normal e pleno das suas funções.

A paralisação de todos os órgãos do poder democrático criaria sem qualquer dúvida uma situação propícia a saídas anticonstitucionais, a golpes e a pronunciamentos.

Tomando consciência do perigo e de frontando campanhas de fácil demagogia, defendemos e continuamos a defender tenazmente a estabilidade do órgão de soberania — Presidente da República. Combatemos as campanhas contra o Conselho da Revolução. Entreviamos com as nossas propostas e diligências, tendo em vista facilitar a rápida formação de um governo que pudesse dar solução aos mais graves problemas nacionais. Finalmente tomámos a iniciativa da convocação da Assembleia da República, com o duplo e simultâneo objectivo

de pô-la a funcionar e de aprovar as leis eleitoral e do recenseamento.

Temos plena consciência de que o PCP contribuiu assim para desarticular os planos das forças reaccionárias e para evitar a criação de um curto prazo de uma situação de perigo iminente para a democracia portuguesa.

O CC do nosso Partido reuniu esta manhã considerou particularmente preocupante as tácticas de bloqueamento à formação de um novo governo, a eventual paralisação da actividade efectiva da Assembleia da República, as campanhas que visam diminuir o exercício da competência do Conselho da Revolução e toda uma política de pressão e de cerco que tem como objectivo último tornar insustentável a posição do Presidente da República.

A alternativa democrática deve ser procurada, deve ser encontrada, e só poderá ser encontrada com os órgãos de soberania e as instituições a funcionarem e não com uns e outras paralisadas e com funções suspensas.

Por isso nos opusemos e opomos a acções aventureiristas e irresponsáveis que possam provocar tal resultado.

No mar tempestuoso da situação política actual, não estamos dispostos a embarcar num barco sem leme, sem motor, sem velas e sem rota marcada.

Ao longo de mais de 50 anos de luta, o PCP deu sobejas provas de não temer as tempestades. Mas, quando nos fazemos ao mar, queremos saber se o barco está em condições, para onde vamos e para onde conduzimos os trabalhadores e todos aqueles que em nós confiam.

Como é do conhecimento público, o Comité Central do nosso Partido realizou esta manhã uma reunião plenária para decidir a atitude a tomar pelo Grupo Parlamentar Comunista em relação ao Governo Nobre da Costa.

O Comité Central não se limitou a examinar a composição e o programa do Governo.

Examinou também a situação política e político-militar em toda a sua complexidade, e a evolução previsível dos acontecimentos no caso de passar e no caso de não passar o Governo e as possibilidades de uma alternativa e da sua concretização.

Pesou os prós e os contras de qualquer decisão e finalmente tomou uma decisão que se pode sintetizar em três pontos:

Primeiro: O Grupo Parlamentar do PCP apresentará uma moção de rejeição com o fundamento de que a composição e o programa do Governo não correspondem às exigências da actual

situação. Esta decisão só poderá ser alterada se surgirem, entretanto, factores novos que modifiquem os dados fundamentais, já conhecidos e por si suficientemente claros.

Segundo: O Grupo Parlamentar do PCP não votará favorável quaisquer moções de rejeição apresentadas por outros partidos, a fim de se demarcar em absoluto dos objectivos que outros partidos já definiram.

Terceiro: O Grupo Parlamentar do PCP opõe-se a quaisquer acções que, em torno da discussão do programa do Governo, tendam a opor e a criar um conflito entre a Assembleia da República e o Presidente da República e a fechar objectivamente as portas a uma alternativa democrática.

Podem suceder (e o nosso CC admite-o) que vários partidos apresentem moções de rejeição e que nenhuma delas obtenha a maioria. Como resultado, o Governo pode passar na Assembleia embora sem apoio desta. Se assim suceder, o facto traduzirá uma situação conhecida: que não há acordo entre os partidos quanto à solução da crise, e que não está ainda madura uma alternativa democrática. Por outro lado, o facto será sem dúvida tido em consideração enquanto o Governo se mantiver em gestão.

A decisão do nosso Comité Central é inspirada pela preocupação de contribuir para que sejam atingidos dois objectivos essenciais: impedir a desestabilização e o impasse das instituições que possam conduzir a uma solução anticonstitucional; e criar de facto, no concreto, a possibilidade de uma alternativa democrática.

● Esta é uma saída possível. Mas se não se concretizar a curto prazo a formação de um governo com apoio partidário e parlamentar a saída constitucional para a crise (passando ou não passando o governo Nobre da Costa) é a realização de eleições antecipadas para a Assembleia da República.

Eleições antecipadas na situação actual têm inconvenientes? Sim, têm-nos e graves. Deverem à mesma realizar-se as eleições legislativas de 1980. Acumularem-se com as eleições presidenciais, municipais, regionais. Absorverem demasiado tempo e energias bem necessárias para resolver os grandes problemas do País.

Apesar porém de todos esses inconvenientes, as eleições antecipadas são uma saída constitucional e por isso há que insistir nessa possibilidade e encará-la corajosamente no caso de não se tornar viável a formação de um governo de alternativa.



Dias Lourenço, na Cidade Internacional, com uma delegação estrangeira das 28 que estiveram no Jamor

## Exposição da Festa do "Avante!"

### O PCP em directo ■ Aurélio Santos

A Festa do "Avante!" é, toda ela, expressão viva da forma de estar do PCP na sociedade portuguesa - com o povo e para o povo - e, também, uma grande exposição, à luz da vida, do que fazem, pensam e desejam os comunistas, da sua acção, dos seus projectos e propostas e também - por que não? - dos seus sonhos e esperanças.

Mas além da grande exposição viva que é a Festa, esse mesmo conteúdo, condensado em imagens e mensagens, podemos encontrá-lo em cada ano nas Exposições (políticas, ou documentais, ou artísticas, ou tudo isto junto) da Festa do "Avante!".

Nelas o PCP presta contas da sua actividade, informa, esclarece, mobiliza; aborda as questões que na vida nacional e internacional mais dizem respeito a todos nós, portugueses. Mas não só. Dão também elementos para temperar a confiança, põem em foco as forças,

sentimentos, aspirações, acções e lutas que podem transformar a vida e fazer um mundo melhor, um Portugal melhor.

Das grandes Exposições temáticas (do 60.º Aniversário do PCP, do Centenário de Camões, sobre a Arte e a Revolução, dos Descobrimentos e do Cosmos, do Artesanato e do Trabalho, do Tejo, da Imprensa, da História dos Municípios e outras) às que fazem cada ano o ponto da situação política, da luta dos trabalhadores e do povo, das grandes batalhas pelas conquistas de Abril e pela defesa e avanço da Democracia portuguesa - no balanço destas Exposições sente-se o pulsar da nossa História, pode reconstituir-se a crónica dos últimos 20 anos da vida portuguesa, e avaliar-se o grande património político e cultural da Festa do "Avante!".

Elas mostram, também, como, na visão dos comunistas, as várias componentes da vida - política,

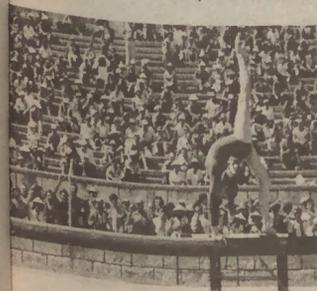
cultura e arte, história e luta do povo - se integram e se dinamizam.

As Exposições da Festa têm sido, sem dúvida, uma realização só possível graças ao conhecimento dos problemas, à capacidade criativa e ao trabalho prático de muitos e muitos militantes comunistas e, também, de pessoas que conosco quiseram e querem cooperar em iniciativas de grande empenhamento colectivo. Mas, para além do empenhamento, à convicção e à arte com que são realizadas se deve muito do seu valor.

Quem quiser, pois, conhecer melhor o PCP, terá nas Exposições da Festa ocasião para o fazer. Nelas encontrará uma imagem mais nítida do PCP, transparente e integral. Não em diferido, sujeita a interferências e remontagens com manipulações de imagem. Na Festa do "Avante!", em cada ano, podem recebê-la ao vivo e em directo.



Milhares de luzes, numa cidade com 30 hectares



Festival desportivo internacional



Aqui «Os Amigos» venceram



Da URSS, «Vainakh»



O trabalho, a luta, a vida, as exposições e o povo



1979

# Uma cidade efémera

Es subimos então ao Alto da Ajuda, de onde se podia ver o rio e a Outra Banda onde mais tarde iríamos encontrar poiso definitivo. Nessa altura ainda o não sabíamos, nem suspeitávamos que aqui na Ajuda íamos ficar tantos anos. Era um terreno vasto e duro, de pedra escura e vulcânica, um trabalho para rasgar avenidas, abrir valas, cravar postes de iluminação, traçar e refazer todo um complexo de esgotos, de abastecimento de água e de energia, reconstruir um palco. Mas tudo isso foi feito, é claro, não só com a determinação de vencer mais uma prova que nos haviam colocado à espera que fosse aqui que acabariam por nos enterrar, mas com a alegria de construir e de usar depois obra feita e nova, onde a grande festa se debruçava sobre as águas do Tejo e sobre a cidade. E mais uma vez o pandemónio dos acessos foi vencido, e era ver, aos milhares, os visitantes a subir a colina ou, vindos de carro, a descê-la desde Monsanto abordando por entre a verdura essa outra cidade efémera na sua duração física, mas que nos fica para sempre na memória, dos que a construímos e vivemos e daqueles a quem contamos como foi.

Como foi?

Este foi o ano em que demos o nome à Bienal, a II. Com a participação de dezenas de artistas plásticos, avultando os nomes de Vasco da Conceição, de António Domingues. Foi o ano dos grandes murais, pintados por artistas de renome que anonimamente os pintaram. O ano em que Camões espregueou a Festa, a anunciar a sua «vinda», no ano

seguinte, o do 4.º centenário do poeta, que o IX Congresso do Partido, recentemente realizado no Barreiro, aprovara por unanimidade uma moção cometendo ao PCP a promoção de iniciativas comemorativas. Desta vez «apenas» se tratava de uma exposição iconográfica e bibliográfica trazendo o Poeta ao convívio de muitos milhares de portugueses.

O Congresso estava ainda fresco, de lá saíramos para as grandes lutas que se iam seguir e... para construir o desafio da Festa.

Armindo Rodrigues, o poeta que há pouco nos deixou, era então o homenageado. E a cultura, através das exposições, dos colóquios, marcava forte presença na Ajuda. Assim como a política, com dois auditórios abertos ao debate. E o comício, no grande terreiro que se abria em declive sobre o Palco 1, que era lá em cima — lembram-se?

Nesse palco passaram ainda as actuações memoráveis de Mercedes Sosa, a argentina, dos «Jabula» da África do Sul, de Max Roach e do seu Quarteto, dos Estados Unidos, de Richie Havens... Não-de perguntar-me pelos outros todos. Mas isto não é uma relação dos inúmeros artistas, é o que me vem à memória, passados todos estes anos. E o que me vem à memória, foi o que lá ficou mais vividamente inscrito. Por exemplo, os bombos de Lavacolhos a atravessar — ou a subir e a descer? — o terreno, com o poderoso som que tantas vezes nos visitou.



■ LM Em Agosto de 1979 já eram bem visíveis os contornos da 4ª Festa



Em segunda edição, a «Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria», em 1979



No sobe-e-desce da Ajuda, uma festa com verde dentro

Álvaro Cunhal  
no comício

## «O único Partido que apresenta um Programa claro»

● Recusaram-nos a FIL. Depois sem qualquer razão plausível, recusaram-nos o Jamor. Quando conseguimos finalmente o Alto da Ajuda, terreno completamente abandonado, pedregoso, extremamente irregular, cheio de mato, houve quem proclamasse novamente tal como haviam feito no Jamor: «Agora sim, os comunistas vão enterrar-se no Alto da Ajuda.»

Mas não, os comunistas não se enterram na Ajuda, tal como não se haviam enterrado no Jamor. Os comunistas são o Partido dos trabalhadores. O trabalho é para os comunistas o motor da vida humana, a fonte de riqueza, do bem-estar e do progresso. Os comunistas lançaram-se ao trabalho. Planificaram e organizaram. Estudaram e encontraram soluções. Com inteligência, a técnica, a arte, os braços e as mãos, o suor e o canto, a tensão, a alegria, o ideal e o sonho, milhares de camaradas, brigadas de voluntários, homens e mulheres de todas as idades, a que se juntaram os pioneiros removeram toneladas de pedra, roçaram mato, realizaram terraplanagens, abriram ruas, avenidas e praças, instalaram água, electricidade e esgotos e em pouco tempo edificaram toda esta magnífica cidade de três dias para «a Festa que traz Portugal a Lisboa».

Tal como no Jamor, o que se enterrou no Alto da Ajuda não foram os comunistas, mas sim os planos da reacção de impedir a realização e o sucesso da Festa do «Avante!».

● A característica fundamental da situação política presente é estar em curso uma saída constitucional para a crise governativa aberta em 1977 com o fracasso da política do governo PS sozinho aliado de facto à direita e extraordinariamente agravada com a brutal política fascizante do governo de Mota Pinto.

No prosseguimento da política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista, a reacção tinha lançado em fins de 1978 princípios de 1979 um ataque global visando a liquidação a curto prazo do regime democrático.

O ataque global da reacção, conduzido fundamentalmente pelo PPD/Sá Carneiro e pelo CDS/Freitas do Amaral, tentou destruir todas as conquistas democráticas alcançadas desde o 25 de Abril, designadamente a Reforma Agrária, as nacionalizações e o controlo de gestão dos trabalhadores. Tentou reinstaurar na vida nacional, como prática governativa normal, decisões arbitrárias e ilegais e a sua imposição através da repressão dos trabalhadores, de espancamentos, de cargas de cavalaria e matilhas de cães ferozes.

O PPD e o CDS reclamaram com insistência nos últimos tempos a realização de eleições. Mas as eleições que pretendiam não eram aquelas que irão realizar-se.

● Na previsão de eleições intercalares, o PPD e o CDS, a CIP e a CAP e as outras forças reacçãoárias exigiam que, dissolvida a Assembleia da República e afastada, portanto, a possibilidade de uma vigilância e intervenção da Assembleia sobre o governo Mota Pinto, esse governo, sem escrúpulos e sem vergonha, continuasse até às eleições a sua obra de ódio e destruição e fosse ele a organizar o acto eleitoral —, o que sem dúvida transformaria as eleições numa mascarada digna dos tempos de Salazar e de Caetano.

O ataque global da reacção provocou o agravamento das condições de vida do povo. Roubou terras, gados, máquinas, searas às UCPs e cooperativas. Entregou ilegalmente empresas ao patronato sabotador. Causou grandes estragos e destruições na sociedade portuguesa. Mas foi finalmente contido, sustido e derrotado.

● Parece incontestável que a queda do governo Mota Pinto, a formação do governo de Maria de Lourdes Pintasilgo e a realização de eleições intercalares segundo os preceitos constitucionais, significa uma estrondosa derrota das forças reacçãoárias e, em primeiro lugar, do PPD/Sá Carneiro e do CDS/Freitas do Amaral. Significa uma afirmação da vitalidade das instituições democráticas e uma vitória real das forças democráticas e do povo português.

A formação deste governo, em substituição do governo fascizante Mota Pinto/PPD/CDS, inserida na saída constitucional para a crise, representa um passo positivo para consolidar e prosseguir o regime democrático.

● A vida nacional dos últimos anos esclareceu milhões de portugueses acerca da política real e dos objectivos reais dos partidos políticos.

A ilusão criada por programas demagógicos seguiu-se a indelmentável lição dos factos.

Tanto o PS como o PPD e o CDS já mostraram o que fazem no governo.

Portugal assistiu nos últimos anos ao fracasso espectacular, tanto da política social-democrata do PS, como da política reacçãoária do PPD e do CDS.

A experiência do governo PS sozinho aliado de facto à direita e do governo de coligação PS-CDS, demonstrou cabalmente que a política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista, agrava extraordinariamente as condições de vida do povo e todos os grandes problemas nacionais.

A experiência do governo Mota Pinto/PPD/CDS demonstrou que uma política de liquidação das conquistas democráticas, de

exploração desenfreada das massas laboriosas, de ódio à classe trabalhadora e aos pequenos e médios agricultores, de restauração do poder do grande capital e dos latifúndios, de entrega ao imperialismo, é uma política de destruição e de desastre Inviável no Portugal democrático saído da revolução de Abril.

A experiência do despotismo dos Governos Regionais do PPD nos Açores e na Madeira dá também uma mostra da sorte que a reacção reservaria ao país inteiro no caso de vir a dominar Portugal.

Nesta época conturbada da democracia portuguesa que foi o ataque global da reacção comandada pelo PPD e o CDS, uma vez mais se confirmou que a única força política que luta consequentemente em defesa dos trabalhadores e das camadas laboriosas da população, em defesa das liberdades e das outras conquistas da revolução, em defesa do regime democrático consagrado na Constituição, o único Partido que apresenta um programa claro, soluções adequadas à situação nacional, uma política capaz de garantir a melhoria das condições de vida do povo, o desenvolvimento da economia e a independência nacional, é o Partido Comunista Português.

● Na hora presente, o grande objectivo político é a vitória eleitoral das forças democráticas e do PCP e, como resultado, a constituição de um governo no qual, na base de um acordo ou plataforma, o PCP esteja disposto a assumir as suas responsabilidades.

O CC do nosso Partido resolveu, na sua reunião plenária do dia 6, a realização, antes das eleições, de uma Conferência Nacional do Partido em que será elaborado e aprovado o Programa Eleitoral do PCP.

Não somos dos que têm sempre nos lábios a palavra «democracia» e visam instaurar uma nova ditadura. Não somos dos que escrevem no seu programa «sociedade socialista» e procuram na prática a restauração do capitalismo monopolista.

Em unidade com todos os democratas que se queiram unir aos comunistas, o PCP luta e lutará para a defesa, consolidação e continuação do regime democrático consagrado na Constituição, tendo no horizonte, como objectivo emancipador, uma sociedade de liberdade, de abundância e de cultura, uma sociedade sem exploradores nem explorados, a sociedade socialista.

Ao contrário de outros partidos não é o ódio que inspira a nossa acção, mas o amor ao povo e à pátria.

A alternativa democrática que propomos é um projecto de trabalho, de esforço, de cooperação, de mobilização, de confraternização democrática e popular.



Não é circo, é o halterofilismo no auditório 1



## Artes plásticas na Festa

Aberta a um público único que é o da Festa do «Avante!» — gente de todo o País, de todas as idades, condições sociais e culturais —, a Bienal de Artes Plásticas afirmou-se desde a sua primeira edição, em 1977, como uma exposição diferente de todas as outras. A sua singularidade deriva não só do seu público, como do próprio espaço plural que cria, possibilitando e incentivando o encontro de artistas de todas as correntes, expressões e técnicas.

A realização de uma exposição deste tipo revela o interesse dos comunistas pelas artes e o seu empenhamento em trazê-las ao convívio de milhares de pessoas que não frequentam os circuitos tradicionais das exposições e galerias. Por outro lado, velando sempre pela qualidade dos trabalhos expostos, a Bienal da Festa do «Avante!» nunca reflectiu a preferência por uma determinada opção estética, como se prova pela rica diversidade de obras e de artistas que passaram pelas suas várias edições.

Como afirmou Álvaro Cunhal, no encerramento, em Junho de 1978, da 1.ª Assembleia de Artes e Letras da ORL do PCP: «Um partido como o nosso, capaz de todos os sacrifícios para libertar o homem, luta necessariamente para libertar o artista. Quando a própria revolução é a realização de sonhos milenários, como poderia o nosso Partido, força revolucionária que é, cortar as asas ao sonho?»

### Bienais em revista

A primeira exposição de artes plásticas realizou-se na 2.ª edição da Festa do «Avante!», em 1977, no Vale do Jamor, onde mais de meio milhão de obras dos mais representativos artistas plásticos portugueses estiveram patentes. Da pintura à escultura, passando pelo desenho e pela gravura, a exposição impressionou, tanto pela quantidade como pela qualidade das obras expostas.

Naquele ano, os organizadores optaram por dar um maior relevo a três artistas plásticos, escolhendo João Hogan (pintura), Bartolomeu Cid (gravura) e Jorge Vieira (escultura). Este critério viria a ser seguido em anos posteriores, constituindo uma forma de homenagear o trabalho dos mais importantes artistas plásticos portugueses.

Durante esta importante mostra de arte, foram pro-

movidos ainda vários debates que contaram com a presença de artistas e críticos.

A 2.ª Exposição teve lugar em 1979, desta vez já no Alto da Ajuda, e que os organizadores decidiram tornar bienal na Festa do «Avante!». Nela participaram mais de uma centena de artistas e o artista homenageado foi o escultor Vasco da Conceição.

Dois anos depois, ainda no Alto da Ajuda, a 3.ª bienal volta a juntar mais de 200 artistas, metade dos quais pela primeira vez, representados através dos seus trabalhos. Jovens estudantes de belas-artistas consagrados de Lisboa e do Porto, de Aveiro, Coimbra, Leiria, Alentejo e Algarve, patentearam obras nas diversas modalidades: da pintura à escultura, do desenho à gravura, ao cartaz, à cerâmica e à tapeçaria. Também muito diversificados os materiais e técnicas utilizados: o papel, a tela, a madeira, o barro, o gesso, o ferro, a terracota, o acrílico, o vidro, o plástico, a lã, a estopa, a serapilheira, o óleo, a aguarela, o carvão e o lápis de cera, a fotografia e a fotomontagem, a colagem, a estampagem, a serigrafia, a água-forte, a instalação. Nesta edição, o artista homenageado foi Cipriano Dourado.

Para a 4.ª edição da Bienal, em 1983, foi formada uma Comissão da Bienal, que se definiu como «um grupo de pessoas ligadas às questões das Artes Plásticas, da sua prática, da sua apreciação estética, incumbido da sua organização no espaço (...), com melhores condições de exposição e por isso mais reduzido, com a consequente necessária selecção das obras». A comissão declararia ainda: «pretende-se, mantendo um critério não unilateralista e antes amplamente compreensivo, que a Bienal seja ainda mais estimulante, num confronto de diversas sensibilidades, no encontro saudável de entre artistas conhecidos e desconhecidos, não se deixando contaminar ou pautar pelo mundanismo da «moda» ou pelo apriorismo do «nome feito», antes pondo o acento tónico no seu estímulo final — o prazer humano da descoberta e da fruição de uma arte que, exprimindo a vida, também a desvenda e ajuda a criar».

Naquele ano, a bienal homenageou dois grandes vultos das artes plásticas, ambos falecidos havia pouco: Abel Manta e Carlos

Botelho. A 5.ª bienal seria a última a decorrer no Alto da Ajuda, em 1985. Gil Teixeira Lopes foi o artista homenageado. A retrospectiva de quinze anos de criação de uma das mais destacadas figuras das artes plásticas contemporâneas, era composta de 40 gravuras, trinta delas ostentando prémios nacionais e estrangeiros, que representaram uma síntese do seu trabalho em gravura, desde 1970.

Quem visitou a 5.ª bienal pôde ainda apreciar mais de 470 trabalhos de 250 artistas, número que representou um notável crescimento face à 4.ª exposição de artes plásticas da festa do «Avante!». Novidade nesta edição foi igualmente a exposição internacional da gravura que era composta por 110 gravuras, criadas por 40 artistas plásticos de quatro continentes e 26 países.

Quatro anos depois, na Quinta do Infantado, em Loures, a bienal, na sua sexta edição, regressa à Festa do «Avante!», instalando-se no seu espaço nobre: o Pavilhão Central. Álvaro Perdigão foi o artista homenageado através de uma exposição que reuniu 46 obras entre óleos, aguarelas, monotípias e desenhos de coleções particulares e da sua colecção de autor.

A bienal de 1989 foi ainda oportunidade para o visitante contactar com a pintura soviética de vanguarda. Estiveram representados 12 jovens pintores, esteticamente situados em áreas de vanguarda, autores dos trinta quadros expostos em estatuto de galeria, o que permitia a sua aquisição.

Naquele ano, vieram também da RDA 34 trabalhadores em gravura (de trinta conhecidos artistas), 21 dos quais tinham como tema geral a canção operária alemã. As restantes 13 gravuras eram dedicadas a dirigentes comunistas e operários da República Democrática Alemã.

Já no terreno da Quinta da Atalaia, a 7.ª bienal de artes plásticas realizou-se em 1991, dividindo-se em dois espaços distintos. Um era o salão dos convidados que apresentava uma exposição de arte contemporânea com obras de Helena Almeida, Jorge Pinheiro, Pedro Chorão, Sá Nogueira e Virgílio Domingues. O outro espaço esteve aberto à participação de todos os artistas que revelaram interesse em participar nesta prestigiada mostra de artes visuais.



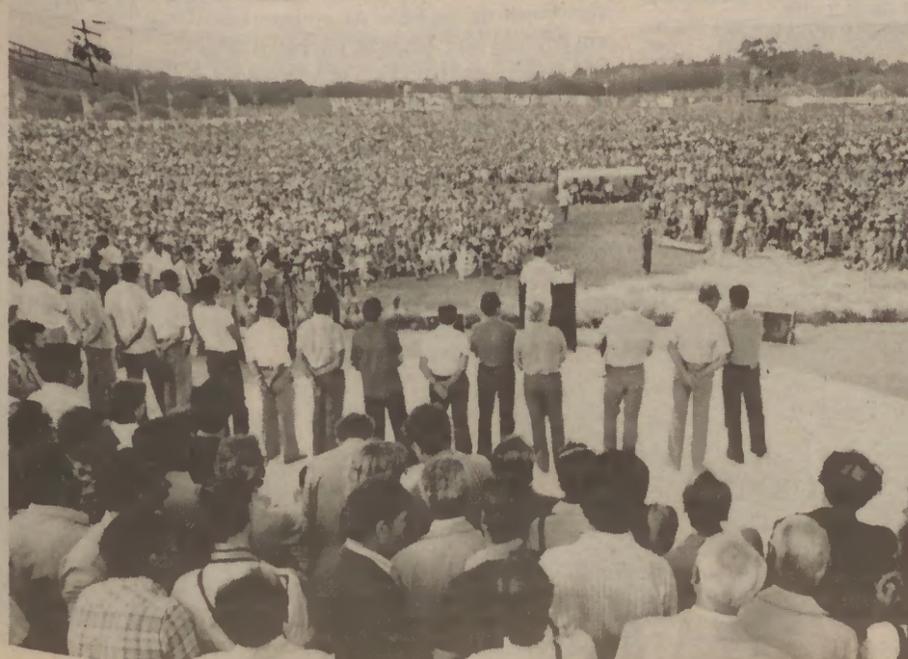
Armindo Rodrigues e a poesia em festa



Da Argentina, Mercedes Sosa



Dos EUA, Richie Havens



Afinal, o maior comício foi na Festa de 1979. Pelo menos, até vir 1980



A corrida de 1991



É à sombra que se está melhor

## Uma Festa com gente dentro

■ Anabela Fino

Olha-se para um prédio e aprecia-se o traço, o estilo, os materiais, a amplitude das janelas. Ouve-se um disco e saboreia-se o som, a pureza das notas, a harmonia. Lê-se um livro e mergulha-se na pele dos personagens, dá-se rédea solta à imaginação, disfruta-se o prazer da aparente facilidade da escrita.

Seja o que for que atraia a atenção, raras vezes se pensa, num primeiro momento, que tal acto criador teve na sua origem gente. Gente igual a toda a gente e todavia única, com sentimentos, com necessidades, com defeitos e qualidades, com sonhos, com desejos, com forças e fraquezas, com dúvidas e certezas, com amores e desamores, capaz de rir e de chorar, que sangra de certeza quando ferida. São coisas tão naturais que nos esquecemos delas. Como ao abrimos uma torneira esparamos que corra a água, só nos apercebemos da sua importância quando falta.

É por isso que nem sempre valorizamos devidamente o que nos rodeia, incluindo a obra feita pelas próprias mãos. A Festa do "Avante!" é disso mesmo um bom exemplo.

Todos os anos, ao abrir das portas, o visitante se defronta com o que é, ao fim e ao cabo, o fruto do trabalho de muita gente. No vocabulário impessoal a que nos acomodámos, chamamos-lhe "organizações", como se com isso estivesse tudo dito. A verdade é que não está.

As tais "organizações" - que o são - vão muito para além do mero somatório de vontades individuais, do número de componentes, da soma das partes, ganhando a sua própria dinâmica e capacidade de intervenção. Mas não seriam nada no preciso momento em que se perdesse de vista o facto elementar de que só se tornam possíveis pela existência de cada uma das suas partes.

A Festa nasce todos os anos do nada, excepção feita às infra-estruturas duradouras que, de ano para ano, lhe sedimentam a operacionalidade, e mesmo essas melhoradas, aperfeiçoadas, adaptadas às necessidades ditadas pela experiência.

Quer isto dizer que, todos os anos, de Norte a Sul do País, nos grandes como nos pequenos centros, milhares de pessoas



Paragem para um breve descanso



Billy Bragg, em 89 sem mãos a medir

programam, discutem, planeiam e dão corpo ao que há-de ser a Festa do "Avante!".

Não se pense que é tarefa fácil.

Em jogo estão factores tão díspares como a capacidade de realização, disponibilidade, meios, objectivos a alcançar, gostos, opções, até mesmo saudáveis despiques regionais, experiências diversificadas e muita, muita imaginação. Sendo este um ano de Bienal, com a vertente da arquitectura como novidade, não foi difícil encontrar um 'mote' unificador da Festa. Em quase todas as organizações regionais se podem encontrar réplicas do património arquitectónico de cada uma, qual bandeira ou cartão de identidade a dispensar outras apresentações.

Mas quantos de nós parámos a pensar no verdadeiro significado de um Pátio Alentejano, uma Torre dos Clérigos, um Arco da Rua Augusta, um barco rabelo? São séculos de História aí representados. E História quer dizer, antes do mais, vida, morte, sofrimento, luta, esperança, intervenção de todo um povo. Um povo de que os



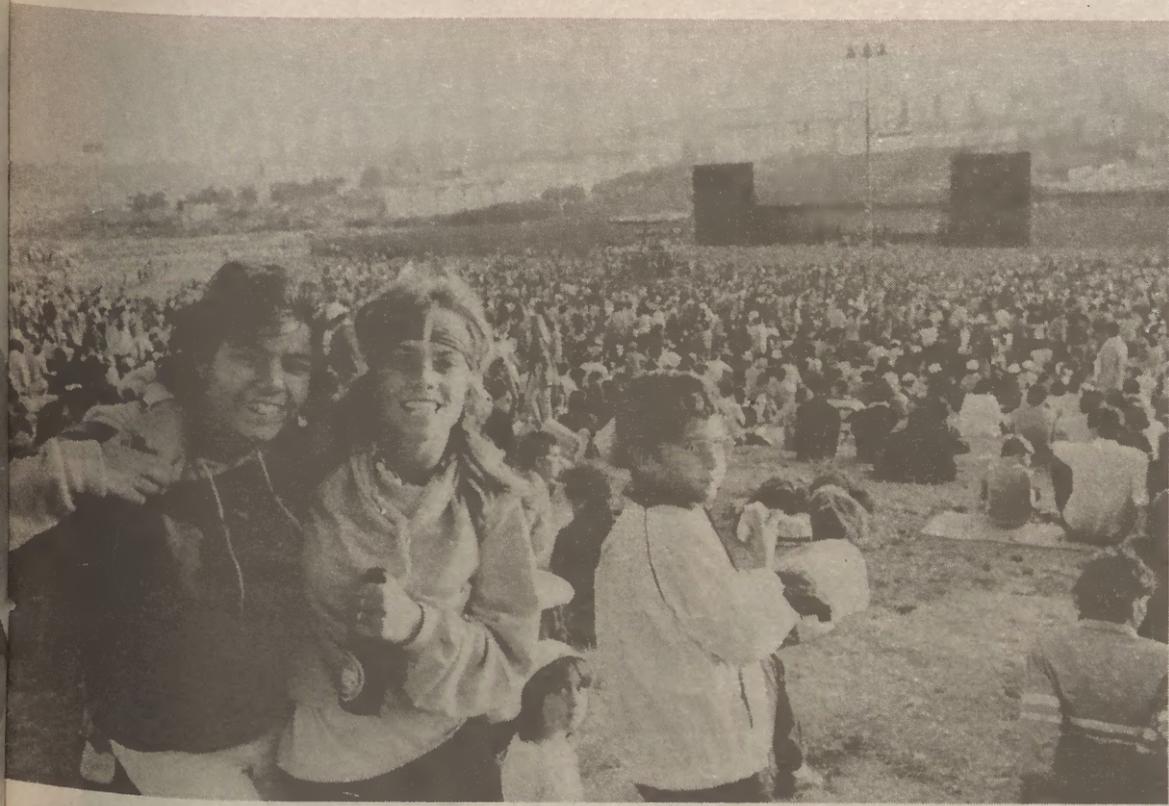
Quem dança seus males espanta?!...



Foi assim, em 85 até parecia a sério



O único barco rabelo com fila de espera



Encontra-se sempre forma de se escapular à família



Encontros, beijos e abraços



«Afinal o que é que toda a gente está a ver? Eu cá não vejo nada!»



«Ó chefe, o brincalhão é aquele ali»



A saudade da terra distante



«Nós e ele somos inseparáveis»



Dez anos de 25 de Abril

comunistas portugueses são parte integrante e indissociável. Tecer uma manta, moldar o barro, esculpir a madeira, fabricar um queijo, apurar um vinho, pintar uma tela, são actos de trabalho que só atingem a sua plenitude quando feitos com amor. Um amor partilhado e transmitido de geração em geração com a certeza de que é a própria identidade cultural que se transmite, para que sobreviva e desenvolva. Para isso são precisas pessoas, em toda a acepção da palavra. Gente que faz e usa as máquinas sem nelas perder o seu sentido de humanidade. Gente que faz a ponte entre o passado e o futuro que se deseja - e por isso se luta - melhor, mais justo, mais fraterno. É dessa gente que é feita a nossa gente, a gente das nossas organizações, cujas raízes estão implantadas profundamente neste solo que é nossa terra e neste povo que é o nosso povo,

desde sempre abertos a outras terras e outros povos desta casa comum que todos habitamos. Ver e viver a Festa é também tomar consciência de tudo isto. É admirar e respeitar o fruto do trabalho colectivo que a tornou possível, na certeza de que cada obra - do balcão de madeira à instalação eléctrica, do empedrado do chão ao fontanário, do prato regional aos espectáculos, da mais modesta decoração à maior obra de arte - só foi possível por essa vontade criadora de que só o ser humano é capaz e que se transcende, transforma e se ultrapassa a si própria quando posta ao serviço de uma causa comum. Não é, nem é suposto que seja, um produto acabado, um produto perfeito. Como não o são as pessoas, por mais puros

e altruistas que sejam os seus ideais. Mas é certamente um produto à medida de cada um e de todos nós, com os defeitos e qualidades que são os nossos, com essa imensa e inesgotável capacidade de começar sempre de novo para com a experiência adquirida fazer mais e melhor. As obras falam por quem as faz. É preciso é saber entender a sua linguagem, as mensagens que transmitem - um pedido de ajuda, um apelo de confiança, uma afirmação de princípios -, os objectivos que visam. Ver a floresta para além da árvore, descobrir a árvore no meio da floresta. Assim é a Festa que as nossas organizações, as nossas gentes, fazem. Para toda a gente que, com olhos de ver, ouvidos de ouvir e sentidos para amar, nela queiram participar.



«Aquilo ali é um espigueiro, sablam?»



«Então está bem, mas a próxima rodada és tu que pagas!»

1980

## Camões e Chico Buarque

«Sei que estás em festa, pá, tanto mar, tanto mar»... Lembro-me e ainda um arrepiado de comoção me recorda o espectáculo inesquecível do Chico Buarque a cantar para uma multidão como nem ele vira nunca, tão amassada e vibrante, frente ao palco. Essa continua para mim como uma das memórias mais vincadas da Festa. Que tem muito mais para lembrar, mesmo se ficássemos apenas agarrados a este Palco 1, onde outro nome grande da canção em língua portuguesa passava pela primeira vez — Zeca Afonso. Nesse palco, para não falar dos outros muitos, passaram bandas populares de músicos anónimos, e nomes como o de Soledad Bravo. Coros alentejanos e as vozes reunidas de Adriano, Fausto, Zeca Afonso, a música de Carlos Paredes e de Alfredo Vieira de Sousa. E tantas outras vozes, portuguesas como a de Luísa Basto e de Sérgio Godinho, ou vindas de longe como a de Maria Farandouri. No Palco 2, em plena Cidade da Juventude — era ainda o tempo da UJC e da UEC que ali se reuniam em festa —, um verdadeiro Festival de jazz tradicional, com os «Dixieland All Stars Berlin», da RDA, os «Royal Rag», da Polónia, os «Benko Dixieland Band», da Hungria, os «Metropolitan Jazz Praha», da Checoslováquia, vindos de países que muito mais tarde viriam a desfazer-se ou a escorregar na derrocada do socialismo a Leste. Eram, então, os músicos que nos visitavam, gente viva e conhecedora da cultura ocidental, e a festa que faziam no palco continuava depois nos caminhos da Festa. Foi uma jornada memorável, a desses três dias. Até um circo

soviético veio abrilhantá-la. Mas nem só de espectáculos se fez. Era o tempo da «AD», de Sá Carneiro e de Freitas do Amaral no poder, que iria repetir a vitória nas eleições desse ano. Um poder de direita, facilitado pelas cedências do PS, mas que encontrava pela frente um Partido Comunista forte dos seus então mais de 187 mil membros, números contados na Conferência Nacional do PCP de Junho desse ano, um Partido que, com os seus aliados, obtivera mais de um milhão de votos nas autárquicas dos finais de 79, e que apresentava ao país uma proposta clara para uma alternativa democrática, proposta que uma grande exposição esclarecia e exemplificava. Nesse ano, as organizações



Do Brasil, Chico Buarque



Um público-multidão

regionais do Partido davam um salto qualitativo na sua participação, qualidade que cada vez mais vieram a individualizar não apenas nos seus aspectos gastronómicos, mas na forma como se apresentavam, na arquitectura que definiam para os seus pavilhões. Foi ainda um bom ano para outras iniciativas culturais, assinalado por uma exposição sobre Camões, na passagem do IV Centenário da sua morte; com a grande exposição de arte popular onde se podia adivinhar o dedo do nosso amigo Giacometti que também já partiu do nosso convívio deixando a memória da sua camaradagem e um trabalho gigantesco no domínio da etnografia em Portugal. O ano de 1980, pelo que recordo, foi das melhores «colheitas» de sempre. A não nos deixar fazer menos, a desafiar-nos para melhor.



■ LM Toca a banda das mulheres

Álvaro Cunhal  
no comício

## «A falsa alternativa»

● Brevemente será fixada a data da realização das eleições para a Assembleia da República.

O nosso Partido defendeu a data de 28 de Setembro, única que permite que sejam cumpridos os prazos constitucionais e legais relativos às eleições tanto para a Assembleia como para a Presidência da República.

A maior parte dos outros partidos pronunciou-se pelo 5 de Outubro. É possível que venha a ser essa a data escolhida.

Em qualquer caso estamos a pouco mais de dois meses das eleições.

É necessário que todos os portugueses tenham uma ideia exacta da transcendente importância das próximas eleições para a Assembleia da República.

Se acaso a Aliança reaccionária voltasse a alcançar a maioria de deputados, a situação tornar-se-ia ainda muito mais complexa e perigosa.

Sem dúvida que a luta continuaria, que o Povo português faria corajosamente frente à nova situação, que a reacção acabaria por ser derrotada. Mas, no imediato, uma nova maioria «AD» na Assembleia significaria quase inevitavelmente a continuação do governo Sá Carneiro, o agravamento ainda mais veloz e cruel das condições de vida do povo, limitações progressivas das liberdades e direitos dos cidadãos, e uma ofensiva ainda mais violenta, para liquidar as conquistas democráticas, para restaurar o poder dos monopólios e latifundiários, para instaurar uma nova ditadura.

É pois tarefa imperiosa de todos os democratas actuar, desde já, com todas as suas forças, as suas energias, a sua capacidade, para assegurar a derrota da Aliança reaccionária nas próximas eleições.

● O nosso Partido nunca negou a legitimidade institucional de se formar um governo com partidos que, nas eleições, obtêm uma maioria de deputados na Assembleia da República.

Não negámos a legitimidade de serem chamados a formar governo os partidos da Aliança reaccionária depois de terem conseguido nas eleições intercalares de 1979 maioria, embora escassa e precária, na Assembleia da República.

Mas a Aliança reaccionária perdeu a legitimidade para governar na medida em que adoptou como norma de governo o desrespeito e a violação sistemática da Constituição, o desrespeito e a violação sistemática da legalidade e dos mais elementares princípios da vida democrática.

A Aliança reaccionária perdeu a legitimidade para governar desde que, a partir do governo, adoptou como programa e como prática política destruir as conquistas da revolução, praticar todas as violências e arbitrariedades, destruir bens e destruir vidas, e desenvolver uma acção subversiva contra o regime democrático, tendo como objectivo a sua liquidação.

Finalmente, a Aliança reaccionária não tem qualquer legitimidade para estar no poder na altura de eleições, uma vez que desrespeita os mais elementares princípios democráticos e quer fazer das eleições uma mascarada.

Por tudo isso, o PCP, com milhões de portugueses e portuguesas, reclama a demissão o mais rapidamente possível do governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral.

● Ao contrário do PS, que «exige» a demissão do governo, mas recusa a acção que conduza a esse resultado, o nosso Partido continuará a reclamar que se demita ou seja demitido o governo Sá Carneiro, que Sá Carneiro vá para a rua o mais depressa possível.

E se até às eleições para a Assembleia da República, o governo reaccionário não for demitido ou não se demitir, então é necessário, que votando contra a «AD», votando nas forças democráticas, votando PCP e APU, colocando a «AD» em minoria e assegurando uma maioria democrática, o Povo português o demita de facto através do voto.

● A Aliança reaccionária parece querer ligar a campanha eleitoral para a Assembleia da República à pré-campanha para a Presidência.

Outras forças preparam a apresentação de candidaturas para as presidenciais antes das eleições legislativas.

Diferentemente, o nosso Partido tem insistido em que a tarefa fundamental do momento presente é preparar a derrota da «AD» e a vitória democrática nas próximas eleições para a Assembleia da República.

Como as candidaturas para a Presidência dependerão em larga medida dos resultados das eleições legislativas, o nosso Partido só depois das eleições legislativas definirá a sua posição a respeito da candidatura às presidenciais.

● Voltando às legislativas, a derrota da Aliança reaccionária, reduzida de novo a uma minoria na Assembleia da República, só por si, terá profundas consequências na vida política nacional. Representará a demissão, sem apelo nem agravo, do governo fascizante PPD/CDS, se até lá não se demitir nem for demitido.

● Mas a derrota da Aliança reaccionária nas eleições, só por si, não definirá qual a alternativa democrática que decorrerá das eleições.

Ficando os partidos reaccionários em minoria na Assembleia da República isso quer dizer que os partidos democráticos ficam em minoria. Mas que maioria poderá constituir uma alternativa?

O conhecimento, por muito superficial que seja, do actual quadro político português, dos resultados das anteriores eleições e da evolução da situação política conduz a uma conclusão indelmentável: nenhum partido democrático sozinho (como nenhum partido reaccionário sozinho) está em condições de alcançar a maioria absoluta dos votos nem a maioria dos lugares na Assembleia da República.

● Uma maioria democrática na Assembleia, que dê base de apoio para a formação de um governo democrático, terá necessariamente de compreender comunistas e socialistas.

E sendo assim, qual é o voto seguro, o voto certo, o voto útil, na democracia, na maioria democrática, na alternativa democrática?

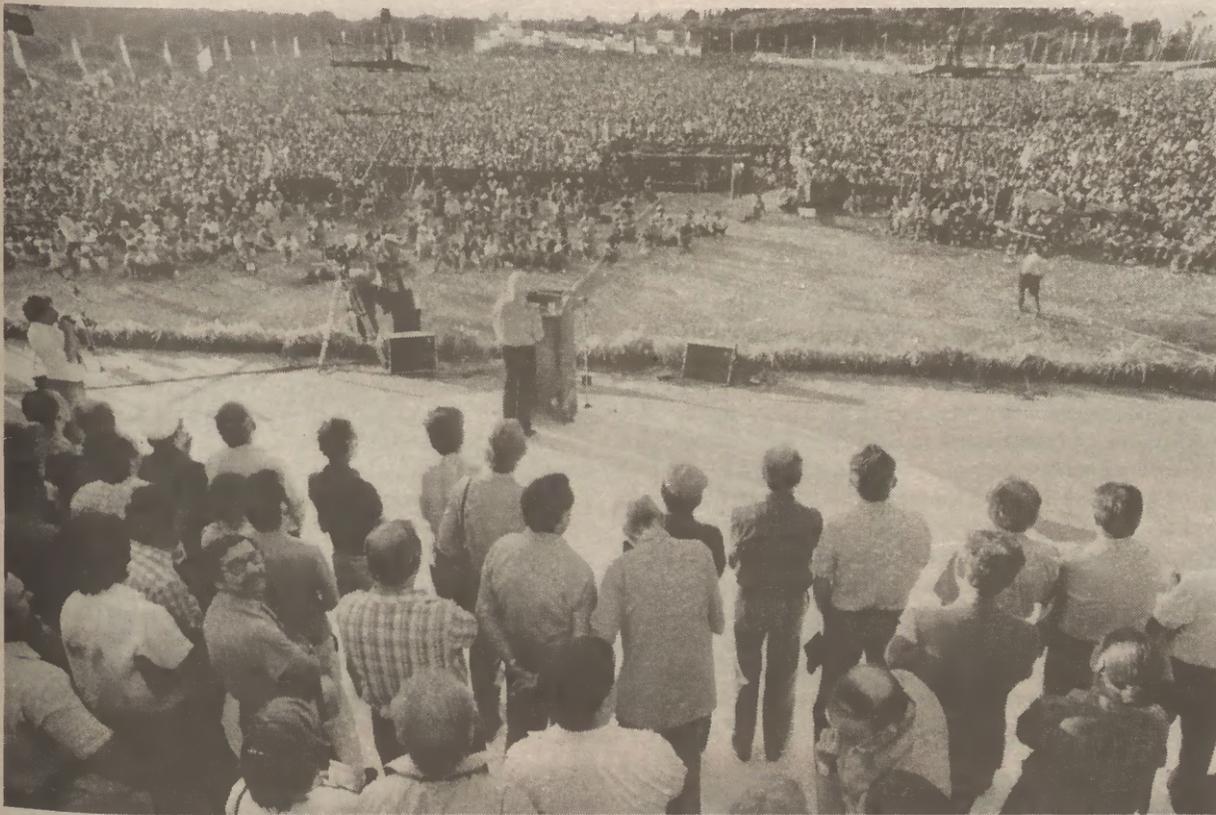
Será no PS e na FRS como dizem os seus propangandistas? Não. O voto no PS, na FRS não é seguro, nem certo, porque o PS se recusou até hoje a encarar a única maioria possível, a única alternativa democrática possível — a maioria e a alternativa com o PCP.

Se acaso (como pretendem os dirigentes do PS) o PS ganhasse votos à APU contribuiria esse facto para possibilitar uma alternativa democrática?

Não. Um tal resultado animaria tendências na direcção do PS para insistir na recusa de um entendimento com o PCP e para procurar novamente entendimentos e alianças com a direita, concretamente com o PSD.

O reforço do PCP e da APU, o aumento do número de votos e de deputados do PCP e da APU, é uma condição para impedir novas alianças do PS com a direita, para que o PS finalmente compreenda a necessidade de uma aliança à esquerda contra as forças reaccionárias derrotadas nas eleições.

Na maioria de deputados democráticos, quanto mais forte for a APU relativamente à FRS, quanto mais forte for o PCP relativamente ao PS, maiores são as possibilidades de transformar a maioria numérica de comunistas, socialistas e outros democratas, numa maioria democrática real que sirva de suporte à formação de um governo democrático.



E este foi o comício de 1980



Cabeças que não servem só para pôr chapéus



«Esconder a colher, vá lá, mas e o garfo?..»



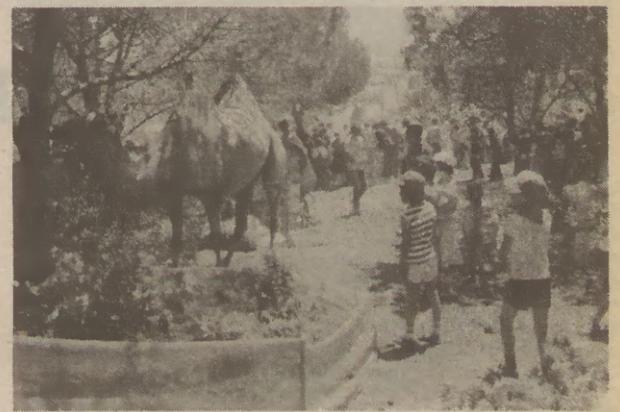
Entre outros e ao lado de José Afonso e Carlos Paredes, estiveram no sábado à tarde Júlio Pereira, Fernando Alvim, Fausto, Adriano Correia de Oliveira, Alfredo Vieira de Sousa



Todos pela igualdade, para a conquistarmos



Posições... de descanso, claro



Mas como é que este camelo aparece aqui?



Passados 46 anos...



Arte para milhares de olhos

1981

## A memória dos outros



Álvaro Cunhal na 3ª Bienal, pouco após a abertura da Festa

**D**esta vez não estive lá. Não fiz gazeta ao trabalho, o trabalho foi outro e lá fui de abalada até Itália participar na Festa do «Unitá», onde fiquei durante as três semanas que, então, a iniciativa do jornal do que era o PCI durava. Em Turim ia contando a amigos italianos — mal informados que estavam sobre o PCP (julgavam-nos perigosíssimos estalinistas, gente monolítica e fechada, terceiro-mundistas fora de moda porque não aderíamos ao eurocomunismo e tínhamos o atrevimento de o criticar) — ia contando como éramos, como pensávamos e fazíamos, como era a nossa Festa. E escondia, por delicadeza, a vontade de vir a correr à Ajuda...

Mas lembro-me da Festa, quase como se lá tivesse estado, os amigos não deixaram de me contar.

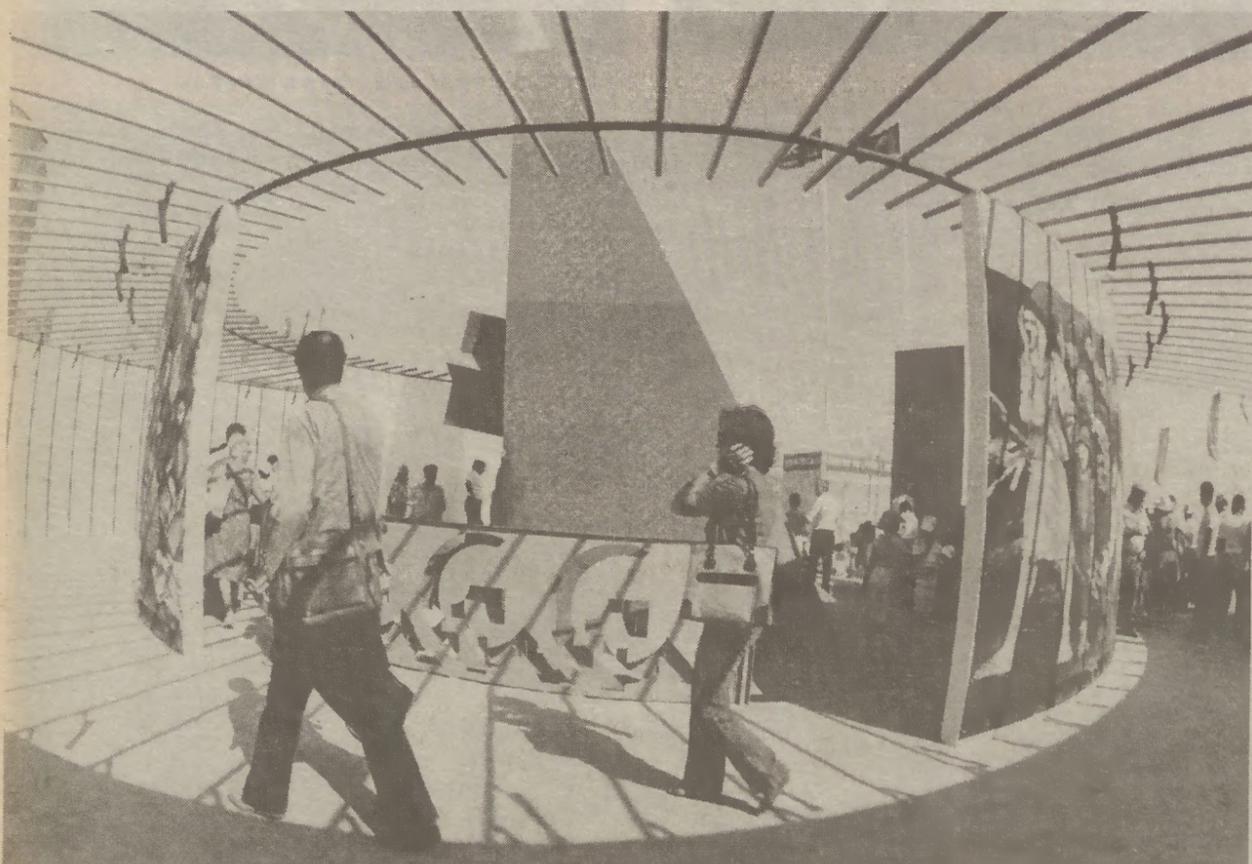
Tendo participado, como tantos camaradas, também ajudando na montagem da Exposição dos 60 anos do Partido e dos 50 do «Avante!», não me custa imaginar o interesse que a adaptação feita da grande exposição realizada no Pavilhão dos Desportos, visitada por tantos

milhares de pessoas, produziu nos muitos milhares de visitantes desse ano, na Ajuda.

Era, entretanto, ano de Bienal. A terceira (já), com a participação de mais de 200 artistas, alguns deles muito jovens a par de nomes já bem firmados no panorama plástico do país. A Bienal incluía uma exposição-homenagem a Cipriano Dourado, cujas doces litografias e desenhos marcam uma época da arte em Portugal. Outras homenagens da Festa — a Fernando Lopes-Graça. E ao poeta José Gomes Ferreira, aquele que dizia que um alentejano nunca cantava sozinho e foi uma das vezes que ajudou a cantar a Revolução de Abril.

A novidade de 1981 — a par de novidades sempre em cada iniciativa — foi a do Estúdio de Rádio e TV onde, ao vivo, trabalharam profissionais da rádio e da televisão. Outra novidade ainda, que ninguém se esqueceu de me contar então: o desfile de Marchas Populares dos Bairros de Lisboa, no recinto da Festa,

■ LM



60 anos do PCP: um monumento aberto



60 anos do PCP: um enorme bolo de aniversário

Álvaro Cunhal  
no comício

## «A "AD" retoma plano subversivo e golpista»

Desbravámos o matagal do Jamor. Despedregámos e terplanámos a encosta bravia deste Alto da Ajuda. Urbanizámos, construímos infra-estruturas, investimos recursos materiais e recursos humanos. A realização da Festa do «Avante!» tem tão manifesto significado nacional que qualquer Câmara digna dum país democrático teria a obrigação de nos garantir desde já o terreno para os próximos anos. Mas a Câmara «AD» já anuncia que para o ano não nos cederá o terreno.

Uma tal decisão é uma ofensa ao nosso povo, um atentado contra a cultura, a alegria e a liberdade.

Mas que não se iluda a reacção. A realização da Festa do «Avante!» já não é apenas a causa dos comunistas. É a causa dos trabalhadores, dos democratas, do povo de Portugal.

● Nas mãos da reacção, os meios de comunicação social fizeram um esforço gigantesco para procurarem demonstrar que a crise foi, no fim de contas, apenas um problema de divergências internas da «AD» e que essas divergências é que estariam na origem da crise do governo. Ultrapassadas as divergências com a formação do novo governo «AD», a crise estaria ultrapassada.

A verdade é, porém, bem diferente.

A crise da «AD» e a crise do governo «AD» têm causas profundas: são consequência directa (que era previsível e foi prevista pelo PCP) da crise económica, social e política resultante da actuação da «AD» no governo e na Assembleia da República e da vastíssima e firme resistência dos trabalhadores e das massas populares.

● A formação do novo governo «AD» adia uma solução democrática para a crise. Mas não a dispensa nem dispensará.

Não tardará muito, que o novo fracasso da política do governo «AD», o agravamento de todos os problemas nacionais e a luta do povo português não voltem a provocar nova crise na «AD» e no seu governo. Não tardará muito que não voltem a colocar-se os problemas que agora exigiram e exigirão no futuro o afastamento da «AD» do governo e uma saída democrática para a crise económica, social e política provocada pela política e a actuação dos partidos reacçãoários nos órgãos do poder.

● Mário Soares e o PS defenderam e facilitaram a formação do novo governo «AD».

O PCP, uma vez mais nesta crise, reclamando que a «AD» fosse corrida do governo mostrou ser o mais consequente e

firme defensor do povo, da democracia, da política portuguesa.

Os trabalhadores, o povo, os democratas uma vez mais tirarão destes factos as necessárias lições.

Não há apenas a esperar, com a formação do novo governo «AD», todos os malefícios apontados como resultado certo de que será a sua política e actuação.

Há ainda a esperar que o governo retome, com as adaptações impostas pela nova conjuntura, o plano subversivo da liquidação do regime democrático desenvolvido ao longo de 1980 pelo governo Sá Carneiro/F. do Amaral e que foi travado e impedido de consumar-se com a estrondosa derrota da «AD» nas eleições presidenciais de 7 de Dezembro.

Depois da derrota do general Soares Carneiro a «AD» teve que adaptar-se à derrota. Freitas do Amaral estava demasiado comprometido na guerra ao Presidente da República para poder nessa altura entrar no governo.

Um novo Primeiro-Ministro com maneiras mais polidas e dialogantes foi uma mudança de fachada, mas não uma mudança da política de fundo.

● A revisão inconstitucional da Constituição representa, no novo contexto criado com a formação do novo governo «AD», ainda um perigo maior do que representou com o governo anterior.

A «AD» não tem os dois terços para eliminar da Constituição os artigos relativos às conquistas socioeconómicas da revolução portuguesa. Não tem para isso (assim o esperamos) os votos dos deputados socialistas. Mas (se olharmos os projectos de revisão do PS apoiado pela UEDS e pela ASDI) a não haver nova reflexão dos deputados socialistas, a «AD» disporá, com os votos do PS, dos dois terços necessários para liquidar o Conselho da Revolução e libertar-se assim do veto por inconstitucionalidade das suas leis, e para retirar e passar para o governo poderes essenciais do Presidente da República como o de demitir o governo e de nomear os chefes militares.

Manter-se no governo e em maioria na Assembleia da República, imobilizar e fazer depois desaparecer o Conselho da Revolução, encostar à parede o Presidente da República, tirar-lhe os seus poderes essenciais, conseguir restaurar uma hierarquia militar fascizante — tais são os primeiros objectivos actuais do plano subversivo e golpista «AD» e do seu novo governo.

● Ao insistir na necessidade e urgência de afastar a «AD» do governo e de se encontrar uma alternativa democrática, o PCP insiste também que todos os problemas nacionais, incluindo a crise económica, social e política e a crise do governo podem e devem ser resolvidos no quadro da Constituição, do regime democrático, das instituições.

É característico da situação portuguesa nos últimos anos que são as forças reacçãoárias e os seus sucessivos governos que violam diária e sistematicamente a Constituição e a legalidade democrática e são os trabalhadores, são as massas populares em luta, são as organizações operárias, são os verdadeiros democratas e progressistas, e na primeira linha o Partido Comunista Português, que respeitam escrupulosamente a Constituição e a legalidade e actuam rigorosamente no quadro do regime e das instituições.

São as forças reacçãoárias e os seus sucessivos governos que desenvolvem a conspiração e a subversão e são as forças progressistas que defendem a ordem democrática.

Várias vezes declaramos não excluir que a demissão do governo e uma solução democrática para a crise pudesse ser encontrada sem a dissolução da Assembleia da República. Experiências dos anos passados mostraram já que isso é possível. E pensamos que, não sendo fácil, também não era impossível na situação concreta criada pela crise e da «AD» dos últimos meses.

Mas, afastada tal possibilidade, uma outra possibilidade constitucional, legal, legítima e democrática, existiu e existe: a dissolução da Assembleia da República e a convocação de eleições no prazo de 90 dias.

● A situação nacional chegou a tal ponto que o governo necessário já nem necessita de ser apelidado de governo de esquerda, ou de governo democrático. Basta que lhe chamemos um governo português, com uma política portuguesa, ao serviço do povo português e de Portugal.

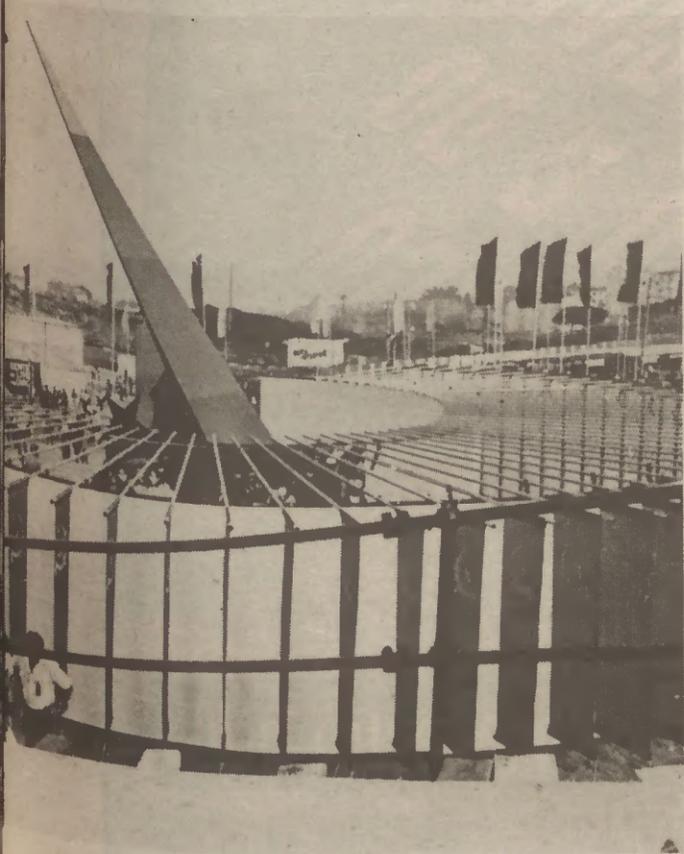
O PCP tem lutado, luta e lutará para que estes objectivos sejam alcançados. Para isso, exercendo plenamente todos os direitos que lhe confere a Constituição da República, organizará e promoverá a luta decidida dos trabalhadores e das massas populares, a unidade e a luta de todos os democratas e patriotas portugueses, que querem impedir o regresso ao passado fascista e querem assegurar que prossiga Portugal de Abril.



Do Brasil, Ivan Lins



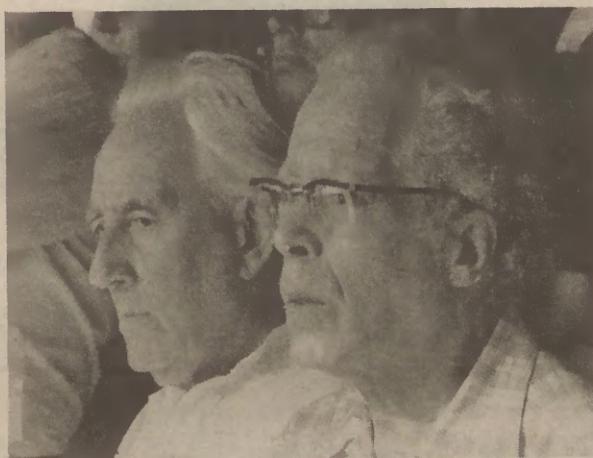
60 anos do PCP: uma exposição histórica



No comício, a afirmação da luta de massas no combate ao Governo da AD



Arte popular ao vivo



José Gomes Ferreira e Fernando Lopes Graça foram homenageados na Festa de 1981



De Cuba, Los Irakere



Acrobacias de ginastas, dos melhores do Mundo



Martinho da Assunção



Uma homenagem na 3ª Bienal de Artes Plásticas

FESTA 1993  
Avante!

# Sessões de Autógrafos

(escritores já confirmados)

- Alexandre Babo
- Alice Vieira
- José Manuel Mendes
- José Saramago
- Mário Castrim
- Modesto Navarro

# Livros das seguintes editoras

- Antígona
- Ática
- Avante!
- Caminho
- Contexto
- Edições 70
- Escritor
- Livros Horizonte
- Livros do Brasil
- Oiro do Dia
- Pergaminho
- Presença
- Pública
- Quetzal
- Terramar
- Ulmeiro
- Vega
- Meribérica



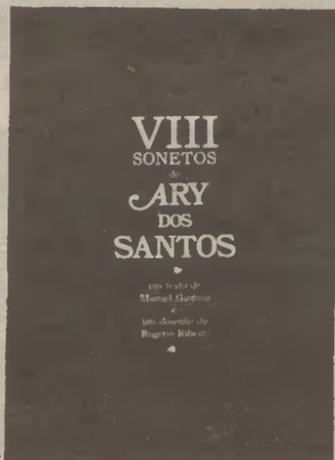
## Visite a Exposição «A Vértice e o Neo-Realismo 50 Anos Depois»

(Cedida especialmente pelo Museu do Neo-Realismo de Vila Franca de Xira) e aproveite as Promoções Especiais dos seguintes títulos

Tempo de Solidão	Manuel da Fonseca	<del>1470\$00</del>	1030\$00
O Muro Branco	Alves Redol	<del>3045\$00</del>	2130\$00
Obra Completa	Carlos de Oliveira	<del>5985\$00</del>	4200\$00
A Nau de Quixibá	Alex. Pinheiro Torres	<del>1640\$00</del>	1175\$00
Até Amanhã, Camaradas	Manuel Tiago	<del>1260\$00</del>	880\$00
Novo Cancioneiro	Vários autores	<del>2830\$00</del>	1980\$00
Barranco de Cegos	Alves Redol	<del>3340\$00</del>	2000\$00
Obra Completa	Soeiro Pereira Gomes	<del>4410\$00</del>	3090\$00
Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca	Garcez da Silva	<del>1470\$00</del>	1030\$00

30%  
Desconto

## Mais barato que em qualquer outro local!



Desenhos da Prisão  
~~3360\$00~~ 1500\$00

55%  
Desconto

VIII Sonetos  
~~2730\$00~~ 1200\$00

ALVARO CUNHAL  
desenhos da prisao

II Série



## CAMINHO DE BOLSO

Policial e Ficção Científica

1 exp.	<del>760\$00</del>	500\$00
3 exp.	<del>2280\$00</del>	1400\$00
5 exp.	<del>3800\$00</del>	2200\$00
10 exp.	<del>7600\$00</del>	4000\$00

(Só do nº 1 ao nº 150 da colecção)

## SALDOS

Fins de Edição

200\$00	300\$00
500\$00	700\$00

Livros de qualidade a baixo preço!

## História do Mundo



Sessenta Séculos num Mapa de Parede  
A história do mundo inteiro num livro que se desdobra e fica com 3 metros de comprimento.

~~4095\$00~~ 2900\$00

PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

1 -	<del>1400\$00</del>	1000\$00
4 -	<del>5600\$00</del>	3000\$00



Livros cartonados, com ilustrações a cores e textos muito simples e informativos. Edição com o patrocínio da UNESCO.

Discos - CD's - Brinquedos - Mochilas  
Malas Escolares e Estojos Escolares

1982

# Uma festa molhada

A medida que os anos passam e a Festa ganha raízes, o seu planeamento vai-se refinando, a experiência vai possibilitando novas ideias. Assim aconteceu com as organizações regionais e sectores de actividade do Partido, que foram melhorando a sua apresentação, introduzindo novidades e reflectindo também novas estruturas regionais — a antiga Organização Regional do Norte subdividiu-se, o mesmo tendo acontecido com as Beiras, com o Oeste e Ribatejo, mais tarde com o Alentejo. Deste ano, por exemplo, recorde a grande exposição que Lisboa realizou na Ajuda, dividida em três partes — a luta de massas, a Comunicação Social e as autarquias. E o tema central que a OR de Setúbal escolheu — o trabalho nas autarquias, com uma mostra das principais realizações no distrito cujas câmaras eram todas, nesta altura, de maioria APU.

As autarquias, o trabalho autárquico, foi, de resto, o prato-forte de todas as exposições, tema também escolhido para o Pavilhão Central, onde se podia encontrar mesmo um «Museu da Autarquia», mostrando não apenas a evolução administrativa do país, com documentos e forais antigos, mapas e fotografia, mas também velhas peças do trabalho de serviços municipais — uma velha carroça de recolha de lixo, um antigo carro de bombeiros. E lembram-se do coreto que, mesmo no meio do espaço central, animou toda a gente com a actuação de bandas e de ranchos? Dois auditórios, integrados no Pavilhão Central, tiveram um horário cheio — o primeiro com teatro e folclore, o

segundo com numerosos debates sobre questões autárquicas.

Entretanto, o desporto e os jogos ganhavam cada vez mais importância na Festa, com a construção de um Polivalente onde as exposições de ginástica se sucediam a torneios de futebol, enquanto que um pavilhão de xadrez e damas atraía muitos praticantes e curiosos, com torneios internacionais que nesse ano tiveram a participação de Iuri Averbaj. Os jogos tradicionais também nessa altura já eram tradição no terreno da Ajuda.

Foi também o ano dos grandes restaurantes centrais, isto para não falar apenas de política e de actividades culturais, embora já nesse tempo houvesse quem defendesse o carácter cultural dos comes-



«Pois é, camarada, não trouxemos guarda-chuvas...»



Outros tempos na exposição do poder local

Foi o ano em que encontrei de novo o «Oktoberklub». Todos estávamos mais velhos, depois da primeira Festa de 1976. Todos nos reconhecemos. Era no tempo em que os artistas e grupos estrangeiros, uma primeira vez tendo visitado a nossa Festa, faziam os impossíveis por tornar ao nosso convívio. Como assim vem sendo sempre. Foi, finalmente, o ano em que a Festa teve lugar em Julho. Com uma chuvada que ia comprometendo tudo e chegou a interromper espectáculos e a fazer perigar algumas das peças mais valiosas da exposição. Felizmente, a água foi, para muitos, apenas motivo de brincadeira, com alguns visitantes mais atrevidos a escorregar na lama das encostas mais íngremes da Ajuda. Lavado o terreno, o comício final foi de novo um êxito, com milhares de pessoas sem arrear pé...



Quase na hora do comício

e-bebes. E era verdade. Na Festa vim a descobrir muitos sabores, receitas que vinham de todos os cantos do país, com a personalidade marcada por quem os confeccionou, pelo saber de quem, ao longo do tempo, lhes veio juntando o tempero da História...

A música popular portuguesa enriquece-se, este ano, com a vinda, pela primeira vez, de Rui Veloso. Era ainda o tempo do Chico Fininho que toda a gente já sabia de cor, com a batida rock a puxar para o blue. É também o ano em que a Orquestra de Jazz do Hot Club vem à Festa, com um valente espectáculo no Auditório, e em que Rão Kyao trouxe o seu sax ao Palco 1. E em que Baden Powell trouxe do Brasil as suas músicas tristes, a saber a infância vivida lá no morto.

■ LM

Álvaro Cunhal  
no comício

## «A revisão "AD" e do PS é atentado contra a Constituição»

● O imperativo da demissão do Governo «AD» torna-se mais instantâneo por cada dia que passa, porque, por cada dia que passa, o Governo dá novos passos no tortuoso caminho do arbítrio, da ilegalidade, do abuso do Poder, da destruição das conquistas populares e da conspiração contra o regime democrático.

● Nós, comunistas, trouxemos a discussão da revisão da Constituição do segredo dos gabinetes para a rua.

Nós desvendámos o plano da «AD» de obter através da revisão da Constituição os instrumentos necessários para tentar ulteriormente liquidar o regime democrático.

Nós desmascarámos perante o Povo português o significado, o alcance, as consequências, os perigos da vergonhosa aliança de Mário Soares e outros dirigentes do PS com a «AD» para a revisão inconstitucional da Constituição.

Os factos têm comprovado inteiramente (mesmo aos olhos dos menos crédulos) as análises, as previsões e as prevenções do nosso Partido.

Agora porém não se trata já só de previsões.

Agora as alterações à Constituição estão a ser discutidas e aprovadas na Assembleia da República.

Tal como tínhamos advertido, a questão fundamental em jogo na revisão respeita ao poder político, e, no que respeita ao poder político, as alterações fundamentais são o desaparecimento do Conselho da Revolução, a indicação das chefias militares e o controlo das Forças Armadas pelo governo, a redução radical dos poderes do Presidente da República e a constituição de um Tribunal Constitucional com uma composição determinada essencialmente pela «AD».

● Os actos preparatórios do golpe de Estado estão assim a consumir-se.

É uma verdadeira traição à democracia a aprovação destes artigos por deputados do PS. E é inadmissível que os outros órgãos de soberania se mantenham passivos perante tal situação.

Já se tem afirmado que o Presidente da República não quer prejudicar os trabalhos da revisão da Constituição.

Se se tratasse dum revisão constitucional, legal, normal, no quadro do regime, tal atitude seria correcta.

Mas a revisão que a «AD» e o PS estão a fazer não tem essas características. Esta revisão é um atentado contra a própria Constituição, contra a legalidade, contra o regime democrático.

Esta revisão é um dos elementos do verdadeiro golpe de Estado que a «AD» está procurando levar a cabo e que tem

como primeiros objectivos o Conselho da Revolução, o Presidente da República e as Forças Armadas.

Por isso, o interesse do regime democrático é não só prejudicar como impedir uma tal revisão.

Além do mais a Assembleia da República com a actual composição não corresponde de forma alguma à opinião do eleitorado. Não é a uma Assembleia da República não representativa e com uma maioria que não respeita no mínimo a legalidade democrática, que pode ser atribuída a competência para alterar a Lei Fundamental do País.

Dê-se a voz ao povo para que uma nova Assembleia da República, saída de novas eleições com a composição política que corresponda com mais exactidão às opções políticas dos portugueses na actualidade, proceda à revisão da Constituição, não para a destruir, mas como é seu dever, para reforçar o regime democrático.

É que na base da nova Assembleia se forme um governo que sirva não os legítimos interesses e privilégios duma restrita minoria, mas os interesses do Povo português e de Portugal. (...)

● As medidas que propomos para a solução da crise são constitucionais, são legais, são perfeitamente legítimas, assentam em justificações e razões que pecam por excesso e não por carência, correspondem inteiramente aos sentimentos e às reclamações da grande maioria do nosso povo, conforme a poderosa movimentação popular tem eloquentemente mostrado.

Em relação com a revisão da Constituição fazemos novo apelo aos deputados do PS e a outros deputados democráticos, para que tomem consciência do perigo das alterações segundo o acordo da «AD»/Mário Soares e se recusem a juntar os seus votos aos votos da «AD» numa operação que tem como finalidade a destruição da democracia portuguesa.

Repetimos agora o apelo. Mas segundo os dados de que dispomos e a nossa própria observação, não há que fiar muito na recusa firme a aprovarem as mais perigosas alterações à Constituição muitos daqueles deputados do PS que manifestaram publicamente a sua discordância.

E porque não há que fiar numa tal atitude, há ainda que insistir na imediata aplicação das 4 medidas que o PCP tem defendido: a demissão do governo «AD», a dissolução da Assembleia da República, a formação de um governo de gestão

e a realização de eleições antecipadas no prazo constitucional de 90 dias.

Devemos sublinhar que qualquer destas medidas, isolada só por si, seria um passo mas não poderia solucionar a crise. As quatro medidas, para serem eficazes devem ser estritamente complementares.

Para que não haja equívocos:

Não é só Balsemão que deve ser demitido, deve ser demitido o Governo da «AD» e não para que seja formado outro governo «AD» (com ou sem Balsemão) mas para que seja formado um governo sem a «AD».

Quando reclamamos a dissolução da Assembleia da República, a formação de um governo de gestão e eleições antecipadas, temos em vista a realização de eleições verdadeiramente democráticas.

● É de lembrar aqui que para além da luta presente, temos por diante ainda este ano a grande batalha das eleições para as autarquias.

É certo, camaradas, que a «AD» tomou disposições para impedir ou falsear a genuinidade democrática das eleições.

Anteontem, 6ª feira, dia 2, foi aprovada na Assembleia da República, com a vergonhosa abstenção do PS, uma nova lei eleitoral para as Autarquias, que é uma tentativa de transformar as eleições numa burla eleitoral.

Essa nova lei que infringe princípios constitucionais e é manifestamente ilegal porque o processo eleitoral para as autarquias politicamente já começou, estabelece que em vez de todos os eleitores irem às urnas, vão as urnas a certos eleitores, aos asilos e a outros estabelecimentos para aí se cozinharem as chapeladas. Alarga a permissão do voto acompanhado. Faz inadmissíveis exigências em relação aos símbolos eleitorais, procurando directamente atingir a APU. Discrimina a participação dos independentes. Restringe a propaganda eleitoral. E abre caminho à tráfallice eleitoral admitindo que um partido faça coligações de uma cor política num círculo e coligações de cor contrária noutro círculo. Talvez essa abertura à tráfallice seja a explicação do voto do PS.

O nosso Partido diz não à publicação desta lei inconstitucional, ilegal e antidemocrática que perverte o carácter das eleições.

Ao mesmo tempo iremos para a batalha. E não é para perder, mas para ganhar.

1983

## Revoluções e revolucionários

Encontro com o 6.º centenário da Revolução de 1383/85, na Ajuda. E com outra efeméride, o centenário da morte de Karl Marx. A Festa, comemorando datas do passado, sempre voltada para o futuro. É este o ano em que o Palco 1, já tradicionalmente colocado no alto do terreno, se muda, procurando melhores ventos. Agora, os grandes espectáculos têm como grandioso pano de fundo o próprio Tejo. E o Palco 1 recebe um merecido nome, que vai perdurar nos anos que aí vêm — Palco 25 de Abril, fica a chamar-se. As novidades não param aqui. As avenidas, que vão mudando de nome, acertando com as fases de luta política que os anos atravessam, chamam-se agora Alameda das Conquistas de Abril (duramente ameaçadas), Alameda da Constituição (que é preciso defender dos ataques perpetrados pela direita de conluio com o PS), Alameda da Unidade (que se constrói na luta). Há, pela primeira vez, um «Arraial», onde ranchos folclóricos actuam, enquadrados pelos pavilhões das Beiras. E o Auditório vai chamar-se, a partir de agora, Auditório 1.º de Maio. Grandes exposições, as deste ano, que vai ser assinalado por um Congresso, o X, que será realizado no Porto. Destaque para a exposição sobre Marx, que rodeia um monumento ao fundador da teoria do comunismo científico. E para aquela sobre 1383, recordando os passos mais importantes da Revolução do século XIV em que o povo



Milhares, num grande comício



Do Nordeste, Gonzagão!

participou em lugar destacado, tomando nas suas mãos a defesa da nacionalidade. Estes dois temas foram, entretanto, retomados pelas organizações regionais, cujos pavilhões dedicaram espaço e criatividade na apresentação de exposições próprias, ligando as duas efemérides às realidades de cada zona. Lisboa, por exemplo, apresentava-se com uma praça reconstituindo a cidade da época, onde a «arraia miúda» apoiou determinadamente o Mestre de Aviz. O Alentejo, região que desde a primeira hora participou na Revolução, mostrava imagens evocativas da conquista de castelos pelo povo (Beja, Évora, Portalegre, Estremoz)... Mas as exposições regionais não se ficavam por aqui, destacando cada organização as lutas diversificadas dos trabalhadores e as conquistas do Poder Local nas autarquias onde os comunistas eram maioritários.

Nova Bienal, enriquecendo mais ainda a parte cultural da Festa. A IV edição deste certame homenageia dois grandes artistas plásticos já então falecidos — Abel Manta e Carlos Botelho — cujas obras mais marcantes se mostraram de modo destacado, entre os mais de cem artistas que expuseram. O desporto e os jogos populares tiveram mais uma vez um programa extraordinariamente participado, em redor dos espaços reservados a estas actividades, o



Centenário da morte de Karl Marx



«É tão lindo o meu Partido...»

Polidesportivo e o terreno dos jogos. Mas a ginástica transbordou para o Palco 25 de Abril, com a participação de atletas da URSS, da RDA, da Bulgária. O Palco 25 de Abril continuou a ser o lugar mais atractivo, na competição com os outros seis lugares de espectáculo — é claro que é uma opinião pessoal, compartilhada pelos muitos milhares de espectadores que não descolaram do grande terreiro como sempre que há Festa. A par com artistas portugueses e com o grande programa de ginástica rítmica, a par com o espantoso espectáculo que os cossacos do Cuban proporcionaram, nomes de fama iluminavam as noites. Judy Collins, por exemplo. E Elba Ramalho, acompanhada por um génio — Luís Gonzaga.

■ LM

Álvaro Cunhal  
no comício

## «Governo PS/PSD condenado ao fracasso e à derrota»

● Nos seus primeiros 100 dias, o Governo PS/PSD pode gabar-se de ter imposto com o bombardeamento de novos aumentos de preços a **mais vertiginosa baixa do poder de compra dos portugueses alguma vez verificada.**

● Já alguém pensou que 100 000 trabalhadores com os salários em atraso 6 meses significa que o patronato, pondo a render o dinheiro respectivo, só com tal atraso, mete ao bolso mais de 1 milhão de contos em juros?

O grande patronato reaccionário actua contra os trabalhadores como uma autêntica Máfia e o Governo não só dá a essa Máfia a cobertura do poder, como a empurra, a incita e a protege com leis feitas para dar cobertura jurídica aos crimes.

Os despedimentos em massa sem justa causa convertem-se também agora numa medida legalizada pretextada pela «situação económica difícil» das empresas, ou pela necessidade da sua «viabilização».

A lei dos despedimentos constitui um dos mais monstruosos instrumentos de exploração que vez alguma um governo português pôs nas mãos do grande capital — que aliás o vinha reclamando.

● Já se fala de 50 a 100 mil trabalhadores considerados «excedentários» no sector público e mais de meio milhão no sector privado.

As organizações sindicais calculam que com o Governo PS/PSD, o número de desempregados poderá subir a 1 milhão num curto espaço de tempo.

Mota Pinto atinge as raias do cinismo quando por um lado defende candidamente que «os sacrifícios devem ser distribuídos equitativamente» (13-8-83) e se devem acabar com os «privilegios», mas logo diz que os «privilegiados» são os trabalhadores.

Vê-se que para estes agentes do grande capital, ter um posto de trabalho e receber um salário são «privilegios» que têm de acabar.

● O respeito da Constituição e da legalidade democrática é um dever de todos os cidadãos. É um dever de todos os patriotas. É, antes de mais, um dever do Estado, um dever do governo.

O que se observa entretanto?

Observa-se que o Governo PS/PSD prossegue os métodos e os processos que caracterizaram o governo «AD» como um governo «fora de Lei» e afronta abertamente as instituições.

Quem no fim de contas defende a função democrática e o funcionamento democrático da Assembleia da República?

**Nós, comunistas, temos actuado na Assembleia da República para a dignificação das suas funções, das suas decisões, do seu funcionamento.**

E o governo? Os dirigentes do PS e do PSD?

Quando da revisão da Constituição falaram muito (tal como o CDS) do reforço da componente parlamentar do sistema do Poder.

Mas, uma vez instalados no governo através duma escandalosa série de autorizações legislativas logo privaram a Assembleia da República do exercício das suas competências legislativas, incluindo em matérias da sua competência exclusiva como é o caso de alterações orçamentais, da organização económica do país e das liberdades e direitos dos cidadãos.

Vê-se que o PS e o PSD querem fazer da Assembleia da República (através da obediência da sua maioria de deputados) um coro de bonecos, movidos pelos cordéis governamentais a dizerem permanentemente que sim com a cabeça.

Assim, o Governo PS/PSD afronta os direitos, as competências e a dignidade da Assembleia da República.

● Por que dizemos que o Governo PS/PSD está inevitavelmente condenado ao fracasso e à derrota?

Em primeiro lugar, porque **não só não resolverá como agravará todos os problemas nacionais** como os 100 dias e as «100 medidas» estão já mostrando.

Em segundo lugar, o Governo PS/PSD será derrotado **porque a sua base de apoio social, político e eleitoral se está a reduzir rapidamente e continuará a reduzir-se no futuro.**

Por cada dia que passa milhares de portuguesas e portugueses que iludidos votaram no PS e no PSD engrossam as fileiras dos que combatem a política do Governo.

Aos muitos que decerto se encontram aqui conosco nesta Festa eu daqui saúdo, fazendo sinceros votos para que nos unamos firmemente na base dos nossos interesses comuns e da nossa luta comum.

A «maior maioria» dentro em pouco será uma «maior minoria». Mesmo hoje, se se realizassem novas eleições, estamos certos de que tanto o PS como o PSD sofreriam baixas colossais nas suas votações.

Em terceiro lugar, o Governo PS/PSD fracassará porque a coligação encerra fortes contradições seja entre os dois partidos, seja dentro de cada partido, seja entre cada partido e a sua base de apoio própria.

Em quarto lugar, o Governo PS/PSD fracassará e será derrotado porque defronta e afronta o próprio regime democrático e porque as instituições funcionam e o regime democrático português é rico em potencialidades para a solução de crises políticas.

Em quinto lugar, o Governo PS/PSD fracassará e será derrotado porque encontra por diante o combate do movimento operário e do movimento popular de massas.

O Povo português não capitula. **E é um ensinamento da história que quem se volta contra os interesses e as aspirações fundamentais do seu próprio povo acaba sempre por ser derrotado.**

● Sempre estivemos e continuamos a estar prontos a unir os nossos esforços aos esforços de outros portugueses e portuguesas dos mais variados sectores para encontrar soluções para os grandes problemas nacionais, para trabalharmos em conjunto para a saída da crise.

Mas o PCP jamais aceitará «co-responsabilizar-se» numa política que é da protecção de privilégios do grande capital, que é de fome, que é de miséria para o povo, que é de desastre nacional, que é de ilegalidade, que é de liquidação do que de mais sagrado o nosso povo conquistou com a luta de muitos anos, com trabalho insano, com imensos sacrifícios, com sangue vertido pelos mártires e heróis.

O PCP não é um partido que inscreva uma coisa no seu Programa e faça outra na prática.

● Estamos certos de que o X Congresso do Partido que se realizará no mês de Dezembro na cidade do Porto comprovará o incessante reforço do Partido e o seu papel de primeiro plano na vida nacional, comprovará que é com o Partido, com os trabalhadores e com as massas populares que a crise poderá ser vencida e que Portugal poderá continuar no caminho da liberdade, da democracia, do progresso social, da independência nacional e da paz, aberto pela gloriosa revolução do 25 de Abril.

No quadro do regime democrático em que vivemos, no exercício das liberdades e direitos reconhecidos pela Constituição, o PCP continua e continuará a lutar.



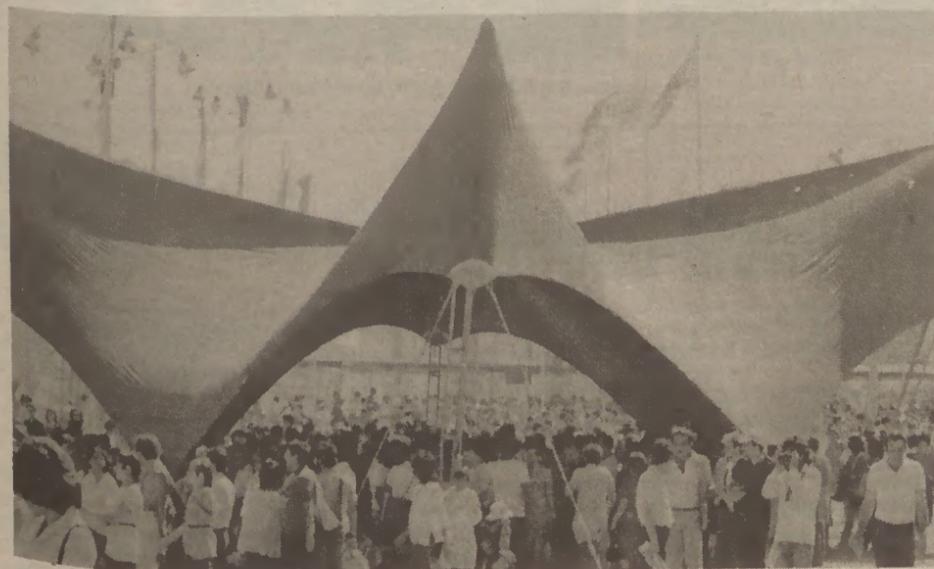
Cosias do «bloco central»...



Uma data presente em toda a Festa



Michel Giacometti, um guia apaixonado



A estrela como ponto de encontro



Toca a banda no coreto...

## Uma Festa mais ■ Miguel Urbano Rodrigues na Cidade da Internacional

O peso da opção internacionalista difere de um comunista para outro. No que me diz respeito, ela contribuiu decisivamente para a mundividência que me levou ao Partido.

Por ter vivido largos anos na América Latina, um fortíssimo sentimento de aversão pelo imperialismo norte-americano foi em mim desde a juventude o complemento natural da compreensão de que ele era — e continua a ser — o grande inimigo da humanidade. Não é de estranhar, portanto, que a Cidade Internacional me tenha aparecido, em cada Festa do «Avante!» como um espaço fascinante na vastidão complexa da maior e mais significativa manifestação cultural e humanista que se efectua em Portugal. A solidariedade ali internacionaliza-se, as fronteiras desaparecem, as línguas e as lutas justapõem-se e fundem-se, a Terra ganha a dimensão da fraternidade.

A Cidade Internacional mudou de ano para ano. Quando evoco momentos vividos no Jamor, na Ajuda, em Loures, ou na Quinta da Atalaia não é a estrutura física da Cidade Internacional, ou deste ou daquele stand que me vem à memória. Aquilo que ficou gravado nas minhas recordações foi sobretudo o enquadramento histórico, as situações, os rostos e as palavras de camaradas e amigos vindos das quatro partidas do mundo, a afirmação de confiança no desenvolvimento de lutas revolucionárias difíceis proclamada em colóquios, na Cidade, por representantes de muitos partidos e movimentos revolucionários.

Assim, no movediço arquivo da memória, a Cidade Internacional, em determinado ano, ficou para mim ligada ao Chile, noutra a Salvador e à Nicarágua, num terceiro à Palestina da OLP, em cadeia que passou permanentemente por Angola, por Timor-Leste, pelo combate ao *apartheid*.

Como qualquer comunista, sinto-me sempre feliz na Cidade Internacional ao redescobrir todos os anos que, ali, gente progressista chegada da Ásia, da África, da América e da Europa entendia imediatamente que o PCP lhe proporcionava um espaço único de diálogo cujos objectivos iam muito além da divulgação das mensagens do seu partido. Era um relacionamento duplo. Ofereciam-lhe na totalidade da Festa o filme do Portugal de Abril, o filme do Partido em luta contra forças sociais empenhadas em restaurar o poder económico de uma minoria e em reduzir ao mínimo as conquistas e direitos dos trabalhadores. E, simultaneamente, outro filme, na própria Cidade Internacional: o

de combate mais amplo, universal, do homem rumo a uma sociedade menos injusta, através de caminhos muito diferentes, recorrendo a variadíssimas formas de luta e opções de desenvolvimento.

A Cidade Internacional tem sido, assim, desde o início, um lugar de encontro excepcional. É um facto que o terramoto que fez ruir o socialismo na Europa lhe alterou a fisionomia, o capitalismo está no Poder em países que se diziam socialistas. Muitos stands que nela representavam jornais irmãos do «Avante!» desapareceram. Outros transformaram-se por força das circunstâncias. Em alguns países, os antigos jornais dos partidos comunistas que estavam no Poder foram fechados ou adquiridos por empresas capitalistas transnacionais.

Impossível também esquecer que a URSS se desagregou em processo de implosão e que o Estado Russo é hoje um dos mais reacconários da Europa.

Mas nestes tempos em que a Nova Ordem Internacional, anunciada por Bush como antecâmara do paraíso futuro, aparece perante a humanidade como uma época de Desordem Internacional crescente, nestes dias, afinal, os profetas do Fim da História e da vitória eterna do Liberalismo começam a perder a confiança. As profecias não estão a cumprir-se.

O comunismo não morreu. Os partidos comunistas renascem em sociedades onde quiseram suprimi-los, porque as situações que motivaram o seu aparecimento se mantêm, agravadas. A luta de classes não acabou. Na Rússia, o Partido Comunista da Federação Russa é já, com 800 000 membros, uma forte organização que amedronta o poder reacconário. Na República Checa, o Partido Comunista avança. Na Lituânia, o partido que congrega os antigos comunistas venceu as eleições. Em algumas repúblicas daquilo que foi a Ásia Central Soviética as forças políticas mais organizadas e coerentes são as que repudiam o actual caos e não enjeitam a herança de sete décadas de socialismo.

\*  
\* \*

Na Cidade Internacional encontro todos os anos homens e mulheres do Leste Europeu que permanecem fiéis ao ideal comunista. Não são cavaleiros da utopia. São revolucionários corajosos que não se deixaram impressionar pelas modas, pelo circunstancialismo da História, por aquilo que, sendo trágico, não deixa por isso de ser efémero.

A Festa do «Avante!» e a sua Cidade Internacional permitem — segundo o comentário que ouvi de um velho camarada russo — «recarregar as baterias, levantam o moral».

Penso que estão certos. O Partido Comunista Português cometeu e tem insuficiências. Mas ninguém pode negar ao PCP o mérito enorme de haver resistido intacto ao vendaval que destruiu ou esfacelou a maioria dos outros partidos comunistas. Essa batalha — a palavra tem cabimento — foi ganha precisamente porque ele permaneceu fiel aos valores, aos princípios e ao programa que lhe justificam a existência. Se tivesse seguido os conselhos daqueles que, para o dividir, pretendiam reformá-lo, estaria hoje desmantelado. O resultado da escolha feita está aí: tendo em conta a população do país e o número de militantes, o PCP é hoje um partido de grande prestígio internacional e dos maiores e mais fortes de entre os partidos comunistas da Europa.

\*  
\* \*

Não visitei ainda a Cidade Internacional. Ao entrar ali, estou certo de que me sentirei em casa, num espaço de solidariedade internacionalista. Será uma alegria grande rever amigos de muitos movimentos e partidos revolucionários.

De Cuba não falo, por desnecessário. A Ilha revolucionária das Caraíbas tem oferecido nos últimos anos o mais belo exemplo de firmeza e coerência revolucionária, de fidelidade aos ideais do socialismo. A sua resistência ao bloqueio ilegal e criminoso imposto pelos Estados Unidos tornou-a alvo do respeito e da admiração não somente dos comunistas mas de todos quantos no mundo defendem valores e princípios inseparáveis da dignidade da condição humana, de amor à liberdade e do direito dos povos a construir o seu próprio futuro.

A guerra não declarada contra Cuba ilumina dramaticamente a grande contradição do nosso tempo: a que opõe os povos do planeta ao imperialismo, nomeadamente o norte-americano. Para sobreviver, a humanidade terá de resistir ao imperialismo e derrotá-lo.

Qualquer que seja o destino da Revolução Cubana, o que ela já fez na sua resposta à potência imperialista hegemónica fez já do povo de Martí sujeito de uma das maiores epopeias modernas da humanidade.

A presença de Cuba na Cidade Internacional vale por uma confirmação da força e da beleza dessa solidariedade internacionalista de que se orgulham os comunistas portugueses.

1984

## O 25 de Abril tem 10 anos

O 25 de Abril tinha feito 10 anos meses antes, e de Abril se vestiu então a Festa, com uma grande exposição a marcar este aniversário, dividida por quatro grandes zonas e outros tantos temas — «Abril é Portugal que continua», «O povo não esquece o que Abril conquistou», «As propostas do PCP para prosseguir Abril» e «Nova política, novo Governo para continuar Abril». Abril foi ainda tema e pretexto para os «Encontros» com os que antes e depois da Revolução fizeram e defenderam Abril. Operários da indústria e da terra disseram das suas lutas, passadas e presentes. Acompanhados por uma diversificada animação cultural, com corais, teatro, música, poesia. Uma ausência na Festa — a voz ao vivo de Ary dos Santos. Mas a sua voz lá estava, gravada, para mostrá-la a quem o não ouvira ainda, para recordar a quem tinha na memória os seus poemas. E nessa Festa foi publicado pelas edições «Avante!» o livro do poeta desaparecido, os seus «VIII Sonetos».

Neste ano de aniversário, a grande novidade foi, afinal... tudo o que dizia respeito a Abril. Claro que recordo aqui e ali algumas novidades e... algumas repetições. Os artistas portugueses, no essencial, eram os mesmos que antes, embora com músicas novas no repertório. De fora vieram os «Kitushi», de Angola; os soviéticos Janna Bitchevskaja, o grupo «Goloshokin», Helena Kamburova; os «Dixieland All Stars Berlin», outra vez, da RDA; Arturo Sandoval veio de Cuba para o espectáculo do Auditório 1.º de Maio. E Holly Near não chegou dos Estados Unidos, como esperávamos.



Estamos nesta!

Limite-me aqui a salientar, entre a dificuldade de escolha que tive, como toda a gente, os nomes que recordo mais nitidamente.

Mas o que mais fortemente lembro é o conjunto impressionante de iniciativas comemorativas do 10.º aniversário do 25 de Abril, a que a Festa dedicou um

monumento — onze paredes, uma delas negra como o fascismo que não se quis esquecer, e outras dez simbolizando as conquistas e as lutas travadas a defendê-las.

■ LM



Recordar... ou descobrir, na exposição



«Olha os capitães...»



Nos «bastidores», junto ao monumento

Álvaro Cunhal  
no comício

## «Impõe-se salvar a independência nacional»

● Os factos revelam que o Governo Soares/M. Pinto retoma, em novos moldes, o plano subversivo e golpista da «AD».

Referimo-nos a alguma coisa de mais sério

● O projecto de lei de segurança interna é a esse respeito revelador.

Inserer as Forças Armadas nas estruturas e órgãos de segurança interna e pretende atribuir-lhes (Artº 11º, nº 3) uma missão na repressão policial subvertendo o papel e a missão das Forças Armadas — «ao serviço do povo português» e «rigorosamente apertadárias» conforme impõe a Constituição.

Com esta disposição o Governo procura à sorrelfa abrir caminho para alcançar aquele objectivo em que falharam os planos subversivos e golpistas de 1980 (com a candidatura de Soares Carneiro nas presidenciais) e em 1981/82 (com a revisão da Constituição, a dissolução do Conselho da Revolução, a limitação dos poderes do Presidente da República e a Lei de Defesa Nacional).

Ou seja: instrumentalizar, partidizar e governamentalizar as Forças Armadas para as vir a utilizar, não nas nobres missões que lhes são atribuídas pela Constituição, mas para impor pelas armas a política inconstitucional do Governo que visa a liquidação completa das conquistas democráticas.

E há mais ainda.

Por aquilo que tem vindo a público e não foi desmentido, segundo o projecto de Lei Orgânica do Ministério da Defesa, o ministro da Defesa (neste caso, o impagável dr. Mota Pinto) passaria a ser dono e senhor das Forças Armadas e dos Estados-Maiores. Concentraria poderes que actualmente cabem à instituição militar. Um aparelho burocrático constituído no Ministério e sob as ordens do ministro e do secretário de Estado definiria a política militar, decidiria em matéria de armamento, teria um poder quase absoluto de inspecção e controlo financeiro.

Aquilo que não conseguiu Freitas do Amaral com Balsemão, julga poder conseguir-lo Mota Pinto com Soares.

Mas já para aí se diz que nem o marketingzado dr. Mota Pinto tem estofos para tentar cavalgar as Forças Armadas, nem as Forças Armadas se deixariam cavalgar.

Freitas do Amaral caiu precisamente na hora em que se preparava para usar os grandes poderes que lhe atribuía a Lei de Defesa Nacional que ele próprio concebeu.

Lutaremos para que Mota Pinto seja a tempo poupado à mesma infeliz sorte.

● Não é só a democracia que está em perigo. Está também em perigo a independência nacional.

Impõe-se salvar a independência nacional, ameaçada por uma política de subserviência e entrega ao imperialismo, nomeadamente ao norte-americano.

Soares paga por alto preço os apoios políticos externos para levar por diante a sua política contra-revolucionária e as suas ambições pessoais. E não os paga com o que é seu. Paga-os com o que é nosso, de todos os portugueses. Paga-os com a independência e o futuro de Portugal.

O povo português não pode aceitar nem reconhecer concessões económicas e financeiras ruinosas para o País, a entrega de recursos nacionais indispensáveis ao nosso desenvolvimento, a instalação de bancos estrangeiros que ameaçam, como polvos, sugar o nosso trabalho e os nossos recursos, a submissão às ordens do FMI, a ruína da nossa economia para facilitar a restauração do capital monopolista.

● Sendo a demissão do Governo o problema-chave do momento político actual, qual a razão por que de novo se desencadeia para aí uma campanha procurando convencer que as eleições presidenciais são «a questão central» da política portuguesa nos próximos tempos?

Compreende-se facilmente que façam tal campanha aqueles que apoiam o Governo.

Fazendo-a, procuram espalhar e enraizar a ideia de que o Governo tem assegurada a existência até fins de 1985 e que portanto a sua demissão não é sequer de admitir.

Procuram recuperar e reanimar apoios que lhes fogem e desanimar e roubar perspectivas à luta popular por uma alternativa.

Já é menos compreensível que sectores democráticos, que se pronunciam contra a política do Governo e por uma alternativa,

pareçam também admitir que só em resultado das eleições presidenciais poderá o Governo ser demitido.

A verdade é que não é a vitória democrática nas eleições presidenciais o caminho para a demissão do Governo mas a demissão do Governo e a formação de um governo que respeite verdadeiramente a legalidade democrática, o mais certo caminho para uma vitória democrática nas eleições presidenciais.

● É bom lembrar que, se actualmente o PCP não tem votos suficientes para eleger um candidato comunista para Presidente da República, tão-pouco um candidato democrático poderá derrotar os candidatos da reacção sem os votos dos comunistas.

Nós insistimos em que o que se impõe aos democratas portugueses nas presidenciais não é só apresentar um candidato realmente democrático, mas um candidato democrático em condições de vencer as eleições e que para isso é indispensável, se não um acordo explícito, pelo menos um consenso verificado.

● O Povo português, a democracia portuguesa, tem força bastante para derrotar a reacção e fazer retomar a Portugal os caminhos que Abril abriu.

Mas a força do povo, a força da democracia, depende em larga medida da força dos comunistas, da organização, do trabalho, da militância, da dedicação, do entusiasmo, da confiança no futuro, dos membros e simpatizantes do nosso Partido.

Creio poder afirmar que a Festa do «Avante!\*/1984 e este gigantesco comício traduzem bem a firme determinação de todos nós e de cada um de nós de empenharmos com determinação os nossos esforços para que os grandes objectivos da hora presente — a demissão do Governo e uma alternativa democrática — sejam rapidamente alcançados.

Quando clamamos «a luta continua!» isso significa que todos continuamos a luta com a profunda confiança em que a reacção será derrotada e Portugal de Abril vencerá.

1985

# Com paredes de vidro

**E** chegamos à 10.ª Festa! Boa altura para o lançamento de um livro que teve maior repercussão do que aquela que, nesse momento, se poderia adivinhar. Trata-se de «O Partido com Paredes de Vidro», da autoria de Álvaro Cunhal, uma obra cuja publicação fora aprovada pela Comissão Política do Comité Central do PCP, indicativo de que as afirmações e ideias defendidas no texto — que além de mostrar a experiência e as características da actividade militante dos comunistas portugueses e do seu Partido, avançava muito no terreno da identidade comunista — eram suportadas por uma clara opinião colectiva. Como era de esperar por quem leu o livro — e foram muitos milhares — a publicação de «O Partido com Paredes de Vidro» foi um êxito que ultrapassou largamente as fronteiras do PCP.

A própria Festa é — cada vez mais — a mostra de um Partido que se não esconde em palavras, que revela a sua actividade sempre em ligação com os trabalhadores e as massas, que avança com claridade as suas propostas, que conta as suas lutas e expõe as suas intenções.

Por isso mesmo, as próprias organizações regionais vão promovendo a qualidade das suas representações na Festa e revelando também na organização do seu espaço e da sua «arquitectura» a íntima relação com o meio em que trabalham. Dois exemplos deste ano — Lisboa, que se apresenta com uma reprodução cuidada do Arco da Rua Augusta, promovendo a valorização do património então ameaçado pela administração Abecasis; e o Porto que, com o painel de Júlio Resende, a «Ribeira Negra», abria uma série de exposições entre as quais se destacava uma sobre o Poder Local e a preparação da APU para concorrer dentro em pouco às 385 freguesias do distrito.

Todo este cuidado posto em exposições se revelava ainda no Pavilhão Central, onde a defesa de uma política de alternativa democrática preparava o terreno das batalhas eleitorais que se aproximavam.

Mas o campo das exposições não acabava aqui.

A V Bienal uma vez mais trazia a arte plástica ao convívio de milhares, num ano em que se destacava a exposição de gravura de Gil Teixeira Lopes. A gravura, de resto, tinha lugar especial nesse ano, com uma mostra internacional da especialidade, com a participação de muitos artistas estrangeiros de renome.

E os espectáculos? Um pouco (ou muito) de tudo. Desde a Orquestra de Câmara da Eslováquia, no Auditório, às bandas de jazz (foi o ano delas, de novo). E quem se esqueceu da Salsa, um novo ritmo que chegava de Cuba, nos instrumentos do grupo Arara?

Tudo acompanhado, nos intervalos da escolha, por um refresco no Café da Amizade, espaço que desde o ano anterior ficou a marcar encontros no Pavilhão Central.

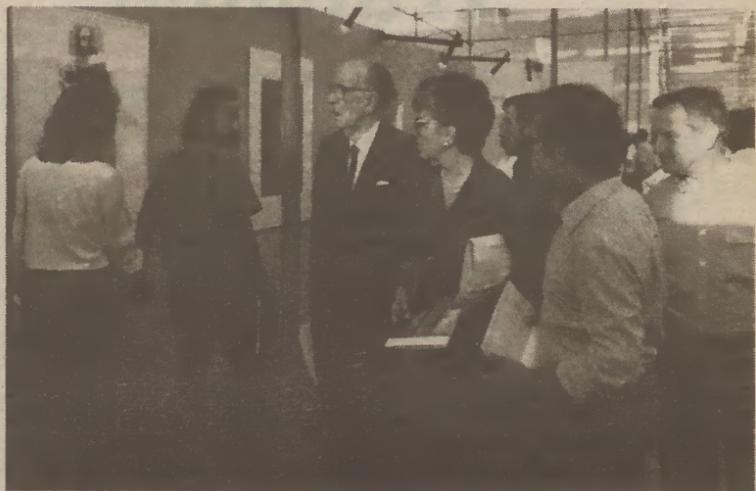
E, na noite de sábado — desta vez é que foi —, o espectáculo com a norte-americana Holly Near.



O arco da Rua Augusta viu como foi o comício



■ LM Dos EUA, Holly Near



Azeredo Perdígão e esposa, na Bienal, com Rogério Ribeiro e Octávio Pato

Álvaro Cunhal  
no comício

## «O sistema das coligações de direita já deu o que tinha a dar»

● Pela resistência e a luta heróica do Povo português, tendo a classe operária à sua frente M. Soares e o seu Governo foram derrotados e demitidos. Foi sustida e impedida a realização do plano assinado entre o PS e o PSD que visava liquidar as conquistas democráticas de Abril no primeiro semestre de 1985. A «maior maioria de sempre» desfez-se num pântano de vergonhosos conflitos. A Assembleia da República foi dissolvida.

Alcançadas estas grandes vitórias políticas, aqui estamos hoje na nossa grande Festa voltados em força para as eleições antecipadas de 6 de Outubro, prontos para continuar a luta, prontos para confirmar nas eleições a grande derrota de Soares, do PS e do PSD e a grande vitória do Povo português, do movimento operário, das instituições democráticas, do nosso glorioso PCP.

A luta popular e o funcionamento das instituições democráticas conduziu à demissão de M. Soares e do seu Governo PS/PSD. Estamos travando a batalha para que as eleições de 6 de Outubro atirem definitivamente para a rua este Governo de destruição, miséria e fome.

● PS, com Mário Soares, PSD e CDS com os seus sucessivos dirigentes, estiveram sempre, de uma forma ou de outra, estritamente associados, cúmplices e coligados em sucessivos governos, na guerra social contra os trabalhadores, na política de despedimentos e intensificação da exploração, na obra de destruição da banca e outros sectores e empresas nacionalizadas, a fim de preparar a sua reprivatização, na obra de destruição da Reforma Agrária e de restauração dos latifúndios, na criação de mecanismos tendentes a criar um Estado de tipo policial.

De cada vez que caiu uma das suas coligações, têm feito outra, mas sempre para prosseguir no fundamental a política anterior.

● Quem pode acreditar no PS, como partido entre a direita e o PCP, como partido fiel da balança, quando o PS não tem feito outra coisa nos últimos anos senão coligações e acordos com o PSD e outras forças reaccionárias caracterizadas por um anticomunismo primário? Não na base do Programa do PS, mas na base da renúncia e traição a esse programa e da adopção dos objectivos e programa dos partidos reaccionários?

● O Programa Eleitoral do nosso Partido aponta três direcções fundamentais e complementares da política que promovemos:

uma política económica de recuperação e desenvolvimento para vencer a crise, o melhoramento das condições de vida material e cultural do povo, e uma política externa de independência, paz e cooperação.

Apresenta soluções e medidas concretas, desmascarando a grande mistificação que PS, PSD e CDS fazem em torno da adesão de Portugal à CEE, negociada e concluída nas costas do Povo português e sem que este pudesse fazer ideia das consequências.

São os partidos do Governo e outras forças políticas que insistem em apresentar a adesão como uma panaceia para todos os males.

● A integração na CEE, assim como a autorização da abertura de bancos estrangeiros, a entrega a empresas estrangeiras de riquezas e de sectores-chave da nossa economia, a subordinação da política externa aos interesses do imperialismo norte-americano, as concessões de ordem militar, a deterioração das relações com os países africanos e o bloqueio das relações com os países socialistas mostram bem que a luta que travamos contra a política de direita dos últimos 9 anos não é apenas uma luta pela democracia, pelas conquistas de Abril, pelos interesses dos trabalhadores e das massas populares, mas também uma luta patriótica para garantirmos a independência nacional.

Uma vez mais se põe em evidência que a política dos governos ao serviço do grande capital entrega o País ao estrangeiro e que a política do PCP é uma política eminentemente nacional e patriótica.

● As propostas do PCP, fundamentadas num estudo aprofundado e exaustivo da situação nacional em todos os seus aspectos, mostram existir uma política alternativa capaz de fazer o País sair da crise e de resolver os problemas nacionais.

A este respeito é com frequência posta a questão de saber que governo será possível formar para realizar tal política. Temos afirmado, e mantemos, que o sistema das coligações de direita já deu o que tinha a dar, deu as piores provas que podia dar e está esgotado.

Temos afirmado que, na situação actual nenhum partido qualquer que seja a sua votação está em condições de sozinho constituir um governo capaz de resolver os problemas nacionais.

Daí a nossa proposta da constituição de um Governo Democrático de Salvação Nacional, não como um governo de coligação de partidos, mas como um governo de junção de vontade, capacidade e competência de portugueses (qualquer que seja o quadrante político em que se têm situado) decididos a fazer Portugal sair do atoleiro de crise a que foi conduzido por 9 anos de processo contra-revolucionário e a atacar com decisão a resolver os mais graves problemas que defronta o nosso povo e o nosso país, em resumo, salvar Portugal.

● Além das eleições antecipadas para a Assembleia da República temos também por diante as eleições autárquicas e as presidenciais.

Para as presidenciais, o nosso Partido resolverá, após as eleições de 6 de Outubro, se apresentará ou não candidato próprio. Até lá não temos pressa.

Para as autarquias, a preparação está em marcha acelerada. Como resultado da serenidade, competência e trabalho realizado pela APU é tão fundamentada a previsão de uma grande vitória da APU que os partidos do Governo, apavorados pela perspectiva da derrota, procuram ilegalmente adiá-las para depois das presidenciais e vão entretanto combinando coligações PS/PSD para tentarem desalojar a APU da gestão de algumas autarquias. Parece que lições anteriores não lhes serviram. Estamos atentos à situação e desde já trabalhamos com um objectivo claro: venham ou não venham com coligações reaccionárias, travaremos com confiança a batalha, não só para alcançar novas maiorias em Câmaras e Assembleias Municipais e Assembleias de Freguesia, como também para transformar maiorias relativas em maiorias absolutas.

Entretanto, a primeira grande batalha eleitoral que temos por diante são as eleições de 6 de Outubro.

Os objectivos eleitorais estão claramente definidos: uma votação em massa na APU e o aumento substancial do número de deputados do PCP, do MDP-CDE e de outros democratas que conosco participam na Aliança Povo Unido.

Não se trata de objectivos de estreito interesse partidário. Trata-se de condições indispensáveis para que possa ter lugar uma alternativa democrática.



1976 - FIL



1977 - Jamor



## Trabalho

Se alguém perguntar o que há de constante, o que mais profundamente liga todas as Festas do «Avante!», à memória acorrerão em tropel imagens e ideias.

A todos acorrerá dizer que, acima de tudo, é o ambiente, o ar que se respira, uma fraternidade que enche o ar como a luz. A Festa é diferente pelo que se sente, pela afecto que parece a todos unir quando se frquaveiam as suas portas. Muitos sublinharão a grande afirmação política, a comprovação construída e vivida da força de um grande partido revolucionário, raízes bem fincadas na terra e no povo. Dirão que, de facto, assim se vê...

A solidariedade vivida e sentida, o abraço fraterno que amigos e camaradas de todo o mundo trazem à nossa Festa, o calor da amizade firme que daqui levam, mas também a solidariedade que passa ao pé da porta, com os trabalhadores em luta, ontem com a Reforma Agrária, hoje ciontra os despedimentos, a solidariedade é tão matéria prima de todas as Festas quanto os tudos e as juntas que erguem os seus pavilhões! Outros ainda dirão que desde a primeira, desde que se transformou a FIL num mar de gente jamais visto, a presença da música e dos espetáculos é determinante. Haverá quem, recordando o espaço do Jamor um ano depois, o que ali se ergueu e o que ali se mostrou, recordando que ali surgiu uma exposição de artes plásticas que se iria reproduzir, que de novo surge este ano na Atalaia, falarão de arte, de pintura.

Concordarão com estes os que recordarem esse primeiro ano da Ajuda, em 79, repleto de murais que davam para rodear todo o Rossio de Lisboa. Começámos na FIL, fomos até ao Jamor, viemos para a encosta da Ajuda, partimos de abalada até Loures até fincarmos esta obra num terreno hoje nosso.

Por nós, se alguém perguntar o que há de constante, o que mais profundamente liga todas as Festas do «Avante!», nós responderemos: o trabalho.

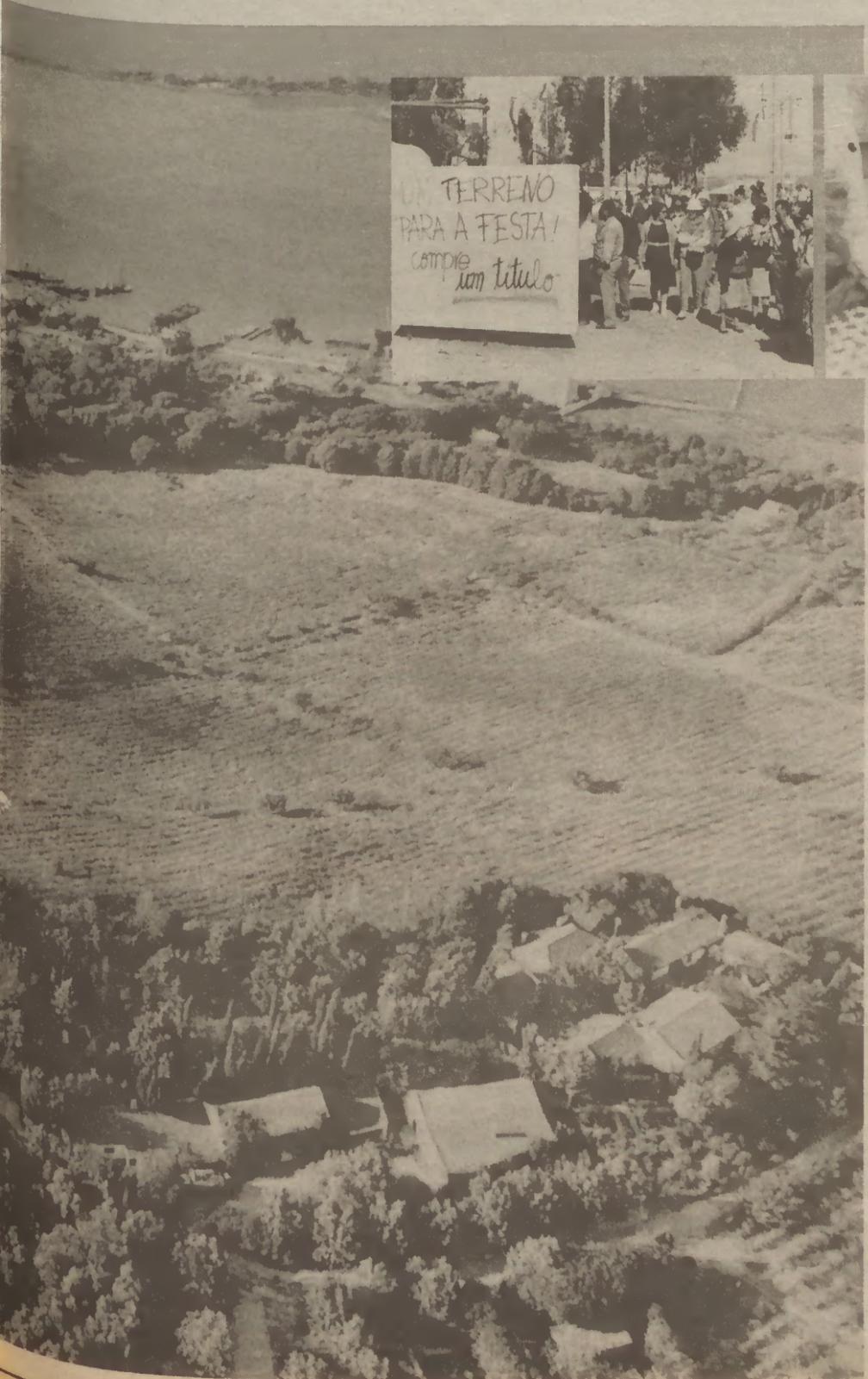
Do trabalho erguemos as Festas, a música, a solidariedade, a força política, a cor, a amizade. Com trabalho transformámos terrenos, transformámos formas, criámos sons, formas e cores. O trabalho faz o homem e faz a vida. E faz a Festa.





1979 - Ajuda

1988 - Loures



1989 - Atalaia-Amora-Seixal



## Festa do Amanhã!

Dia a dia outro dia um dia avança.  
 Dia a dia outro dia já foi dia.  
 Dia a dia se move uma alegria.  
 Dia a dia desanda a contradança.

Dia a dia uma lágrima se alcança.  
 Dia a dia um sorriso novo cria.  
 Dia a dia uma seca de agonia.  
 Dia a dia uma fonte de esperança.

Dia a dia a cabeça contra o muro.  
 Dia a dia o segredo do futuro.  
 Dia a dia a suar e a arder na testa.

Os medos dia a dia alguns espantam.  
 Mas quem quer ver que inda há amanhã que cantam  
 venha cantar connosco à nossa Festa!

Mário Castanho

1986

## Cem anos de 1.º de Maio

O Centenário do 1.º de Maio foi à Festa do «Avante!» comemorar. Três centenas de painéis, mil metros quadrados de exposição lembrando as lutas operárias desde que, em 1886, em Chicago, trágicos acontecimentos vieram marcar de luto e repressão os trabalhadores norte-americanos e deram aos trabalhadores de todo o mundo motivos para celebrarem esse dia de luta que mais tarde, de vitória em vitória, se tornou também de festa. Fotografias, reproduções de cartazes, jornais, textos da época. Mas também uma exposição que foi mais atrás, às origens da classe operária e da revolução industrial, prolongando-se até aos dias de hoje — daquele hoje de 1986, na Festa do «Avante!», já com as memórias de tantos primeiros de Maio de esperança e de resistência. Já então Cavaco Silva tinha a sua maioria laranja, ainda relativa, a governar o país. Já então as iniciativas políticas

da Festa denunciavam as intenções e as práticas do seu primeiro Governo, já então havia quem nos «rezasse pela alma», anunciando o fim dos comunistas ou, pelo menos, o desaparecimento progressivo do seu apoio de massas, o enfraquecimento progressivo do PCP. A cada Festa, cada desmentido, e esta foi mais uma demonstração da capacidade mobilizadora e de resistência do PCP. Nesse ano foram sete as companhias que participaram no Avanteatro, uma presença que desde sempre a Festa

perguntei se voltaria ali, à reportagem ou a outra tarefa. Era a última Festa na Ajuda e ninguém ainda o sabia, embora todos o temessem, pois todos os anos se renovava a ameaça de nos interditar o terreno. Será desta?, pensava, enquanto o espectáculo do laser, desenhos de luz atravessando o ar escuro, projectava figuras e caprichos moventes. Foi dessa.

E só mais tarde me dei conta de ter perdido tanto espectáculo — o do «Oktoberklub», por exemplo, que vinha pela 3.ª vez a Portugal. Mas não perdi a primeira vez que o Júlio Pereira trouxe ao Palco a versatilidade da sua música de raiz popular. Nem o Carlos Paredes e o Manuel Freire, antes do comício de domingo. Saíamos da Ajuda em grande. Com o 1.º Festival da Canção Juvenil, que ia criar tradição. E com as organizações a esmerarem-se nos seus pavilhões. Desse ano lembro mais particularmente o de Setúbal, com o seu grande navio que se via logo ao entrar na última festa da Ajuda.



De Cuba, Sara Gonzalez



A primeira vez, e logo um sucesso

proporcionou. E lembremos outras actividades — a «Objectiva 86», grande exposição fotográfica que trouxe consigo os trabalhos de uma trintena de autores estrangeiros. Espaço homenageando ainda destacadas figuras da fotografia, como Dimitri Baltherman, Carlos Relvas e Augusto Cabrita. Iniciativa inédita foi, entretanto, a mostra de cinema não-profissional. Normalmente, a cada festa que findava, perguntava-me se no próximo ano tornaria a ver este belo e difícil terreno da Ajuda, onde tantos anos a Festa se construíra. De novo, no fim da festa, com a Sara Gonzales, de Cuba, a cantar no Palco 25 de Abril e as luzes do Tejo ao fundo, me



Grande público para grandes espectáculos



Campolide, um dos 7 grupos no Avanteatro

Álvaro Cunhal  
no comício

## «O PCP teve um papel não só importante mas determinante»

● Quando, o ano passado, aqui estivemos na Festa do «Avante!», na previsão da realização das eleições autárquicas no mês de Dezembro, já o PS, o PSD e o CDS preparavam vergonhosos entendimentos e acordos tendo como objectivo tentarem em conjunto arrancar ao PCP e à APU a gestão das autarquias.

Aqui, na Festa, alertamos para essas manobras e fizemos apelo à batalha das eleições autárquicas.

O que sucedeu?

Sucedeu que as mais sujas manobras desenvolvidas pelo PS, PSD e CDS, incluindo listas únicas dos três partidos em 41 municípios da maioria APU e o recurso aos tribunais para que o PCP e a APU não pudessem concorrer às eleições, se saldou por uma clamorosa derrota de tais planos e uma importante vitória do PCP e da APU, cujos aspectos mais significativos foram a subida de votos ultrapassando os 20% para as Assembleias de Freguesia, a maioria alcançada em 48 Câmaras Municipais, 46 das quais com maioria absoluta, mais de 50% dos votos nos distritos de Setúbal, Beja e Évora, a maior votação no distrito de Lisboa (33% nas Assembleias Municipais), a confirmação e reforço em grandes e significativos municípios como Loures, Amadora, Almada, Vila Franca de Xira, Évora e Marinha Grande e a maioria pela primeira vez nos municípios de Silves e Constância.

Quando, o ano passado, aqui estivemos na Festa do «Avante!», já avançavam as candidaturas de Freitas do Amaral e de Mário Soares para a Presidência da República, não se tinha concretizado ainda nenhuma candidatura democrática unitária e já avançava (sem querer saber das consequências) uma candidatura, cujo real papel foi no fim de contas contribuir para a divisão das forças da democracia.

Aqui, na Festa, não se tendo ainda concretizado a possibilidade da convergência de sectores democráticos fundamentais na apresentação de um candidato próprio, adiámos as decisões para depois das eleições legislativas.

O que sucedeu?

Sucedeu que tendo-se só tardiamente conseguido tal convergência no apoio a um candidato da democracia (Salgado Zenha) este candidato com 21% dos votos não passou à 1ª volta, e o candidato do CDS e do PSD, Freitas do Amaral, com o activo apoio de Cavaco Silva e do Governo, alcançou 46% dos votos, enquanto Mário Soares mal ultrapassava os 25%.

O perigo era real e iminente. A eleição para Presidente da República do candidato da extrema-direita com a sua dinâmica fascista e fascizante, que preparava já a revanche da violência, representaria uma ameaça imediata para a própria existência da democracia.

Se o PCP cruzasse os braços, tal resultado seria inevitável.

Não oferece dúvidas a ninguém que a intervenção do PCP, a realização do XI Congresso (extraordinário) preparado em todos os aspectos no espaço de uma semana e a resposta dada pelo PCP à nova situação — mobilizar todas as forças e energias para impedir a vitória de Freitas do Amaral e por isso votar em M. Soares (sem de qualquer forma apoiar a sua candidatura, a sua política e o seu programa) — essa intervenção fulminante do PCP à qual todo o Partido e o eleitorado do PCP responderam em massa foi determinante para salvar a democracia portuguesa nesse momento crucial da sua existência.

Enunciado destes acontecimentos lembra uma vez mais que, no ano de 1985 e princípios de 1986, se registou uma evolução favorável na situação política portuguesa.

E lembra também que, para essa evolução favorável, o PCP teve um papel não só importante mas determinante.

● Todos os partidos democráticos têm admitido que uma alternativa democrática ao governo actual é possível no quadro da Assembleia da República com a composição partidária actual.

De facto no total de 250 deputados os partidos democráticos — PCP, PS, PRD, MDP e Os Verdes — têm o total de 140 deputados contra 88 do PSD e 22 do CDS.

Cabe aqui confirmar que o PCP por si não tem receio de eleições antecipadas.

● Mas, na actual conjuntura, eleições antecipadas tornam-se dispensáveis, uma vez que os partidos democráticos já dispõem no conjunto de uma maioria na Assembleia da República.

É evidente que os planos de aguardar a concretização de propósitos eleitoralistas em futuras eleições para só então considerar a substituição do Governo e o termo da desastrosa política de direita não é o melhor atestado de um propósito firme e coerente de servir os interesses do povo e do país.

● Se em todos os partidos democráticos houver a mesma disposição que tem o PCP para o diálogo e o entendimento, será possível elaborar e pôr em prática uma plataforma para um governo democrático que substitua o Governo actual.

● A tarefa política central que se coloca aos trabalhadores, ao povo, às forças democráticas é pôr fim à política de direita, levar à demissão do Governo PSD de Cavaco Silva e alcançar uma alternativa democrática, ou seja, um governo democrático com uma política democrática.

Pela nossa parte consideramos um erro de fundo esperar que o Governo caia de podre. Podre está ele. Mas não cai, se o não deixarmos abaixo.

O Primeiro-Ministro já várias vezes ameaçou que se demitiria se não fossem aprovadas certas propostas de lei ou certas medidas anticonstitucionais, antidemocráticas e antipopulares.

Tais propostas não passaram, mas o Primeiro-Ministro deu o dito por não dito e não se demitiu.

É natural que nos tempos próximos, verificando-se na Assembleia da República a convergência democrática em algumas questões essenciais de defesa do regime, venha a repetir tal ameaça. Como comentá-la, camaradas?

Podemos apenas dizer que, se o Primeiro-Ministro se demitir, não deixaremos de pela primeira vez o felicitar porque, demitindo-se, praticará sem qualquer dúvida o acto mais positivo da sua carreira como Primeiro-Ministro. Além do mais porque (como já temos dito) demitindo-se poupará ao nosso povo e às forças democráticas o trabalho de o atirar abaixo.

E já que se fala de demissão do Governo alguns sábios comentadores têm perguntado qual a razão por que o PCP ainda não lançou a palavra de ordem «Governo para a rua!»

Estivemos na direcção do Partido a considerar esta questão. E entendemos que a hora chegou de o fazer. Se o povo quiser lutar, o Governo PSD/Cavaco Silva não terá longa vida. Chegou a hora de lançar e reclamar a palavra que tomada pela vontade popular já conduziu à derrota e à demissão de governos que entretanto tinham maioria de deputados e conduzirá também à derrota e à demissão o Governo Cavaco Silva que é um Governo minoritário.

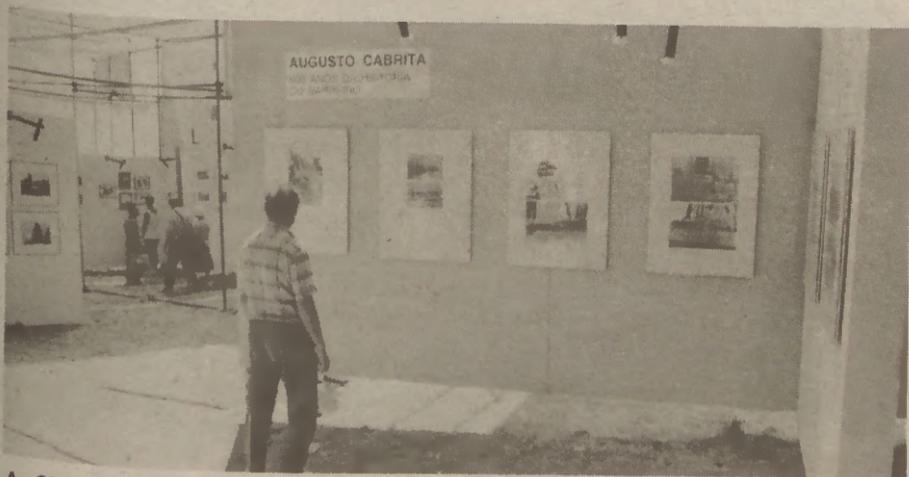
LM



Com trabalho se faz, com luta se conquista, com tempo se aprecia



... e escondem-se proeminências e calvícias



A «Objectiva» homenageou Augusto Cabrita...



... e Carlos Relvas, o primeiro fotógrafo português



Nos dias da Festa disputam-se as finais e melas-finais (futebol de salão feminino, em 1986)



## O desporto de todos

1. O desporto tem vindo a assumir uma importância social crescente. Ganha novas expressões da sua prática e surgem soluções informais ao lado das soluções organizativas associativas tradicionais. É crescente a apetência das populações pela prática desportiva com o objectivo de conviver, manter a saúde ou a «forma» física.

Ao mesmo tempo assiste-se a uma crescente comercialização e degradação das práticas desportivas, deturpação dos seus valores éticos, hipervalorização do espectáculo desportivo e de todas as actividades económicas envolventes, convidando o cidadão a uma postura de mero espectador pagante.

A mediatização do espectáculo desportivo, a um nível nunca antes atingido e a submissão dos grandes espectáculos desportivos (Jogos Olímpicos, Jogos Mundiais, grandes «meetings» e provas europeias e mundiais) à lógica do lucro, acabam por condicionar as políticas dos governos, os horizontes e as perspectivas dos grandes sponsor(s) nacionais e internacionais e ainda as funções e vocação do movimento associativo federado, cada vez mais orientado para a alta competição espectacular.

2. A Festa do «Avante!» sempre valorizou a componente desportiva no seu programa, dando um contributo inestimável, não completamente balanceado e nem sempre valorizado, para o desporto nacional.

Na Festa procurou-se difundir uma ideia de desporto diferente da atrás referida, através da divulgação de princípios e da adopção de práticas e iniciativas de que poderemos destacar:

— a defesa de um desporto ao alcance de todos e não de acesso exclusivo de uma elite restrita;

— a valorização do papel do Movimento Associativo Popular, das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto e do seu labor;

— a valorização de princípios éticos na prática desportiva, do respeito pelo adversário, da amizade, da fraternidade e do convívio, elementos fundamentais de uma correcta prática desportiva;

— a valorização da componente da solidariedade e

compreensão entre os povos e de contributo para a paz que o desporto pode assumir, através de intercâmbios e valiosas participações de desportistas de outros países, designadamente dos então países socialistas;

— a participação de alguns dos melhores atletas e desportistas do mundo nas actividades da Festa, levando-os ao contacto com os desportistas portugueses e os clubes através de programas complementares à Festa (de notar que a Festa foi no nosso país pioneira e promotora de alguns destes intercâmbios ao mais alto nível);

— a criação de um espaço de prática desportiva na Festa (e fora dela em actividades preparatórias) em diferentes modalidades, com a participação de muitos milhares de desportistas.

Destas actividades avulsa a Corrida da Festa do «Avante!», notável realização desportiva, por direito e mérito próprio integrada no calendário nacional do atletismo. Nesta realização participaram e participam, deram e continuam a dar o seu apoio os mais consagrados atletas nacionais.

3. A Festa não poderia nem se tem alheado do fenómeno desportivo. A actividade desportiva da Festa tem sido a possível de acordo com as condições existentes em cada local em que se realiza e nas zonas circundantes. Hoje, com o nosso espaço próprio, e com as novas possibilidades de conceber as infra-estruturas desportivas talvez seja possível criar também novas condições para uma intensa e diversificada actividade desportiva, incluindo modalidades com maiores exigências técnicas.

A situação do desporto nacional exige um amplo debate sobre a desastrosa política dos governos do PSD, sobre a sua evolução futura, e sobre os novos caminhos que possibilitem aos portugueses uma ampla prática desportiva.

A componente cultural do desporto, a sua crescente ligação a diferentes expressões da arte enquanto elemento inspirador, a correcção dos seus valores e prática abrem inúmeras possibilidades de, com diferentes expressões, abordar o fenómeno desportivo na Festa.

As análises e propostas do Partido para a solução dos problemas do desporto nacional, a generalização da sua prática associada à criação de condições para que aqueles que o queiram possam atingir o mais alto nível, poderão ter na Festa um dos seus pontos altos de difusão.

A própria experiência e labor dos comunistas, particularmente nas autarquias CDU ou nos pelouros do desporto da responsabilidade da CDU, em cooperação com todos os agentes desportivos, designadamente o movimento associativo popular, clubes, associações e federações desportivas, merecem uma mais ampla divulgação na Festa porque traduzem, em muitos casos, exemplos notáveis de ligação das concepções, da política e das propostas do comunistas à prática concreta. Mostram que existem possibilidades reais de uma prática desportiva alternativa à dominante, mais correcta, mais educativa, que contribui realmente para a formação de cidadãos mais tolerantes, mais fraternos, mais solidários, mais humanos.

4. O desporto na Festa tem permitido, à semelhança do que acontece em outras áreas de actividade, o contacto de milhares de desportistas com a política e alguns traços da prática do Partido para o desporto. Tem permitido aproximar do Partido e assegurar uma relação natural e fraternal com muitas dezenas de homens e mulheres do desporto, dirigentes, técnicos e atletas, que reconhecem.

o valor da política e da acção do Partido e que, no terreno desportivo, independentemente das áreas políticas e ideológicas em que se situam, estão de acordo connosco e dispostos a cooperar com o Partido, designadamente na Festa.

O desporto na Festa é uma realidade com um saldo largamente positivo. As alterações profundas que o fenómeno desportivo tem vindo a sofrer e a necessidade de uma maior intervenção do Partido nesta área, poderão e irão ter no futuro, estamos certos, uma ainda maior tradução e impacto no programa e no conjunto das actividades da Festa.

■ Carlos Rabaçal

1988

## Inquietações, esperanças, resistência

**E** cá estamos em Loures. Com muita água passada sob as pontes, a pior das quais foi, sem dúvida, no ano anterior — um ano sem Festa do «Avante!» — a primeira das maiorias absolutas de Cavaco Silva. Inquietações, esperanças, resistência. E um Congresso — mais uma vez no Porto — a espreitar no horizonte do final desse ano.

Podíamos começar por falar de política, ao recordar esta primeira Festa em Loures. Mas vamos acabar por falar dela a cada passo. Mesmo sem abordar os motivos que nos levaram a provisoriamente nos termos deslocado para um terreno que não se revelou favorável. Era fácil lá chegar, dizíamos, e de facto tudo tínhamos preparado para facilitar o acesso. Chegar ainda era o menos. Arranjar o estacionamento era mais difícil. E sair, lembrem-se? Ainda assim, uma grande multidão encheu o novo terreno.

Mas a perspectiva que a Ajuda nos tinha habituado, com o declive a dar possibilidade de cada visitante ver a Festa «toda», a grande cidade colorida de dia e luminosa de noite, isso Loures não nos proporcionou. Sentíamos-nos, porém, em «casa», numa autarquia CDU pela primeira vez.

O Pavilhão Central foi marcado pela preparação do Congresso. Centrada em quatro núcleos uma exposição revelava as grandes preocupações dos comunistas portugueses e as direcções fundamentais da reflexão colectiva — as mudanças ocorridas na vida nacional, o valor das conquistas de Abril e as dificuldades e obstáculos ao desenvolvimento futuro; o



Junto à exposição evocativa dos Descobrimentos

próprio Partido e o seu papel na vida nacional, a sua natureza de classe e identidade ideológica, o seu funcionamento e Estatutos; a história breve dos congressos do PCP; as propostas do novo Programa que viria a ser aprovado em Dezembro.

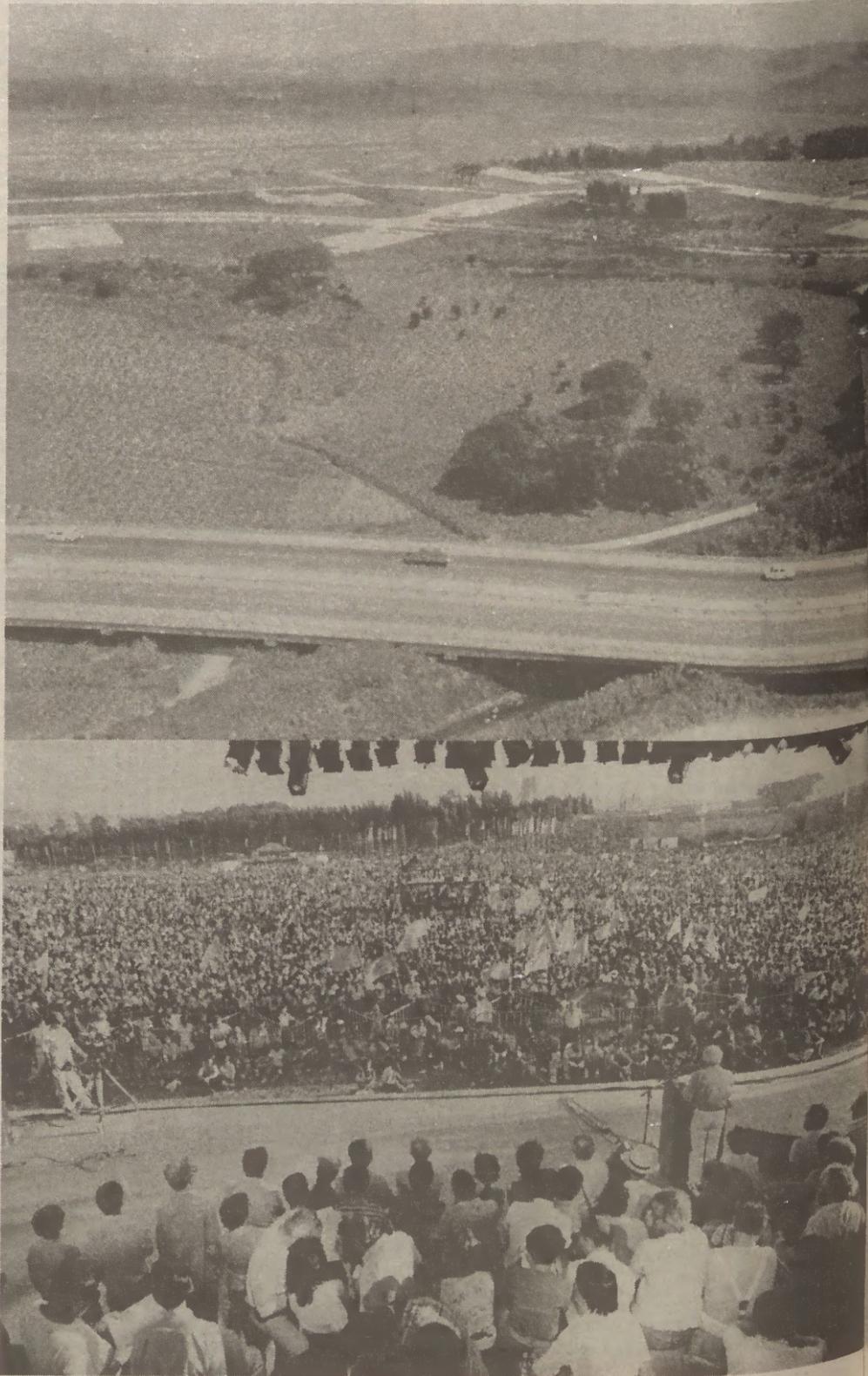
Num espaço que permitia pouca diversificação, houve que fazer alguns milagres. E um deles foi construído em redor das comemorações dos 600 anos dos Descobrimentos, com uma Ribeira das Naus definindo um espaço de exposição, recriando o ambiente da época em que teve começo a aventura dos portugueses pelo mar fora.

Como fazendo o equilíbrio entre o passado dessa aventura e a aventura futurista do presente, uma grande exposição sobre o Cosmos trouxe uma série de objectos da saga espacial. Um Sputnik e vários satélites de comunicações vieram da URSS até Loures, na companhia de um cosmonauta soviético, Vladimir Soloviev.

Da União Soviética, que então ainda existia, não vinham apenas sinais do progresso e da esperança de uma «perestroika» que começara três anos atrás e estava prestes

a chegar ao seu termo. Vinham também alguns sinais inquietantes. Os visitantes da Festa começavam a interrogar-se, a procurar atentamente nas exposições do «Pravda» outros sinais que não fossem os abraços de Gorbachov a Reagan ou as fotografias de igrejas e de bispos ortodoxos... Mas festa era festa. A reflectir a realidade circundante, a rádio entrou lá, com debates sobre as rádios locais e emissões FM a partir do recinto. Entrou também o vídeo, com um

festival em que participaram mais de uma vintena de trabalhos. Entrou a animação de rua, com bandas a tocar pelas alamedas. O folclore, com os Pauliteiros de Miranda. O circo, mais uma vez. E, quase a dar as despedidas, muitos grupos e artistas vindos de países ainda socialistas. A voz do ano? Gonzaguinha!



■ LM Comício em Setembro, Congresso em Dezembro, para inovar e renovar

Álvaro Cunhal  
no comício

## «Somos um partido marxista-leninista»

● Muita gente gostaria que a Festa do «Avante!» não se realizasse mais. Por tudo quanto fizeram para nos privar de terrenos, alguns talvez tenham mesmo acreditado que a Festa não mais se realizaria.

Afinal a Festa do «Avante!», a Festa do PCP, a Festa, voltou. Cá está de novo, espectacular e grandiosa parada de arte, de cultura e de desporto, cidade de repouso e de diversão, gigantesca confraternização popular. E (porque é a sua origem, a sua raiz e o seu significado) afirmação poderosa da vida, da actividade, da vontade, da força e da confiança no futuro do Partido Comunista Português. Testemunho também da solidariedade internacionalista que nos trouxeram os nossos numerosos convidados que com grande alegria aqui temos connosco.

● Após as eleições de 19 de Julho do ano passado, num momento em que a direita triunfalmente proclamava que «Abril acabou!», num momento em que muitos consideravam que tinha acabado também a possibilidade de grandes lutas e proclamavam que o PCP terminaria como grande partido nacional e estava condenado a desaparecer aos poucos — qual foi a posição que o Partido assumiu?

Poucos dias após as eleições de 19 de Julho, analisando a situação na sua reunião dos dias 22 e 23, o Comité Central do Partido avançou algumas ideias fundamentais: que o Governo não resolveria nenhum dos mais graves problemas nacionais e que seria «inevitável» que centenas de milhares de portugueses que, enganados pelas medidas demagógicas, pela propaganda e pelas promessas votaram no PSD, dentro em pouco reconheceriam a ilusão e o engano em que caíram e se voltariam contra o Governo.

● O nosso Partido apela à convergência e à unidade dos democratas e dá o devido valor a todos os democratas. É porém verdade, verdade inteira, que o PCP tem desempenhado e desempenha na vida nacional um papel ímpar na defesa do regime democrático e da independência nacional.

● Quem quer que tenha vindo à nossa Festa, pode encontrar aqui mil e um desmentidos às acusações que nos fazem. Pode

encontrar aqui na Festa mil e uma janelas para observar o que tem feito e o que faz o PCP, qual a sua natureza, qual o seu ideal, quais os seus objectivos, qual o seu estilo próprio de trabalhar, de fazer política, de se conduzir na sociedade.

Pode aqui tomar conhecimento, se não o tomou antes, de que o PCP prepara activamente a realização do seu XII Congresso de 1 a 4 de Dezembro do ano corrente.

● **Somos o partido da classe operária e de todos os trabalhadores.**

Se é certo que a aplicação das conquistas da revolução científico-técnica à produção, as novas tecnologias, a automatização, a computadorização e a robotização modificam a composição e alargam os limites da classe operária (e essa realidade impõe a alteração de critérios de classificação social), não é menos certo que **a classe operária, longe de estar em vias de desaparecer como apregoam alguns ideólogos do capitalismo, continua a ser a classe de vanguarda de transformação social.**

O PCP é um partido cuja natureza de classe se afirma nos objectivos, na ideologia, na composição social (mais de 100 mil militantes operários), na estrutura orgânica, no trabalho de massas.

Mas é também o partido que mais firme e constantemente defende na acção os interesses de todas as classes e camadas laboriosas da população — do campesinato (pequenos e médios agricultores), dos intelectuais, dos quadros técnicos, dos artesãos, dos pequenos e médios comerciantes e industriais, de todas as classes e camadas antimonopolistas.

● **Somos um partido marxista-leninista.**

O marxismo-leninismo, com o seu método dialéctico, habilita à observação da vida, das novas situações, dos múltiplos fenómenos que não foram previstos e entretanto aparecem no caminho dos povos com o valor de indelmentíveis realidades. O marxismo-leninismo estimula e inspira a observação, a análise objectiva e a criatividade. A teoria marxista-leninista é não só o contrário mas o oposto a ideias petrificadas e ao espírito dogmático.

Na época do imperialismo não se pode ser marxista se não se é leninista. Quem rejeite o legado teórico de Lênine não pode a justo título afirmar-se marxista.

● Tudo estamos fazendo para que seja assegurada e aprofundada a democracia interna no Partido, para que as decisões do Partido sejam obra de todo o Partido, de todos os militantes. E por isso estamos certos de que o XII Congresso, pela vontade do grande colectivo partidário, confirmará que o PCP não quer ser um partido minado por grupos e grupinhos, dividido por plataformas contrárias, pelo confronto de chefes e candidatos a chefes em luta: uns contra os outros, mas quer ser sim um partido revolucionário, um partido unido, um partido cuja vida é delimitada pelo trabalho, as ideias, a acção comum do nosso grande e fraternal colectivo.

Portanto, o XII Congresso não será, como alguns gulosamente gostariam que fosse, uma espécie de parlamento burguês, com vários partidos à bulha. O XII Congresso, no qual o funcionamento democrático é assegurado, será a expressão final da vontade, das opiniões, da contribuição de todo o nosso grande colectivo partidário que já começou a participar e participará activamente nos debates que desde agora se vão realizar nas organizações.

O XII Congresso será a expressão deste Partido profundamente democrático que somos e que queremos continuar a ser.

● Na presente situação internacional assumem particular importância os processos negociais em curso para a solução política e pacífica de conflitos regionais, processos inseparáveis da heróica luta dos povos, da política de paz da URSS e outros países socialistas e dos passos dados no caminho do desarmamento e do desarmamento.

Negociações implicam concessões recíprocas e compromissos. Mas uma coisa é certa: **as soluções políticas e pacíficas de conflitos regionais só serão soluções efectivas na medida em que os acordos sejam cumpridos por todos, em que não sejam ultrapassadas as linhas de segurança de cada povo e seja garantido o direito de cada povo decidir sem ingerências externas do seu próprio destino.**

A Quinta do Infantado à espera da 12ª Festa do «Avante!»



Muitos milhares de pessoas visitaram a exposição sobre a conquista do espaço



A Festa da música



A Festa dos leitores



De Plovdiv, vozes búlgaras de encantar



Todos contra o grande-mestre



«Ó vira que vira...»



«As voltas do vira...»



O «Ilustre Amigo», de Almeida Garrett, pelo Teatro da Malaposta

## Um golpe de asa chamado Avanteatro

O Avanteatro foi, e é, um sonho da célula dos trabalhadores de teatro. Construir um espaço na Festa do «Avante!», trazer companhias e Grupos de Lisboa, de Évora, de Portalegre, de Loures, de Almada e de outros sítios, propiciar o acesso a espectáculos de qualidade por parte de milhares e milhares de participantes da Festa que até vêm de lugares onde não há teatro, onde não há vida cultural, foi e é um objectivo fundamental de quem entende a cultura como um bem que deve ser fruído e criado por todos os que trabalham e querem evoluir e transformar.

Esta visão comunista custa muito esforço, obriga a sacrifícios e a custos financeiros por vezes pesados. Na construção do Avanteatro estiveram e estão envolvidos dramaturgos, arquitectos e engenheiros, encenadores e actores, operários, técnicos e outros camaradas e amigos que todos os anos apostam neste desafio de levantar um espaço como não há em qualquer outra festa, com palco, com teia, com camarins, com iluminação e som a sério, com plateia e, sobretudo, com companhias e Grupos, profissionais e não só, que amam o

teatro representam e difundem o que há de melhor na nossa cultura e na cultura universal, nesta área.

Descentralização, diversidade estética, qualidade, participação e democratização da vida cultural. São chavões? Não são, no Avanteatro, todos os anos, em cada Festa do «Avante!» Para o comprovar, aí estão os espectáculos desta Festa, com forte componente de Companhias ligadas à vida de Autarquias democráticas e criadoras. Este ano homenageamos o actor e encenador Rogério Paulo, nosso camarada e entusiasta do projecto Avanteatro desde a primeira hora, na Célula e no Sector de Artes e Letras da ORL do PCP. Uma exposição sobre a vida e a obra e uma sessão no espaço do Avanteatro lembrarão esse grande camarada e amigo que lutou muito pela libertação política, social e cultural do país e do seu povo.

Este ano ainda, outra componente essencial da cultura vem reforçar o conteúdo desse valioso Centro Cultural que é já o Avanteatro. Em dois concertos de música, algumas das entidades representativas dos concelhos do Barreiro e do Seixal

vão mostrar que também aqui o trabalho cultural nas Autarquias CDU vem crescendo, vem criando outras perspectivas de vida e abrindo novas portas ao sonho e à transformação do quotidiano.

O Avanteatro foi um golpe de asa de trabalhadores dos espectáculos, comunistas e amigos que lutaram e lutam juntos pela cultura e pela mudança. É todos os anos um golpe de sonho e de intervenção criativa, dos que o constroem, dos que tratam da sua programação e funcionamento, das Companhias e Grupos que sabem que vale a pena trabalhar assim e apostar na Festa e na difusão do teatro, apesar das condições relativas e óbvias em que os espectáculos são efectuados. E é sobretudo a descoberta e a posse intensa de quem vem de longe, de muito longe, ou aqui de perto, onde também não há a cultura que a direita nos rouba, para viver e sonhar a Festa da cultura e da amizade que dura três dias e alimenta depois o ano inteiro de luta e de conquista de uma vida diferente, tão diferente e amiga como é hoje a Festa do «Avante!».

■ Modesto Navarro

PUB.

# Grandes Promoções

Livros para os mais pequenos em que aprender é igual a brincar.  
Eles adoram-nos!

## Colecção Começo a Ler



1 - ~~735\$00~~ 550\$00  
4 - ~~2940\$00~~ 2000\$00  
10 - ~~7350\$00~~ 4500\$00

### COLOR

Cadernos para colorir

Jogos 2-4 anos

Jogos 4-6 anos



~~270\$00~~ 320\$00



~~180\$00~~ 420\$00



~~650\$00~~ 520\$00

## CAMINHO JOVENS

(28 títulos já publicados)

Os grandes Romances da literatura infantil

Promoção especial 500\$00 cada



### Histórias Tradicionais Portuguesas

Nesta versão das nossas Histórias Tradicionais, Alice Vieira respeita fielmente a tradição e, com a sua mestria de escritora consagrada, recria o ambiente mágico que as histórias exigem.

### Alice Vieira



Aproveitando a presença da escritora na Festa, descontos especiais

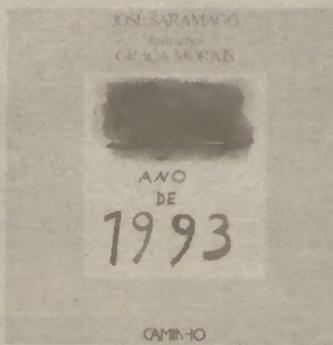
1 - ~~840\$00~~ 650\$00  
3 - ~~2520\$00~~ 1800\$00  
6 - ~~8040\$00~~ 3000\$00

### José Saramago

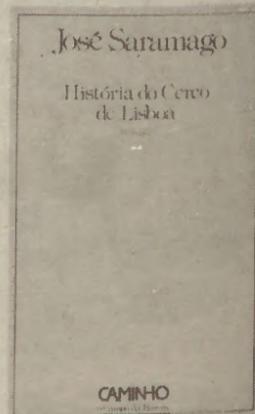
Aproveitando a presença do escritor na Festa, desconto especial nestes dois títulos



A História do Cerco de Lisboa ~~2100\$00~~ 1260\$00  
O Ano de 1993 ~~3860\$00~~ 2000\$00

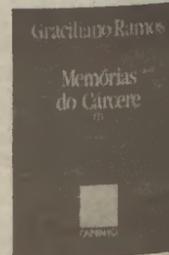


(nos restantes títulos da sua obra, terá 20% de desconto)



### Obra de Graciliano Ramos

Caetés ~~2310\$00~~ 1500\$00  
São Bernardo ~~2100\$00~~ 1400\$00  
Vidas Secas ~~1950\$00~~ 1300\$00  
Angústia ~~2520\$00~~ 1680\$00  
Infância ~~2520\$00~~ 1680\$00  
Memórias do Cárcere - I ~~4935\$00~~ 3000\$00



Um grande escritor brasileiro. Um grande escritor da língua portuguesa.

## O Trabalho

«Este livro é a fotografia da Humanidade»  
Gabriel García Márquez



«Salgado desnuda a dor, a beleza e a brutalidade do mundo do trabalho. Alicerce de tudo o mais. Trata-se de uma colectânea obtida com uma profunda devoção e uma perícia impressionante.»

Arthur Miller



Os Eslavos ~~4830\$00~~ 1500\$00  
60 Anos de Luta ~~575\$00~~ 700\$00  
História Ilustrada da Grande Revolução de Outubro ~~3150\$00~~ 1000\$00  
Civilizações Antigas do Oriente e do Ocidente ~~3780\$00~~ 1500\$00  
Manifesto do Partido Comunista ~~570\$00~~ 300\$00  
O Capital - 1 ~~2625\$00~~ 2000\$00  
O Capital - 2 ~~2625\$00~~ 2000\$00  
Biografia de Karl Marx ~~2940\$00~~ 1500\$00  
Biografia de V. I. Lênine ~~2940\$00~~ 1500\$00  
Biografia de F. Engels ~~2940\$00~~ 1500\$00



~~19950\$00~~ 15 000\$00

1989

# Vozes de todo o mundo

**D**esta vez foi mais fácil ir à Festa. Com a proverbial capacidade de aprender rapidamente, a experiência menos conseguida do ano anterior serviu para assegurar uma muito maior mobilidade para quem visitou o recinto de Loures. Excursões com parque próprio, reforço do estacionamento com melhores acessos, permitiram entrar e sair da Festa sem drama. Mas quem lá foi já sonhava com a Atalaia. Mesmo sem lhe saber o nome...



Toca a banda sem coreto

Ano marcado pelas eleições autárquicas que iam seguir-se e pelo Congresso de Dezembro anterior, a Festa de 1989 salientava, no Pavilhão Central, o reforço que o PCP conseguira, após um amplo debate democrático no seu seio, que permitiu clarificar, para dentro e para fora do Partido, a posição do PCP face ao presente e ao futuro, frente aos problemas nacionais a resolver e diante das grandes transformações que internacionalmente começavam a desenhar-se.

O trabalho da CDU nas autarquias, a experiência acumulada à frente de muitos municípios e freguesias do país, onde sobressaía a honestidade e a competência dos comunistas e dos seus aliados, foi tema forte de uma exposição que se desdobrou em 80 painéis.

Outra exposição marcante foi a da VI Bienal, que voltava ao nosso convívio após um hiato de mais de dois anos, resultado de não ter havido Festa no ano de 1987. Agora, porém, de novo numerosos artistas plásticos voltaram. O artista homenageado foi Álvaro Perdigão, convidado da VI Bienal para realizar uma exposição própria que integrou 46 obras.

As artes plásticas estavam, aliás, bem representadas nesse ano, em que também se realizaram duas exposições de

artistas estrangeiros — a de doze «jovens pintores soviéticos de vanguarda» e a de gravura da RDA. A curiosidade que levou muitos visitantes a correr para apreciar essas exposições tinha mais a ver com expectativas políticas que culturais. O que era perfeitamente natural... De novo o espaço dedicado à solidariedade internacional teve também muitos visitantes interessados. E de novo as esperanças e as inquietações se exprimiam nos que seguiam aqui, através das exposições e dos colóquios, o andar do mundo em apressada transformação, a Leste.

Vozes vindas desse lado do mundo — «Vozes Búlgaras», que tantas vezes nos haviam acompanhado, o «Quarteto de Swing de Praga», os «Rajkó», da Hungria; ou o «Pantominen-Ensemble», do «Deutsches Theater», da RDA, que foi ao «Avantatro», ou os «Everest», da URSS. Entre muitos outros desse lado do mundo que ia entrar em rápida convulsão. Do outro lado, muitos outros, como sempre: os «Kasav», Bireli Lagrene, Billy Bragg, Paulinho da Viola.

E dizemos adeus a Loures, com um baile popular.



Do Rio, a bateria da «Portela»



«Ó computador, diz-me lá...»



LM O trabalho da CDU nas Autarquias



Álvaro Cunhal no comício

## «Ideal não apenas para sonhar mas para realizar»

● Se aqui admiramos a participação de tantos milhares de visitantes que não são membros do Partido e muitos dos quais não perfilham o ideal comunista é decerto uma indicação, não só do poder de atracção desta nossa ímpar iniciativa artística e cultural, mas também de que os comunistas, conforme com a sua maneira de estar na sociedade, criam um ambiente de convívio simples, de diálogo de tolerância, em que todos os seres humanos bem formados, podem encontrar a fraternidade por que há muito aspiram.

● O PCP é portador de um exaltante ideal. Ideal não apenas para sonhar mas para realizar. Ideal de liberdade, progresso, igualdade e bem-estar. Ideal que não é uma utopia antes se insere no sentido fundamental da evolução do mundo na época histórica em que vivemos.

● São conhecidos dificuldades e problemas graves existentes em países socialistas. São conhecidos processos de renovação e reestruturação em curso na União Soviética e noutros países.

● Há quem, dizendo aplaudir reformas em curso em países socialistas, o que aplaude realmente e o aparecimento e o avanço, à sombra das reformas, de forças anti-socialistas.

● Não será preciso esclarecer que não é com tais forças que nós, os comunistas portugueses, somos solidários. Somos sim solidários e activamente, solidários, para com o PCUS e o povo soviético na realização da «perestroika», confluente em que os seus objectivos revolucionários serão alcançados. Somos activamente solidários para com outros partidos irmãos que, em situações nalguns casos extremamente complexas, tiram lições dos acontecimentos, tomam medidas, realizam reformas, reorganizam, renovam, reestruturam, não naturalmente renunciando ao socialismo, não negando as suas históricas realizações, mas, pelo contrário, tendo em vista a consolidação, o reforço, o prosseguimento e a construção da sociedade socialista.

● Quando, nas eleições de 1987, o PSD alcançou a maioria e o nosso Partido sofreu algumas perdas logo alguns descobriram

nesse facto mais uma prova de que (como afirmavam) o PCP estava condenado a declinar irreversivelmente.

● Fizeram-nos mal. Mas a operação fracassou.

O Partido respondeu à situação com serenidade e confiança. Debateu os problemas. Reforçou a organização e a militância. Estreitou os laços com os trabalhadores e as massas populares. Dinamizou a luta. E o XII Congresso realizado em Dezembro passado (...) constituiu uma poderosa afirmação da força orgânica, da democracia interna, da unidade, da segurança ideológica, da criatividade política, da intervenção insubstituível dos comunistas na vida nacional.

● O PCP é um partido que tem a verdade como princípio imanente da sua política e que por isso fala verdade ao povo. O que dizemos condenar e rejeitar é o que condenamos e rejeitamos. O que dizemos querer é aquilo que queremos.

A democracia avançada no limiar do século XXI que o PCP propõe ao povo português surge na continuidade dos ideais, realizações e valores da revolução de Abril, que muitos renegam, mas que nós consideramos essenciais em qualquer projecto verdadeiramente democrático.

Para nós, comunistas, a democracia não se pode limitar a eleições de democraticidade duvidosa, ao mesmo tempo que o poder tem por função assegurar a exploração e as mais revoltantes desigualdades e injustiças. No nosso ideal, as democracia é simultaneamente política, económica, social e cultural.

Nós apelamos ao povo: ajuizal dos nossos objectivos por aquilo que afirmamos e não pelas mentiras daqueles que nos atacam.

● Temos por diante, no ano corrente, a grande batalha das eleições autárquicas. Estamos a preparar-nos activamente para elas. Não é para perder, camaradas é para ganhar.

É conhecida a obra notável realizada nas autarquias pelo PCP e outros democratas unidos na CDU — Coligação Democrática Unitária. Estreitamente ligados às populações. Com trabalho, honestidade e competência.

Esta é uma realidade que a direita não suporta.

Todos nos lembramos como em eleições passadas se moveram monstruosas campanhas, coligações contranatura, chicanas jurídicas e supostos pretextos legais para tentar afastar o PCP e seus aliados da responsabilidade da gestão autárquica.

No essencial todos esses esforços sofreram fracassos. Em dezenas de municípios e em centenas de freguesias, continuámos serenamente o trabalho ao serviço do povo e, em numerosos casos, fomos premiados pelo eleitorado passando de maiorias relativas para maiorias absolutas.

Também agora, a direita nos procura criar novos obstáculos. Uma lei discriminatória, injusta, confusionista, antidemocrática, atentatória de liberdades e direitos fundamentais, procura apagar a imagem CDU da memória do eleitorado. Não o conseguiu totalmente. Nas próximas eleições (todos devem tomar nota) por obrigação da lei a CDU será assim: Denominação: CDU — Coligação Democrática Unitária. Sigla: PCP-PEV. Símbolo: foice e martelo do PCP e girassol do Partido Ecologista os Verdes. É assim que a CDU aparecerá no boletim de voto e estamos trabalhando para apresentar listas na CDU em todos os municípios e no maior número possível de freguesias.

Exceptuam-se apenas municípios e freguesias em que se verifiquem eventuais coligações alargadas a outras forças democráticas, que procuramos, como sempre procurámos, realizar.

Cabe aqui saudar, como grande acontecimento político da actualidade, a constituição da coligação «Por Lisboa», coligação do Partido Comunista Português, do Partido Socialista, do Partido Ecologista os Verdes e do MDP/CDE.

O objectivo é libertar o município e a capital da desastrosa e atribulada gestão PSD/CDS personalizada em Abecasis. De resolver problemas prementes de urbanização, de higiene, de habitação, de pobreza, de defesa do património.

1990

## A Festa da Atalaia!

**G**aranto que, desta vez, a maior Festa foi a do terreno! Desde o final da de Loures, quando a Atalaia — um terreno nosso — foi anunciada, que os comunistas fizeram a Festa. E, um ano depois (muitas visitas à Quinta na Amora, Seixal, muito trabalho já ali enterrado), ao abrir as portas da Festa de 90 já se podia anunciar que mais de metade dos 150 mil contos da campanha para adquirir o terreno havia sido atingida. Ao mesmo tempo que a compra — a conquista! — de um terreno nosso para a Festa do «Avante!» era uma poderosa afirmação da vitalidade do Partido, o ano de 90 fora também uma grande afirmação da capacidade dos comunistas portugueses para, reflectindo, sem fugir à realidade e aos problemas novos e angustiantes que ela colocava, conseguir colectivamente respostas para esses problemas, e apontar perspectivas firmes de luta aos trabalhadores e aos democratas. Ao mesmo tempo que, criando raízes num novo espaço onde fizemos desde então crescer novas Festas, abríamos perspectivas para a continuação renovada de uma tradição política e cultural e de solidariedade internacionalista, celebrávamos ali o conseguido no XIII Congresso extraordinário, de Maio anterior, realizado em Loures. A

recomposição dos organismos executivos do Comité Central, a eleição de um secretário-geral adjunto — o camarada Carlos Carvalhas — e as conclusões do Congresso que exaustivamente se debruçara sobre questões essenciais — a evolução dos acontecimentos na URSS e nos outros países socialistas, a rápida restauração do capitalismo monopolista em Portugal, o ideal comunista e a identidade do PCP — deram aos comunistas portugueses um novo alento. Ali, pela primeira vez na Atalaia, se ia ver a resposta das massas à atitude do Partido, às suas propostas, à afirmação dos ideais do socialismo e do comunismo.

Foi uma resposta magnífica!

Milhares e milhares de pessoas, vindas de novo de todos os cantos do País, participaram nas mais variadas iniciativas que a Festa propôs. Por todos os recantos do terreno, os visitantes satisfaziam a sua curiosidade na visita de um

espaço novo e nosso. No Pavilhão Central, cuja exposição mostrava a evolução dos mais recentes acontecimentos e o trabalho no reforço da organização do PCP, os debates sucediam-se, cheios de gente, participados, vivos. A campanha para a compra do terreno também ali se fez. Com a venda de «títulos». E com a edição especial de uma serigrafia, da autoria do nosso camarada José Araújo, que era ao mesmo tempo um sinal de que os comunistas portugueses não eram dos que se escondiam atrás de ambiguidades — a figura de Lénine «anunciando» a Festa. Desta vez, os computadores, que havia anos lá tinham «entrado» naturalmente, conquistavam um espaço próprio — a Inforfesta, cujo êxito, mercê não apenas da curiosidade de muitos mas do interesse conhecedor de outros tantos, fez com que, à entrada do Pavilhão dos computadores, uma longa fila se formasse, na esperança de dedilhar a

informação programada. A rebrantar pelas costuras esteve também o espaço internacional, onde se sucederam os debates e os momentos de solidariedade, e onde se reafirmou o internacionalismo dos comunistas portugueses nesse ano de grandes abalos. Foi fácil ir à Festa. Começava logo cá fora. E no domingo, a tradicional corrida, cujo tiro de partida foi disparado pelo

veterano Armando Aldegalega, e na qual participaram destacados nomes de atletas portugueses, fez um percurso de 15 quilómetros, passando pela Amora, Arrentela, Seixal e Paio Pires.

Artistas portugueses e estrangeiros dividiam-se pelo Palco 25 de Abril, pelo Auditório 1.º de Maio, pelo Avanteatro, pelo Arraial. Foi o ano dos «Dubliners», da Irlanda, dos «Osibisa», de África, das «Rythm Sisters». De Paulino Vieira, de Cabo Verde, dos galegos «Na Lúa», dos «Takile» do Peru, da banda «Otis Grand», do espectáculo fascinante dos «Beileira», de Timor.

O que melhor recordo? O comício. Milhares e milhares de pessoas a ouvir atentamente as palavras do Partido. E a aplaudir.



«Pois vale! Queres que diga outra vez porquê?»



A Quinta da Atalaia em Setembro de 1989



LM Uma enchente, para ver o terreno e fazer a Festa

Álvaro Cunhal  
no comício

## «Século XX: um século de grandiosas conquistas»

● Este ano, para todos nós, a Festa do «Avante!» tem um sabor novo e contém em si motivo de nova alegria. É que a Atalaia é nossa, podendo aqui confirmar que a campanha de fundos ultrapassou os 100 000 contos e o que nos dá a certeza de dentro em pouco termos respondido a todas as obrigações e compromissos para o efeito contraídos. É que este maravilhoso local será terra firme e certa para a Festa do «Avante!».

É que, tal como erguemos este ano a cidade da Festa com o empenhamento militante de milhares e milhares de camaradas (homens, mulheres e jovens) assim transformaremos a Atalaia — também com o nosso empenhamento militante — num local de eleição aberto a manifestações culturais, desportivas, de convívio, de confraternização e de lazer do nosso povo e designadamente da juventude.

● Estão-se verificando mudanças profundas na situação mundial. As tempestades de acontecimentos e transformações expressam e criam novas realidades.

Não eliminam entretanto um traço fundamental do século XX: um século de grandiosas conquistas sociais, políticas e culturais dos trabalhadores e dos povos, de transformações revolucionárias que, a partir da Revolução de Outubro de 1917 na Rússia, mudaram radicalmente o mapa mundial das sociedades.

● É inquestionável que o capitalismo conseguiu, nos países mais desenvolvidos, um acelerado desenvolvimento das forças produtivas, na base das conquistas da revolução científico-técnica e de avanços tecnológicos de alcance histórico.

É inquestionável que o desenvolvimento económico conduziu a um estágio de âmbito que tende a ser universal a divisão internacional do trabalho e processos de integração.

É inquestionável que adquiriram importância relevante na vida da Humanidade os chamados problemas globais, no centro dos quais se encontra o problema da paz ou da guerra, e que abarcam outros de projecção mundial como os problemas da degradação e defesa do meio ambiente, do esgotamento dos recursos

naturais, o problema da fome, os problemas da doença, das explosões demográficas.

É inquestionável que todas estas novas realidades exigem acordos e cooperação dos Estados, independentemente dos seus sistemas sociais, assim como de forças sociais e políticas com interesses e objectivos contraditórios.

É inquestionável serem absurdas políticas de isolamento e de autarcia, e ter a política de cada Estado de inserir-se em processos de cooperação internacional.

É inquestionável que, correspondendo a essas realidades, se deram nas relações internacionais importantes passos no desanuviamento, na negociação, na cooperação e na redução dos armamentos.

É ainda inquestionável que se registaram grandes derrotas da causa do socialismo com profundas e negativas consequências imediatas na correlação mundial de forças e no curso da luta libertadora dos trabalhadores e dos povos.

Só quem esteja de costas para a vida não conclui que os novos aspectos e mudanças da situação mundial, das novas realidades, lançam novos desafios às forças do progresso social e exigem a redefinição e renovação de objectivos, novas análises, novas soluções, novos caminhos, novas respostas adequadas e criativas, novo desenvolvimento dialéctico e criativo das ideologias.

Mas porventura as novas realidades eliminam ou apagam características essenciais do capitalismo? Porventura eliminam ou apagam as contradições e a luta de classes?

● Estamos a três meses do prazo limite de apresentação dos candidatos à Presidência da República, a quatro meses da realização das eleições e a cerca de um ano (ou a cerca de oito meses no caso de eleições legislativas antecipadas) das eleições para a Assembleia da República.

O tempo começa a ser curto. Há que adiantar trabalho. Há posições, propostas e perspectivas que, desde já, é necessário assumir.

Em relação às eleições presidenciais, a não haver surpresas (que as pode haver), a situação apresenta, entre outras, uma grande novidade: os partidos da direita (ao contrário do que sucedeu anteriormente com Soares Carneiro e Freitas do Amaral) não mostram capacidade para apresentar um candidato com hipóteses de ser eleito. Nesta situação concreta, dando naturalmente o valor devido aos resultados e consequências das presidenciais, o nosso Partido considera em larga medida as eleições para a Presidência da República em função das eleições para a Assembleia da República.

Não somos só nós que tomamos tal atitude. Tomou-a o PSD pela boca de Cavaco Silva. Tomou-a o CDS quando há tempos foi lançado Lucas Pires com o fito de recuperar eleitorado que perdeu para o PSD. Tomou-a o PS ao negar em palavras, mas ao promover de facto, como o fez recentemente na «Presidência Aberta em Coimbra», a candidatura de Mário Soares como candidato do PS a preparar, como uma possível vitória, o avanço do PS nas legislativas.

O nosso Partido não definiu ainda, nem é ainda tempo de definir, todas as linhas de orientação e estilo de actuação da nossa candidatura.

Mas, desde já consideramos necessário que nas eleições presidenciais se faça ouvir a voz do Partido, no debate de ideias, a análise dos problemas nacionais, na divulgação das propostas do Partido e nas soluções e caminhos para assegurar a derrota da direita e uma alternativa democrática.

Com esse objectivo, o Comité Central em reunião plenária hoje mesmo realizada e no seguimento da decisão de apresentar um candidato do PCP às eleições presidenciais acaba de designar para essa tarefa política de tão alta responsabilidade o camarada Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto do nosso Partido.

A recepção com que esta decisão acaba de ser recebida neste grandioso comício assegura o apoio geral e entusiástico à batalha política que vamos travar nas presidenciais.



Palco privilegiado, volta obrigatória



Comparticipação foi a palavra-chave



«... e all está o...»



Com a canoagem, Festa e Tejo deram um forte abraço



«Aqui val-se fazer...»



À noite, todas as Festas são belas, e esta é-o ainda mais



«Mas isto é mesmo o Porto!...»



«Desde os 5 anos, não falhei uma.»



«Dizes-me até amanhã...»



Ensopado, pois claro



A partida para um percurso novo

1991

# Uma nova geografia

O caminho estava feito. De barco, de autocarro, fosse lá como fosse, a Festa encheu-se na Atalaia, pela segunda vez. E, a esperar toda essa gente, um terreno melhor, com mais árvores, mais equipamentos, com uma nova «geografia», um novo traçado em que a experiência ditava um novo mapa. Por exemplo, desta vez, o Palco, recolocado em posição mais favorável à paisagem e construído já para durar, com os aperfeiçoamentos que entretanto lhe foram sendo aditados. Um vasto anfiteatro abria-se diante dele, as alamedas começavam a consolidar-se e o pó a diminuir. O Palco passou a dispor de maior potência de som — 75 mil watts —, e as luzes puderam, nas três noites, criar e sublinhar um verdadeiro espectáculo feérico. Mas os outros lugares de espectáculo também tiveram os seus melhoramentos, assim como os pavilhões das organizações que criaram os seus próprios espaços de música e som.

Mais uma vez, a grande atracção, não só para os comunistas mas sobretudo para aqueles que acreditavam no fim dos comunistas — e alguns vieram a correr para assistir a uma

Jorge Pinheiro, Pedro Chorão, Sá Nogueira e Virgílio Domingues.

Nos desportos, a proximidade do Tejo deu para um variado programa, desta feita enriquecido com provas de canoagem, enquanto era criado mais um ringue de exibições onde novas modalidades foram apresentadas — culturismo, boxe, full-contact —, e até o tiro (ao alvo, claro) fazia a sua aparição na Festa.

No «Arraial» houve baile, como sempre, com o conjunto «Niger». E depois circo. Acrobatas chineses



Somos e queremos continuar a ser



A compra solidária

«morte anunciada» — foi o espaço internacional. A alegria de uns foi a tristeza de outros. Apesar da iminente queda da URSS, na sequência dos acontecimentos de Agosto, se não estava lá o pavilhão do PCUS, ilegalmente ilegalizado, o «Pravda» fez-nos companhia, voz que sempre foi dos comunistas. E nada menos de 37 (!) delegações estrangeiras estiveram presentes e participaram comovidas nesta Festa que uma vez mais foi prova da afirmação dos comunistas portugueses.

Estávamos a um mês das eleições legislativas, que de novo iriam dar a maioria a Cavaco Silva mas que iriam mostrar que o PCP e os seus aliados sabiam resistir na adversidade. Erguer a Festa e trabalhar para as eleições não fora fácil, mas os militantes e os amigos do Partido não são gente de facilidades. Por isso tudo estavam preparados para não só fazer a Festa, mas a política necessária, numa profusão de debates em que os temas do Partido e das jornadas eleitorais foram os temas fortes.

A Inforfesta teve desta vez a música como ponto central do seu programa, de novo um espaço literalmente invadido. Outro pólo de atracção foi a Bienal, a VII, que reuniu, além de nomes prestigiados, muitos jovens artistas. E também um Salão de Convidados, com obras de Helena Almeida,



Artesanato, gastronomia... e notícias da URSS



«Anda daí, mulher!»

actuaram também ali.

Mais uma vez foi o Palco 25 de Abril a concitar maior número de atenções. Um vasto e variado programa trouxe esse ano, para além da companhia de sempre da Brigada Victor Jara, alguns nomes verdadeiramente «sonantes» — Issabary, de África, Boys of the Lough, da Escócia, Bogus Brothers, da Inglaterra, entre muitos outros artistas e grupos estrangeiros.

Irrepetível, diria ao findar da Festa, a presença da



Descanso, convívio e arte, na 7ª Bienal

juventude. Mas enganei-me. Veio a repetir-se no ano seguinte. Sinal de que o convívio com os comunistas ganhava, entre os jovens, particular simpatia.

■ LM



A Festa é uma alegria

Álvaro Cunhal  
no comício

## «Afastar a direita do poder»

● No mundo conturbado deste findar de século nenhum país deixa de ser sujeito às repercussões e influências positivas e negativas dos grandes acontecimentos mundiais.

Mas cada país tem a sua vida própria e cada povo tem os seus próprios problemas, as suas próprias soluções, a sua própria vontade e o direito que consideramos intocável e inalienável de decidir do seu destino.

É neste contexto que Portugal vive actualmente um momento em que se jogam os destinos do país nos anos mais próximos.

É objectivo da nossa luta no momento presente derrotar o PSD e o seu Governo, afastar a direita do poder, constituir um Governo democrático.

Há razões de sobra para considerar esse objectivo como um objectivo central não apenas do PCP e da CDU, mas de todas as forças democráticas, como um objectivo que corresponde a interesses fundamentais do povo português e de Portugal.

● Assim, o Programa Eleitoral do PCP para as eleições de 6 de Outubro próximo, programa que intitulamos «Projecto de futuro para um Portugal melhor», desenvolve largamente as grandes linhas de uma política em torno de áreas essenciais: uma sociedade livre, um Estado de direito democrático, um desenvolvimento harmonioso e solidário, uma vida melhor numa sociedade mais justa, uma resposta às aspirações dos mais vastos grupos sociais e um Portugal independente e soberano numa comunidade de nações livres e iguais e no mundo em mudança.

O carácter unitário da CDU na qual participa o PCP coloca necessariamente três questões: a inevitável diversidade de opiniões entre partidos e forças políticas diferentes, a unidade em objectivos fundamentais e a legítima afirmação no quadro unitário da identidade de cada componente.

Estamos firmemente determinados a continuar a luta pelo nosso ideal de construção de uma sociedade nova, uma sociedade socialista, uma sociedade da qual sejam abolidas a exploração do homem pelo homem, as grandes injustiças e desigualdades sociais, as classes antagónicas e todas as formas de opressão, na qual sejam instituídos o poder político efectivo do povo, a democracia política como elemento integrante da nova sociedade, a propriedade social dos sectores básicos sem prejuízo das estruturas económicas diversificadas, a intervenção permanente e determinante das massas populares, a inserção da juventude na vida do país como força social dinâmica e criativa e a concretização da igualdade de direitos e oportunidades para a mulher que continua a ser discriminada e submetida e que entretanto mostra, em Portugal e no mundo, ser inteiramente capaz de assumir as mesmas responsabilidades que os homens em todas as áreas da vida social.

Estamos firmemente determinados a rejeitar a cristalização e a dogmatização da ideologia, a enriquecer a teoria com os novos conhecimentos, descobertas e lições da vida, e a encarar a ideologia como um valor em movimento e como um instrumento poderoso para a compreensão da realidade e do mundo em mudança, para análises rigorosas e objectivas, para respostas criativas às novas realidades, para orientações correctas à acção e à luta.

Estamos firmemente determinados a desenvolver a democracia interna e a unidade do partido porque o que o povo português e a democracia portuguesa necessitam de nós não é de um partido roído e desagregado pela luta de tendências de fracções, de chefes e candidatos a chefes, impregnado de grupos liquidacionistas, mas de um partido com intensa vida democrática interna em que a reflexão e a opinião dos militantes são bem-vindas, são necessárias, são promovidas pelo seu valor cri-

ativo para a reflexão, opinião e decisão colectivas, mas também um partido que ao mesmo tempo não aceita acções desagregadoras de divisionistas e fraccionistas publicamente emparceirados com as campanhas e vozes do anticomunismo.

● É significativo da importância que damos às eleições legislativas de 6 de Outubro como tarefa política central, o facto de nesta Festa, que é a festa do órgão central do PCP, nesta Festa, que é a festa do PCP, termos dado largo espaço à CDU — Coligação Democrática Unitária, na qual o PCP se insere, tornando esta festa não apenas uma poderosa afirmação da vida, da actividade e das propostas do PCP, mas também uma afirmação da vida, da luta, das propostas da CDU — Coligação Democrática Unitária.

● Que ao decidir do voto ninguém se deixe impressionar pelas sondagens. Já estamos habituados ao que são e ao que pretendem. Com a guerra das sondagens chegaram a anunciar que a Festa do «Avante!» seria um fracasso. E afinal aqui temos nesta festa grandiosa uma poderosa afirmação de que o PCP e a CDU não estão a descer mas a subir, de que a participação aumenta de que a convicção se reforça, que o entusiasmo cresce, de que estamos lançados e bem lançados para a campanha eleitoral e um grande êxito nas eleições de 6 de Outubro.

O voto na CDU é o voto contra a política de direita, o voto por uma alternativa democrática, o voto por um Portugal melhor. É o voto nos grandes valores que estão na batalha actual (os valores da democracia, da justiça social, do bem-estar do povo, da independência nacional, da paz e da cooperação entre os povos), e que têm na CDU os seus mais consequentes, convictos, empenhados, combativos e dedicados combatentes.

Nas eleições de 6 de Outubro para a Assembleia da República o voto na CDU é o voto seguro, certo, útil e de toda a confiança.

1992

# A invasão da Juventude

Foi no ano passado, a memória ainda devia estar fresca. Mas, ao fim de tantos anos e de tantas Festas — dezasseis! — a memória enche-se de repetições. Sabemos bem como ela é, de cada vez, uma novidade, porque acompanhamos o trabalho da sua construção. E verificamos, em cada ano, o que se alterou, sempre a melhorar — o terreno, os pavilhões, a participação sempre original das organizações. Por exemplo, nesse ano, Lisboa trouxe painéis prontos à montagem, que continuam a possibilitar novos arranjos e nova geografia do seu espaço, em redor de um «Café-concerto» que criou tradição. Setúbal, por seu lado, definiu uma nova arrumação, em redor de um «pátio dos petiscos», onde o convívio era mais agradável, cercado dos sabores e odores variados do distrito. O Alentejo evocava, como sempre, a paisagem construída das suas inconfundíveis vilas, administradas em maioria pela CDU. O que havia de novo?

Issabary abria os espectáculos no Palco 25 de Abril e no Auditório 1.º de Maio a abertura era da responsabilidade do «Video Pathwork», uma selecção de vídeos de artistas portugueses, seguida dos «Telectu», presença de sempre. No Arraial, o baile contava de novo com o conjunto «Niger». Havia mais palcos — em Lisboa, no Café-Concerto, no Pátio dos Petiscos de Setúbal. O Avanteatro trazia o melhor do teatro à Festa. Júlio Pereira, Brigada Victor Jara, Rádio Macau, Boggie Brothers, Big Band do Hot Clube, Chieftains, Sérgio Godinho, Tubarões.

A noite de domingo, no seguimento do comício, ia ter início com a grande «invasão», pela juventude, dos terrenos centrais da Festa, ao som dos «Sitiados». Depois, foi a hora dos «Resistência». A finalizar, em grande, com Rui Veloso. A cada Festa, a gente pergunta-se: e para o ano, o que vai ser? A pergunta tem sempre fácil resposta. Vamos lá este ano. Para ver como é.



«Somos os maiores!»



«É mesmo para a troca?»



À frente do grande palco



Descansando



Álvaro Cunhal e Carlos Carvalhas, na abertura da Festa do ano passado

De novo havia, por exemplo, a «mini-Redacção» do nosso jornal a funcionar em plena Festa, com quatro edições «mini» a serem escritas e impressas e distribuídas ali mesmo, com as últimas do que acontecia. E a novidade do espaço internacional, a revelar uma situação completamente diferente — e pior — na qual os comunistas lutavam em todo o mundo contra uma nova «ordem» internacional dominada pelo imperialismo. De novo marcado pela situação política, com a repetição da maioria laranja do ano anterior e da resistência que se seguiria, com um novo Congresso — o XIV em perspectiva —, o Pavilhão Central, construído numa larga área de quase quatro mil metros quadrados, expunha «os caminhos da alternativa no limiar do século XXI» e «Viver melhor nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto», ao mesmo tempo que definia, no Forum, um lugar de colóquios e debates sobre temas centrais da política — desde as questões autárquicas até à questão quente de Maastricht (cujo debate, com a participação de representantes de outros partidos comunistas europeus, foi ponto alto), passando pelos temas em discussão para o próximo Congresso e para os problemas que se colocavam aos trabalhadores, sob a ofensiva do capital. Uma nova edição de «Engrenagem», de Socio Pereira Gomes, era a atracção principal do Centro do Livro e do Disco. No Pavilhão da Mulher, a animação cultural, os debates, a música, levavam a esse espaço numerosos visitantes. Nos palcos,

Álvaro Cunhal no comício

## «O PCP continua como grande partido comunista»

• Todos assistimos a uma gigantesca e furiosa campanha que, reescrevendo a história do nosso século, pretende demonstrar que, neste findar do século, o comunismo morreu e o capitalismo sai triunfante como sistema superior e definitivo.

• Se há quem queira reescrever a história para que a história volte atrás, se há quem queira esquecer estes feitos heróicos dos comunistas, da nossa parte certamente reflectimos sobre os acontecimentos passados e fazemos sobre eles análises mais rigorosas, mas continuamos a defender esse glorioso património de ideal e de luta. Se há quem queira esquecer ou pareça ter receio de lembrar os seus mortos, nós somos daqueles que sempre nos seus túmulos deporemos cravos vermelhos.

• E prosseguindo em novas condições a luta na qual tantos deram a vida acreditando na nossa causa, tudo faremos para continuar a ser dignos da sua memória.

• Tal como a situação internacional, assim também a situação nacional é extremamente complexa. Cavaco Silva e o Governo do PSD estão já há muitos anos no poder. Gabam-se da estabilidade. Mas a verdade é que a estabilidade do Governo tem representado a instabilidade económica (com a agitada alteração e destruição das estruturas económicas), a instabilidade social (com constantes vagas de lutas e protestos); a instabilidade política (com conflitos e confrontos entre órgãos de soberania e constantes e graves alterações do regime político). Longe de estável, a situação nacional continua em movimento e em mudança. Movimento e mudança no pior sentido. A continuar no poder o Governo de direita, e a não se desenvolver decididamente a resistência à sua política, dentro de um tempo relativamente curto, teremos em Portugal, como sistema económico restaurado, o capitalismo monopolista de Estado (já em avançado estado de reestruturação). Será, em linhas fundamentais a reposição do sistema que se formou e instaurou conduzido e promovido pela mão negra da ditadura fascista,

ao preço de uma exploração desenfreada e de uma implacável repressão dos trabalhadores, das massas populares e dos democratas em geral.

• No que respeita ao regime político, Portugal corre o risco de vir a ter um regime político que, embora com o reconhecimento do pluralismo partidário e de uma democracia formalmente parlamentar, venha a significar a perpetuação de um único partido no poder, com a institucionalização de mecanismos antidemocráticos que garantam tal situação a deslizar para um regime autoritário de cariz totalitário.

• Não é certamente da vontade do povo português toda a actuação do Governo destruindo pouco a pouco traves mestras do regime democrático conquistado e instaurado com a revolução de Abril. A violação sistemática pelo Governo da Constituição e da legalidade. A absolutização do poder por um único partido. O assalto laranja ao aparelho do Estado. O estrangulamento financeiro do poder local. Novas leis eleitorais antidemocráticas. Discriminações efectivas relativas à acção política e ao exercício de cargos e profissões. O controlo e instrumentalização da televisão e de outros dos mais importantes meios de comunicação social. O reforço do aparelho especial de repressão e novas políticas secretas.

• Não é certamente da vontade do povo português a degradação cultural, o renascimento do obscurantismo e de velhos e reaccionários conceitos.

• Nós propomos um regime de liberdade no qual o povo decida do seu destino e um Estado democrático, representativo, participado e moderno. Propomos um desenvolvimento económico assente numa economia mista, moderna, dinâmica, ao serviço do povo e do País, no qual um Sector Empresarial do Estado tem importante papel a desempenhar.

Propomos uma política social que garanta a melhoria das condições de vida do povo, condições de vida no sentido mais

amplio, aspiração e direito que só uma política verdadeiramente democrática pode assegurar.

Nós propomos uma política cultural que assegure o acesso generalizado à livre criação e fruição culturais, certos de que a cultura é elemento integrante do bem-estar, da democracia e da alegria e felicidade do seu humano.

E finalmente, nós propomos uma política independente e soberana, valor inalienável da nação e do povo português, que queremos adopte uma política de paz, amizade e cooperação com todos os povos.

• Que ninguém espere que do XIV Congresso saia um partido cansado e hesitante ante a apregoada mas falsa superioridade do capitalismo e oportunisticamente adaptado às condições deste findar do século.

Que ninguém espere que o XIV Congresso seja teatro de conflitos e divisões daquilo que alguns chamam e gostariam que existisse 2ª, 3ª e 4ª, ou mais vias, pois nós, os comunistas todos estamos empenhados, com a riqueza que constitui a diversificada reflexão colectiva e individual, a garantir uma só via: a via da acção e da luta que o colectivo partidário e o XIV Congresso decidirem.

Que ninguém espere que as há muito admitidas e outras eventuais alterações de quadros dirigentes, incluindo dos mais responsáveis, signifique (como para aí alguns apregoam) que «alguém destrone alguém» e que com a mudança das pessoas se abrirá caminho à mudança da natureza e da identidade do Partido.

Não, camaradas. Como sempre sucedeu ao longo da história do Partido, e temos confiança em que continuará a suceder, aqueles que assumirem maiores responsabilidades assegurarão não só o presente imediato, mas o futuro do PCP.

As gerações passam, o testemunho é transmitido o PCP continua como grande partido comunista que sempre foi e quer continuar a ser.

LM

# 1976 1993 Os artistas da Festa

- Adriano Correia de Oliveira
- África Tentação
- Aguarela
- Alarme
- Alceu Valença
- Alen Mak
- Alexandra Branco
- Alfred Müller
- Alfredo Vieira de Sousa
- Alias Ron Kavana
- Alkateya
- Allegro (URSS)
- Almanaque
- Aly Bain
- Amélia Muge
- Anatoli Elyzarov
- Andraas Varga
- António Pessoa
- António Pinho Vargas
- António Portugal
- António Victorino d'Almeida
- Aparcoa
- Archie Shepp
- Area
- Argentina Rocha
- Art Jazz Trio
- Artur Semedo
- Arturo Sandoval e a sua Orquestra
- Baden Powell
- Bago de Milho
- The Band
- Banda Alvorada
- Banda do Andarilho
- Banda da Corda e do Batuque
- Bando do Beco
- Bateria da Escola de Samba da Portela
- Benedicto e Bibiano
- Benko Dixieland Band
- Benny Golson
- Bernardo Sassetti
- Bernardo Moreira
- Beth Carvalho
- Bibiano
- Billy Bragg
- Bireli Lagrene
- Blues Duo (Polónia)
- Blues Fellows
- Bogus Brothers
- Bombos de Lavacolhos
- Boogie Brothers
- Boys of the Lough
- Braga Santos
- Brigada Semente à Terra
- Brigada Victor Jara
- Buffy St. Marie
- Bulimundo
- Cal Viva
- Camélia Todorova e Denev Jazz Trio
- Cantartil
- Capitão Fantasma
- Carlos Alberto Moniz
- Carlos Benavent
- Carlos Bica Trio
- Carlos Clara Gomes
- Carlos do Carmo
- Carlos Martins
- Carlos Mendes
- Carlos Paredes
- Carlos Paulo



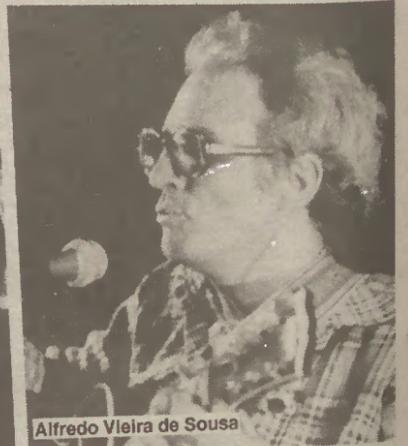
Adriano Correia de Oliveira



Alceu Valença



Alen Mak



Alfredo Vieira de Sousa



Alfred Müller com Gisella May



Allegro (URSS)



António Pinho Vargas



Almanaque



Aly Bain com Savourna Stvenson



António Portugal



Art Jazz Trio



Arturo Sandoval e a sua Orquestra



Area



Baden Powell



António Victorino d'Almeida



Benny Golson com Eddie Anderson e Curtis Fuller



Bando do Beco



Bateria da Escola de Samba da Portela



Benko Dixieland Band



The Band



Bireli Lagrene



Billy Bragg



Beth Carvalho



Blues Fellows



Boys of the Lough



Blues Duo (Polónia)



Bogus Brothers



Brigada Victor Jara



Cal Viva



Boogie Brothers



Cantari



Buffy St. Marie



Carlos Alberto Moniz



Bulimundo



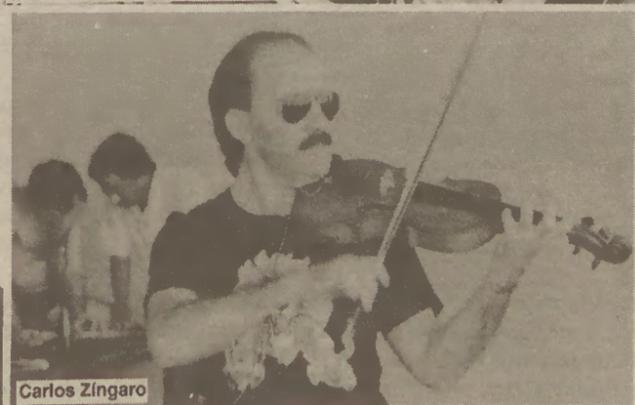
Carlos Paredes com Luísa Amaro



Camélia Todorova



Carlos do Carmo



Carlos Zíngaro



Carlos Paulo



Carlos Bica



Carlos Martins



Carlos Mendes



Celina Pereira

## 76/93 Os artistas da Festa

Carlos Zíngaro  
Celina Pereira  
Charlie Haden  
Chico Buarque  
Chieftains  
Chris Cutler  
City (RDA)  
5-u-4  
Clint Eastwood & General  
Saint  
Conjunto de Guitarras de  
Martinho da Assunção  
Conjunto Plavci  
Cool Jazz Orchestra  
Coro da Academia de  
Amadores de Música  
Coro dos Cossacos de  
Cuban  
Coro da Juventude e dos  
Estudantes de Moscovo  
Coro de Serpa  
Country Boys  
Cremilda Gil  
Croix Saint  
Curtis Fuller  
Daniel Viglietti  
Dany Silva  
Delfins  
Detelini  
Dexy's Midnight Runners  
Dimension Costeña  
(Nicarágua)  
Disto e Daquilo  
Dixieland All Stars Berlim  
Dora Leal  
Doutores e Engenheiros  
Dreifuss  
Dubliners  
Eddie Hendersen  
Edmundo Silva  
Edu Lobo  
Elba Ramalho  
Elzbieta Tarnavska  
Ensemble de Contrabaixos  
da Academia de  
Amadores de Música  
Erzgebirgs Ensemble  
Esmeralda Amoedo  
Essa Entente  
Eugénio Finardi  
Everest (URSS)  
Fachos (Angola)  
Fairport Convention  
Fausto  
Fernando Alvim  
Fernando Chaby  
Fernando Couceiro  
Fernando Girão  
Fernando Farinha  
Fernando Pereira  
Fernando Pottier  
Fernando Tordo  
Filipe Gomes dos Santos  
Filipe Mendes  
Filipe Pereira  
Francisca Soleville  
Flora Ceia  
Gian Nannini  
Gisela May  
GNR  
Go Graal Blues Band  
Gold Washboard  
Gonzaguinha  
Gordilho  
Greg Bandy  
Greta Gantcheva  
Grupo Arara (Cuba)



■ **Manuel Jorge Veloso**

## Dezasseis anos de espectáculos

«Deixou de haver fundos para contratar grandes artistas estrangeiros, mas o PCP lá se organizou de novo para realizar a Festa do Avante! Vantagem única: tem uma selecção bastante razoável de artistas portugueses bons: Madredeus, Jorge Palma, Sétima Legião, Sitiados, entre outros. Valha-nos isso...»  
(Manuela Madeira - «Visão», 12.08.93)

A leitura destas poucas linhas, citadas da pequena «local» há semanas publicada na revista «Visão», revela que é já um hábito, a que ninguém pode fugir, inevitavelmente falar-se de um acontecimento que todos os anos marca, depois das férias de Verão, a reentrância cultural e política nacional. E mostra, ao mesmo tempo, a indistigável sobrançeria e ridículo de certas reticências que, por vezes, se procuram levantar quanto às pretensas dificuldades que a organização do evento acarretaria a um Partido que, afinal, contra todos os ciclos maus augúrios, jamais deixou de pôr de pé anualmente - e com uma única excepção, imposta pela recusa de Abecasis a ceder o terreno, que ficou vazio mais 4 anos - a maior realização política e cultural de massas existente no nosso país.

Mas aquelas linhas, ao salientarem apenas a minguada e selectiva enumeração de artistas previstos para este ano (como se, alegadamente, de um cartaz de crise se tratasse!), revelam ainda uma visão profundamente errada e muito parcial do diversificado espectro cultural que a «Festa» representa - pelo que este número especial do «Avante!» constituirá, certamente, uma surpreendente avaliação daquilo que, nos vários planos, desde 1976, os comunistas conseguiram erguer.

Não deixa de ser, entretanto, inegável que, no âmbito das tão diversificadas motivações - políticas, sociais, culturais e, até, gastronómicas - que todos os anos levam à «Festa» centenas de milhares de pessoas, os espectáculos colocados à disposição dos visitantes constituem, sem margem para dúvidas, uma especial motivação entre as demais. E a publicação, que neste número do «Avante!» se faz, da listagem dos vários artistas que, desde a sua primeira edição, passaram pelos múltiplos palcos da «Festa», é uma elucidativa e esmagadora demonstração do não-sectarismo cultural que sempre caracterizou a sua escolha - uma postura essencial que, por exemplo, tem permitido que, em dezasseis anos de «Festa», nenhum artista convidado se tenha recusado, por condicionalismos estéticos ou políticos, a nela participar ou que, a qualquer deles, se tenha sequer perguntado o que ali ia cantar, dizer ou mostrar.

### Abertura estética e cultural

Pode assim dizer-se ter constituído, desde os primeiros anos, preocupação dominante do Partido e dos responsáveis da «Festa» que, com maior ou menor predominância conjuntural, praticamente todas as expressões artísticas e culturais aí fossem tendo o seu lugar: desde o teatro à música, passando pelo cinema ou a fotografia, o bailado ou as artes plásticas, a literatura ou a poesia - quer na situação de produção e fruição directas, quer no âmbito da sua divulgação, discussão e debate teórico.

Mas estas preocupações fundamentais não surgem apenas (ou sobretudo) concretizadas em termos quantitativos - ou seja, entendidas, exclusivamente, como um «cardápio» de várias manifestações que se justapõem, para estatisticamente figurarem em supostos «relatórios de actividade». Incomparavelmente mais significativo é perceber-se, como tacitamente assumida aos vários níveis da responsabilidade, a necessidade de procurar fazer tudo para que as várias realizações não interfiram umas nas outras, assegurando-se que, na medida do razoável e do possível, os vários destinatários possam fruir em condições aceitáveis, num espaço aberto e multidisciplinar, aquilo que procuram - embora a inevitável mescla de sons, de humores e de públicos precisamente contribua para a saudável «anarquia» cultural e social que é, uma outra, bem-vinda, vivência e imagem de marca da «Festa».

### Inventar tudo do princípio

Naturalmente que, para os espectadores mais jovens que hoje afluem em largo número aos espectáculos da «Festa!», já não constituirá novidade o aparato cénico e técnico que, por exemplo, hoje constitui um palco com as dimensões e o recheio do Palco 25 de Abril. Para muitos deles, é já um lugar comum assistir aos concertos de rock que, nos últimos anos, se multiplicaram em Portugal - embora porventura nem sempre cheguem a realizar que se trata de produções únicas, prontas a desempacotar, em trânsito de capital para capital. Mas basta recuarmos aos primeiros tempos da FIL e do Jamor, por exemplo, para se tornar evidente que, nesse tempo, praticamente tudo teve de ser inventado, na busca de soluções tecnicamente eficazes e economicamente responsáveis, sempre com a finalidade última de fazer chegar a música produzida em palco, nas melhores condições, dezenas de horas seguidas e durante os seus três dias, aos milhares de espectadores - aspecto em que a «Festa» foi claramente pioneira em Portugal.

É que, neste domínio, não havia qualquer anterior paralelo plausível, no nosso país, onde fosse possível ir buscar experiência adquirida. Recordem-se apenas que, mesmo em termos internacionais, esse verdadeiro marco dos mega-espectáculos que foi Woodstock estava fresco de meia dúzia de anos e que, em termos nacionais, a única realização consistente, na matéria - e mesmo assim incomparável em termos de dimensão -, haviam sido, no início dos anos 70, os primeiros Festivais de Jazz de Cascais de saudosa memória.

Talvez menos óbvia para a generalidade do público é, ainda, a circunstância de terem os espectáculos da «Festa» dado origem ao surgimento e à posterior afirmação de técnicos de direcção de palco, de som e de luz, profissionalmente competentes, à escala nacional. Primeiro, no seu contacto prático com sistemas, equipamentos e soluções técnicas de que apenas havia uma ideia através das revistas especializadas - e que a oportunidade de gradualmente se integrarem nas equipas estrangeiras (que, nos primeiros anos, a «Festa» teve de contratar para assegurarem o som e a iluminação) lhes veio proporcionar como base de verificação, experimentação e aprofundamento técnico indispensável. Depois, pelas progressivas responsabilidades que, ano

após ano, lhes foram sendo atribuídas numa base de desafio e de confiança - adquirindo um estatuto profissional que lhes permitiu equiparem-se condignamente, afirmarem-se no meio e capazmente se desenvolverem na indústria.

E o mesmo se poderia dizer de outros agentes do mundo do espectáculo nacional (como promotores de concertos, agentes artísticos, empresas) que, sem dúvida, a partir da institucionalização da «Festa», viram o campo aberto para desenvolverem e passarem a desempenhar um papel importante no mercado nacional e internacional; sem esquecer os principais actores do espectáculo, os artistas, quantas vezes vivendo verdadeiras noites de consagração no contacto com as mais amplas audiências das suas carreiras ou experimentando, apalmando em palco e lançando em primeira mão os seus novos repertórios, no primeiro contacto com os seus julgadores maiores - o público da «Festa».

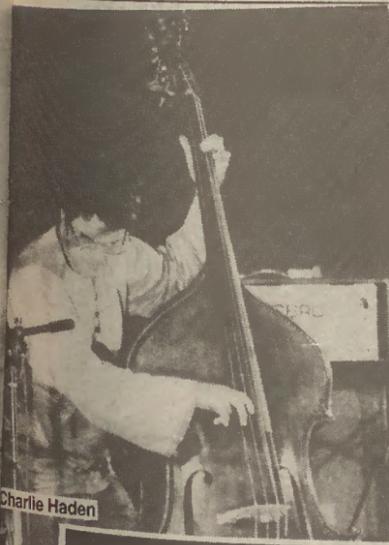
### Dos bastidores para o exterior

Seria, entretanto, um erro crasso entender os espectáculos da «Festa» como circunscritos ao Palco 25 de Abril - naturalmente absorvente e omnipresente em termos de estruturas técnicas e humanas e de programação. Que dizer, também, das soluções e da imaginação de que têm de lançar mão tantas e tantas organizações locais ou sectoriais do Partido - desde a Organização Regional até à Célula de Empresa - quer através dos seus próprios meios e estruturas quer socorrendo-se da colaboração técnica profissional?

Na realidade, a multiplicidade de realizações e de pequenos espectáculos que se estendem pelo amplo recinto da «Festa», com a preocupação fundamental e determinante de tocar transversalmente todos os públicos, é, ainda, uma geralmente reconhecida pedra de toque desta grande realização cultural. E é aqui que as referidas preocupações quantitativas assumem, também elas, uma expressão qualitativa - quanto à escolha dos espaços adequados a tal ou tal manifestação artística, quanto ao respeito pelos gostos diversificados de uma tão ampla audiência e quanto à sua inserção harmoniosa no todo coerente da «Festa».

Como acontece, designadamente, no caso da música, deixando para o relativo «recato» do medianamente amplo Auditório 1º de Maio as expressões musicais que, pelo carácter acústico da sua produção ou pela própria especialização dos seus potenciais fruidores, tal justificam. Ou programando para os palcos das organizações grupos ou solistas que ali vão apresentar-se pela primeira vez ou repetir intervenções feitas em outros espaços ou ainda artistas directamente relacionados com o carácter regional dos mesmos. Ou destinando ao Café Concerto um outro tipo de actuações individuais adequadas às pequenas audiências.

Mas o que a programação anual dos espectáculos da «Festa» claramente patenteia ao espectador comum é a preocupação mais geral de fazer coabitar, em todos os seus espaços, formas muito variadas da produção musical - do rock ao Jazz, da folk à pop ligeira, da canção de texto à música regional, sem esquecer as músicas populares dos vários países representados e, em particular, os artistas portugueses e a sua música, nas suas várias expressões.



Charlie Haden



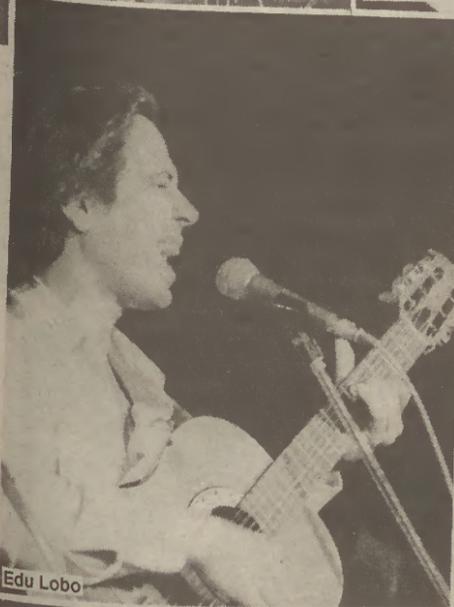
Chico Buarque



Clint Eastwood & General Saint



5-u-4



Edu Lobo



City (RDA)



Dany Silva



Cool Jazz Orchestra



Coro da Academia de Amadores de Música



Chieftains



Coro da Juventude e dos Estudantes de Moscovo



Coro dos Cossacos de Cuban



Delfins



Edmundo Silva



Dreifuss



Daniel Viglietti



Country Boys



Ensemble de Contrabaixos da Academia de Amadores de Música



Elba Ramalho



Esmeralda Amoedo



Dixieland All Stars Berlin



Isto e Daquilo



Essa Entente



Erzgebirgs Ensemble



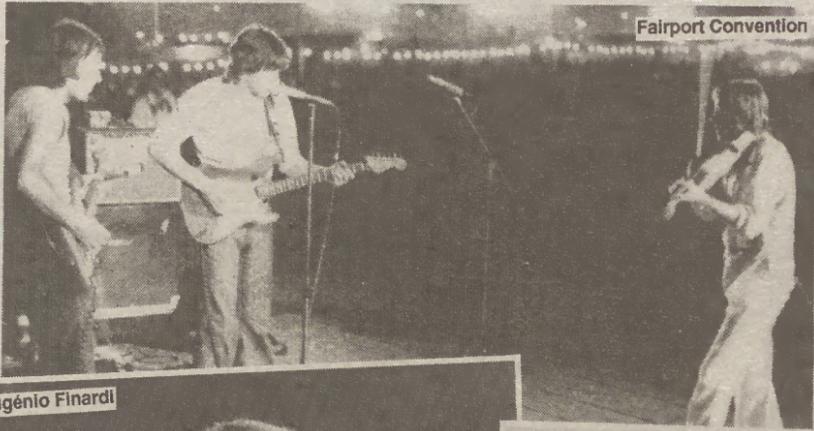
Dubliners



Dexy's Midnight Runners

# 76/93 Os artistas da Festa

- Grupo Arte Nova
- Grupo Artístico de  
 Minorias da Província de  
 Yunnam-China
- Grupo Charanga
- Grupo Coral da Casa do  
 Povo de Pias
- Grupo Coral Os Ceifeiros  
 da Casa do Povo de  
 Cuba
- Grupo Coral de Ferreira  
 do Alentejo
- Grupo Coral de Ourique
- Grupo Coral do Sindicato  
 Mineiro de Aljustrel
- Grupo Coral de Vale de  
 Vargo
- Grupo de Danças e  
 Cantares do Exército da  
 Região de Moscovo
- Grupo Ficções
- Grupo GIC
- Grupo Goloshokim
- Grupo de Metais de  
 Lisboa
- Grupo de Metais do Seixal
- Grupo de Plovdiv
- Grupo Resistência
- Grupo Russia
- Grupo 4
- Gwendal
- Hagaw
- Haiduska Pesen
- Harmonia
- Hauff-Henkler
- Helena Isabel
- Helena Kamburova
- Henriqueta Maia
- Holly Near
- Hot Club Big Band
- Idéfix
- Il Contemporaneo
- Impulse
- Intróito
- Io Appoloni
- Irakere
- Iron Angel
- Isabel Pimentel
- Issabary
- Ivan Lins
- Ivone Silva
- Jabula
- Jafumega
- Jana Bitchevskaia
- Janita Salomé
- Jazenka
- Jazzformation (RDA)
- Jig
- João Fernando
- João Peste e Nuno Rebelo
- Joaquim d'Azurém
- Joaquim Pessoa
- Jograis de Lisboa
- John Etheridge
- Joia
- Jorge Lomba
- Jorge Peixinho
- Jorge Palma
- José Afonso
- José Barata-Moura
- José Carlos Ary dos  
 Santos
- José Eduardo
- José Eduardo & Lusitânia  
 Expresso
- José Fanha
- José Jorge Letria
- José Manuel Osório
- José Viana



Fairport Convention



Grupo Coral Os Ceifeiros da Casa do Povo de Cuba



Eugénio Finardi



Grupo de Danças e Cantares do Exército da Região de Moscovo



Grupo Coral do Sindicato Mineiro de Aljustrel



Greta Gantcheva



Go Graal Blues Band



Francesca Soleville



Grupo Coral de Ferreira do Alentejo



Gianna Nannini



Fernando Alvim



Greg Bandy



Gonzaguinha



Fausto



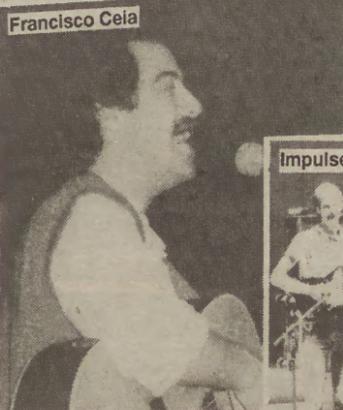
GNR



Grupo Arara (Cuba)



Grupo Ficções



Francisco Ceia



Impulse



Fernando Farinha



Gisela May



Everest (URSS)



Fachos



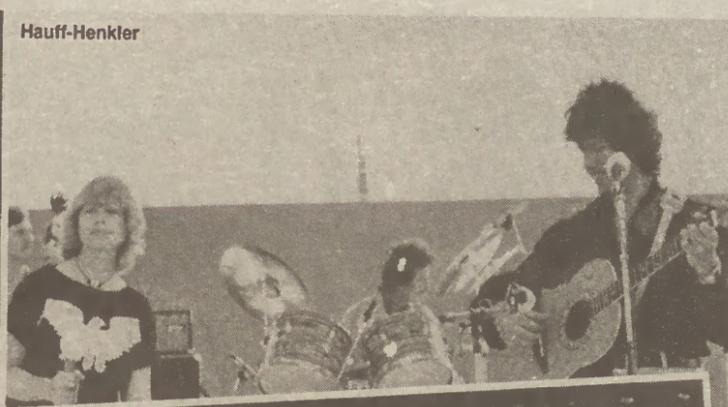
Fernando Tordo



Fernando Pereira



Grupo de Metals do Seixal



Hauff-Henkler



Manifesto



Grupo Goloshokim



Grupo Russia



Grupo Resistência



Joia



Iron Angel



Idéfix



Jig



Henriqueta Maia



Issabary



Gwendal



Jana Bitchevskala



Jo Appoloni



João Peste



Irakere



Holly Near



Ivone Silva



Ivan Lins



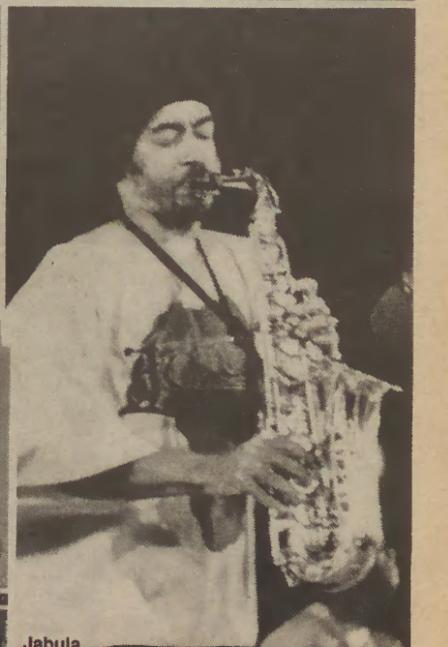
Janita Salomé



Jazzformation (RDA)



Jafumega



Jabula

# 76/93

## Os artistas da Festa

- Josef Laufer e o Grupo Golen
- Josh White
- Josif Kobzon
- Judy Collins
- Julia e Miguel
- Júlia Babo
- Júlio Pereira
- June Tabor
- Kassav
- Kiki Lima
- Kings
- Kitushi
- Krasnoiarsk
- Ladislav Fialka
- Larissa Kandalova
- Laurent Filipe e a Orquestra do Mundo
- Lena d'Água
- Lenka Filipová
- Lia Gama
- Linha Geral
- Lobo Meigo
- Los Caña
- Los Compadres
- Lúcia Lins
- Ludmila Sientchina
- Luigi Nono
- Luís Cília
- Luís Garcês
- Luís Gonzaga
- Luís Viegas
- Luísa Amaro
- Luísa Basto
- Madalena Sá Pereira
- Madredeus
- Mafalda Veiga
- Maio Moço
- Makeshift Jazz Band (Polónia)
- Mala Musika
- Malambo Latino
- Manifest
- Manifesto
- Manu Dibango
- Manuel Branco
- Manuel Gerena
- Manuel Freire
- Manuela Moreira
- Maresia
- Maria Amélia Proença
- Maria do Amparo
- Maria Dulce
- Maria Farandouri
- Maria Guinot
- Maria João
- Maria Viana
- Mário Jacques
- Mário Laginha
- Mário Mata
- Mário Pereira
- Mário Viegas
- Marionetas de Lisboa
- Martinho da Assunção
- Massive Roar
- Max Roach Quartet
- Melanie
- Mercedes Soza
- Merengues
- Metropolitan Jazz Praha
- Mike Glick & The New Song Trio
- Mike Cooper
- Miriam Makeba
- Miso Ensemble
- Mler If Dada
- Moncada
- Moreira's Jazztet
- Morituri



Joaquim Pessoa



Joaquim d'Azurém



Jorge Palma



José Afonso



José Fanha



Kings



Jorge Peixinho



José Eduardo



Ladislav Fialka



Kitushi



José Jorge Letria



José Barata-Moura



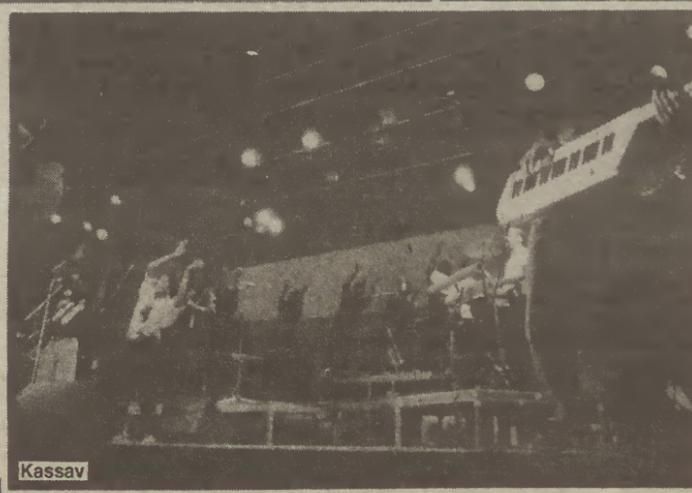
Júlio Pereira



José Viana



Odetta com Josh White



Kassav



June Tabor



José Carlos Ary dos Santos



Judy Collins



José Manuel Osório



Júlia Babo



Lena d'Água



Lia Gama



Larissa Kandalova



Los Compadres



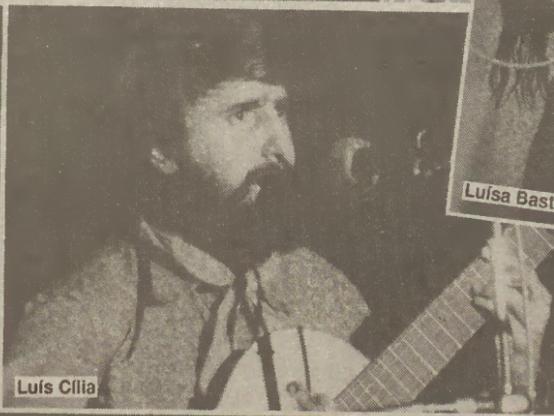
Luísa Basto



Luigi Nono e Fernando Lopes-Graça



Luís Gonzaga



Luís Cília



Luís Garcês



Manuel Branco



Manu Dibango



Mario Viegas



Makeshift Jazz Band (Polónia)



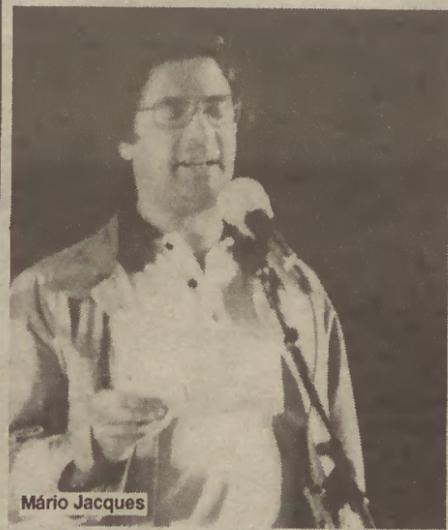
Manuel Gerena



Malambo Latino



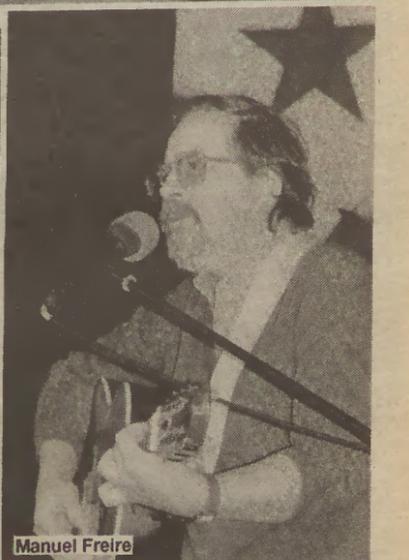
Maria Amélia Proença



Mário Jacques



Maria do Amparo



Manuel Freire



Maria João



Maria Farandouri



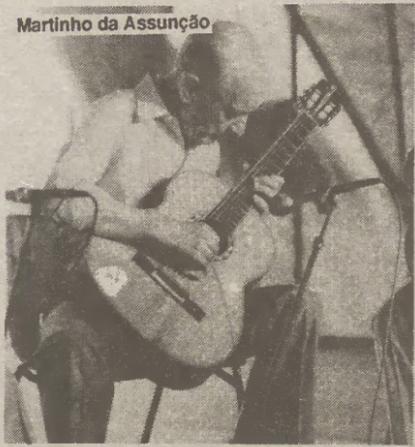
Maria Viana



Maria Guinot

# 76/93 Os artistas da Festa

- Mory Kanté
- MPB4
- Música Nova
- Na Lúa
- Nadejda Hotcheva
- Naná Sousa Dias
- Natércia Aguiar
- Né Ladeiras
- Noel Nicola
- Nuestro Pequeño Mundo
- Nuevos Tiempos
- Nuno Gomes dos Santos
- Odetta
- Oktobertklub
- Old Rope String Band
- Ómega
- Orbelian
- Orion
- Orquestra de Câmara da Eslováquia
- Orquestra de Ivan Surgykov
- Orquestra de Jazz do Hot Club
- Orquestra Kurmangazi
- Orquestra Sinfónica Popular
- Osibisa
- Oyster Band
- Pantominen-Ensemble do Deutsches Theater
- Paradox
- Paulino Vieira
- Paulo de Carvalho
- Paulo Gonzo
- Paulo Valentim e Carlos Caldeira
- Paulo Vaz de Carvalho
- Peace Makers
- Pedra D'Hera
- Pedro Barroso
- Pedro Caldeira Cabral
- Pedro Burmester
- Pedro Carmo
- Pedro Moreira
- Pedro d'Orey
- Pedro Osório
- Peste & Sida
- Pi de la Serra
- Pimenta de Magalhães
- Piramis
- Pizzacorda
- Plavci
- Ploplot Pot
- Pop Del'Arte
- Praxis
- Puhdys
- Quadrilha
- Quarteto de Eddie Goltz com Filomena Sousa
- Quarteto de Georgui Garanian
- Quarteto de Igor Nazaruk (URSS)
- Quinteto de António Ferro
- Quinteto de Jorge Pardo
- Quarteto de Lisboa
- Quinta do Bill
- Rádio Macau
- Rafael Riqueni
- Rajkó
- Rão Kiao
- Ray Lema
- Reel Union
- Repórter Estrábico
- Resistência
- Rhythm Sisters
- Richie Havens



Martinho da Assunção



Mário Pereira



Mário Laginha



Max Roach Quartet



Mercedes Soza



Melanie



Metropolitan Jazz Praha



Mike Glick & The New Song



Merengues



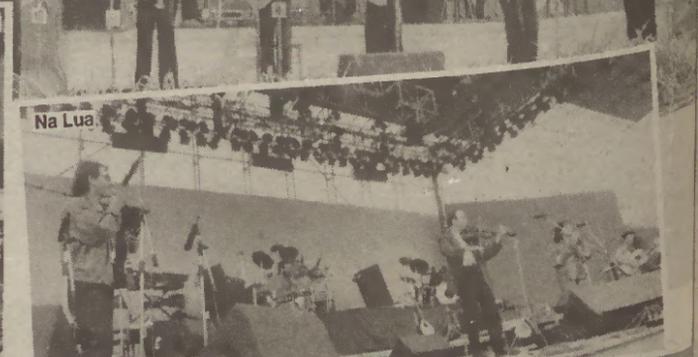
Mier If Dada



MPB4



Né Ladeiras



Na Lúa



Mory Kanté



Moncada



Miriam Makeba



Moreira's Jazztet



Naná Sousa Dias



Nuno Gomes dos Santos



Orbelian Big Bang



Osibisa



Orquestra de Camara da Eslováquia



Oktobertklub



Ómega



Oyster Band



Paulino Vieira



Paulo Vaz de Carvalho



Paradox



Pedro Caldeira Cabral



Pedro Burmester



Pedro Osório



Pi de la Serra



Pedro d'Orey



Peste & Sida



Pedro Barroso



Quarteto de Eddie Goltz com Filomena Sousa



Plavci



Plovdiv



Piramis



Quarteto de Georgui Garanian



Quinteto de Jorge Pardo



Puhdys



Rádio Macau

# 76/93 Os artistas da Festa



Rão Kiao



Ray Lema



Rajkó



Rafael Riqueni



Rossitsa Bordjjeva



Repórter Estrábico



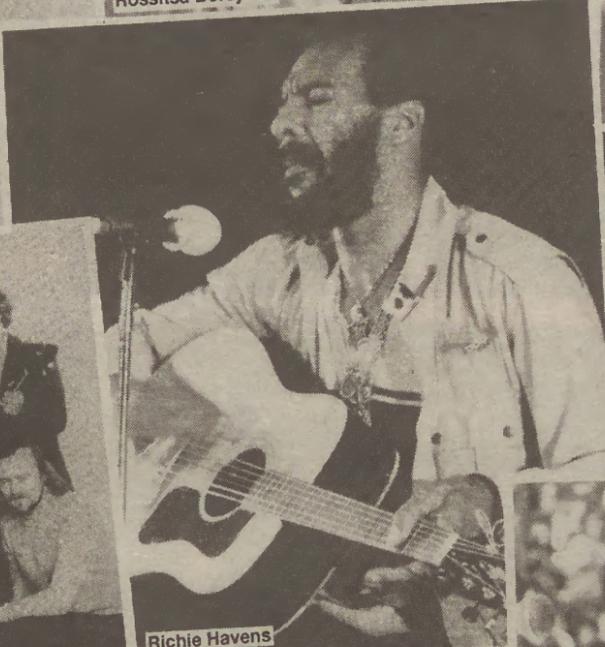
Roquivários



Resistência



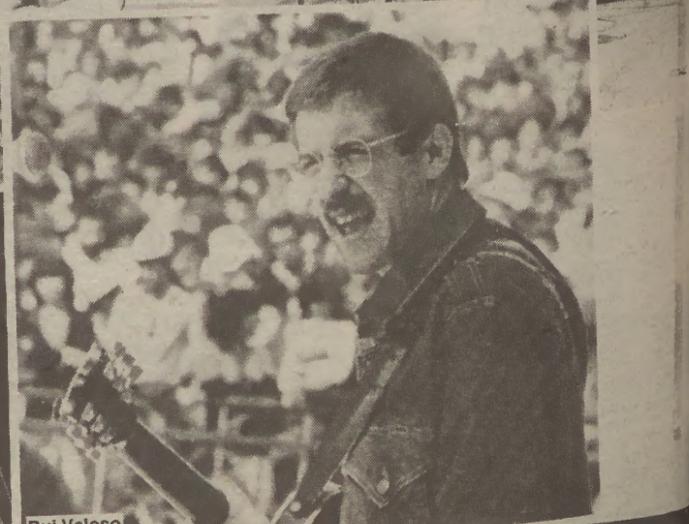
Royal Rag



Richie Havens



Romanças



Rui Veloso



Rimanço



Rhythm Sisters



Salif Keita



Sara Gonzalez



Salada de Frutas



Samuel



Saudade dos Santos



Sérgio Godinho



Sérgio Ortega

- Rimanço
- Roberto
- Roger Turner
- Romanças
- Ronda dos Quatro
- Caminhos
- Roquivários
- Rossitsa Bordjjeva
- Roxigênio
- Royal Rag
- Rui Gomes
- Rui Mingas
- Rui Veloso
- Salada de Frutas
- Salif Keita
- Samuel
- Sandor Lakatos
- Sandor Puskas
- Sands Family
- Sara Gonzalez
- Saudade dos Santos
- Savourna Stevenson
- Sérgio Godinho
- Sérgio Ortega
- Sétima Legião
- Sexteto de Jazz de Lisboa
- Sexteto Shis
- Sheiks
- Shila
- Shovanky
- Silly
- Simeon Shterev
- Simone
- Sing Club 57
- Sitiados
- Soledad Bravo
- Sosabe
- Souvenir
- Spartakus
- Stefan Dragostinov
- Steve Waring
- Swing Quartet (Chec.)
- Takilé
- Taller Recabarren
- Tambouri
- Tania Ivanova
- Tarântula
- Telectu
- Teresa Maiuko
- Teresa Paula Brito
- Tete Montoliu
- Tina e os Top Ten
- Tito Paris
- Tom Paxton
- Tomasz Stanko
- Trabalhadores do Comércio
- Trio de Vítor Ganelin
- Trovante
- Tubarões
- UHF
- Vainakh
- Versus
- Vieira da Silva
- Viertakt (RDA)
- Vítor Rua
- Vitorino
- Vozes Búlgaras
- Waldemar Bastos
- Walter Lopes (Brasil)
- Web (Port)
- Westbank
- Wolfstone
- Xutos e Pontapés
- Zê-di-Zastre



Sheiks



Shila



Silly



Simone



Simeon Shterev



Swing Quartet (Chec.)



Sitiados



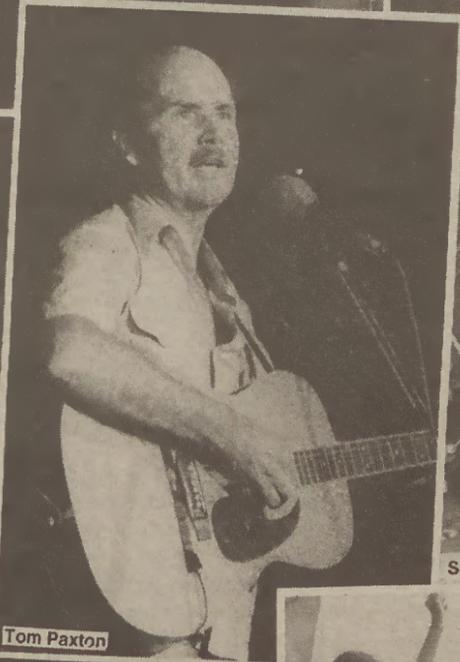
Soledad Bravo



Takilé



Teresa Paula Brito



Tom Paxton



Sing Club 67



Telectu



Spartakus



Trovante



Tubarões



Vozes Búlgaras



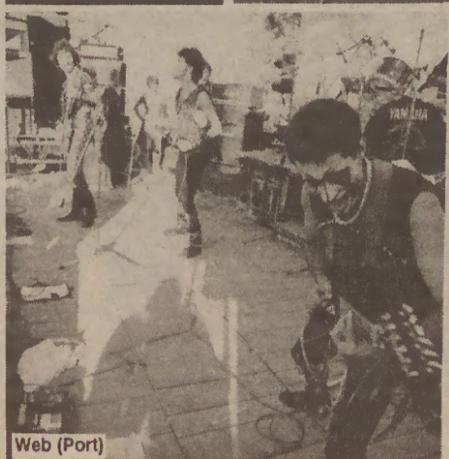
Vitorino



UHF



Waldemar Bastos



Web (Port)



Xutos e Pontapés



Zê-di-Zastre

# Cá estamos

*Cá estamos! E começo assim.*

*Era ontem, estava tudo calmo, estava tudo a postos. O vento drapejava nas bandeiras e ouvia-se. Em baixo a frescura da relva nova, o convite das esplanadas, a imensidão dos espaços, o formigar dos construtores numa espera sossegada. Um ou outro altifalante acertava os últimos volumes. E a hora chegou: rigorosa, musical, batendo certinha na Alameda 25 de Abril uma cerimónia de abertura que floriu em multidão, que explodiu em alegria, que ondulou na cor das bandeiras, no agitar dos punhos, no coro das vozes e se espraiou por todo o vasto recinto, accionando de repente a Festa. Quem respirara o sossego de uma hora antes, esbugalhava os sentidos na perscrutação do fenómeno. Impossível descobrir donde saíra tanta gente. Ou como aparecera, que para o caso tanto dá. O que dava, mesmo, era acompanhá-la, vendo-a habitar as exposições e as esplanadas, os palcos e as ruas, os espectáculos e os colóquios, os restaurantes e os debates, num fluir de contínuas marés onde por todo o lado se agitava o riso e a dança, a conversa e o abraço, o encontro e o convívio. Da gente. De todas as idades. Sobretudo dos jovens, que, definitivamente, hegemonizaram a Festa do "Avante!". A pouco e pouco percebe-se que o País está mais ou menos todo ali, trocando sabores, lavores e outros engenhos à volta das representações regionais, consumindo e comprando como quem troca lembranças. A oferta é tanta e tão diversificada que não há roteiros que aguentem. Quer-se ir a um espectáculo ou descobrir o tal petisco e vai-se encalhando, sucessivamente, num colóquio, numa imperial, noutra música, nesta exposição, naquele artesanato, no "olha também por aqui!" e nunca mais se sai dali. A não ser à hora do fecho, mas felizmente amanhã há mais. E hoje também, podem crer! Cá estamos.*

HC

**FESTA**  
1993  
*Avante!*

# O espectáculo visto da plateia

Tantas e tantas conversas, entre os que já há largos anos participam deste fenómeno chamado Festa do «Avante!», identificam qualquer coisa de «especial» nos espectáculos ali ocorridos, algo de difícil identificação mas que se sobrepõe mesmo ao que, em termos meramente artísticos, vai acontecendo nos palcos.

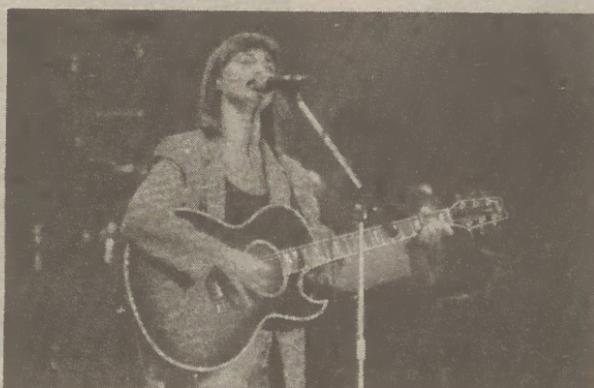
Trata-se de algo que ultrapassa a própria qualidade do trabalho dos artistas ou a maior ou menor felicidade das suas actuações. É um «segredo» que anualmente nos surpreende, precisamente pela sua repetição constante e independente das canções, dos músicos, dos cantores. O curioso é que o despoletar desse «outro



Todas as músicas, todos os músicos



Fernando Girão: grande banda, vozeirão e show



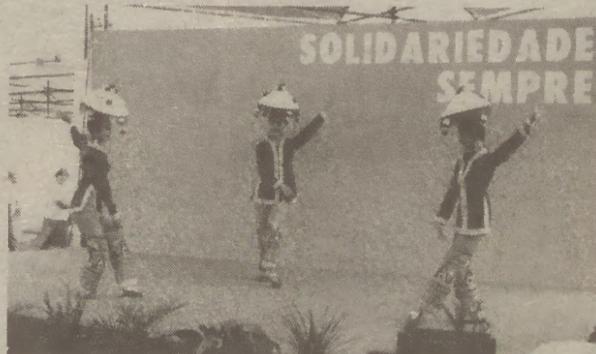
Mafalda Veiga: ibérica



Luísa Basto: nova sonoridade



Teresa Maiuko: soul moderna, África à europeia



Grupo de Yunnan: tradição, divertimento, variedades

espectáculo» tenha como evidente causa próxima a existência dessas mesmas canções, desses mesmos músicos, desses cantores.

Ontem, mais uma vez, o «fenómeno» registou-se: houve público para todas as plateias: palcos 25 de Abril, 1º de Maio, Arraial, Lisboa, Café-Concerto, o Pátio dos Petiscos, Avanteatro (uma enchente para ver o grupo «Intervalo», diga-se de passagem), para não falarmos noutros espaços menores ou em eventos como foram o já apreciável número de debates ocorrido, também eles com presença de atentos espectadores.

No domínio da música, com tanta proposta «forte» e diversificada, nas mais variadas correntes da música popular, nas mais diversas formas de entretenimento (de Luísa Basto a Mafalda Veiga, do grupo de baile Niger ao grupo de minorias étnicas da Província de Yunnan da China, exemplos entre tantos outros), a verdade é que, mais uma vez, não terá havido ontem artista a queixar-se de não ter tido público a assistir à sua actuação.

É esse o grande «carácter» da Festa. Não se trata de dizer que este é um público

melhor que o de outros locais, que é mais atento, mais respeitador ou mais informado. O comportamento do público da Festa é, no essencial, igual ao de qualquer outro público que vá a qualquer espectáculo no

nosso país. O que acontece na Festa, que lhe dá este ambiente tão particular, que inevitavelmente se reflete no próprio comportamento dos que estão em palco - dos que são, por sua vez, público das plateias - é que o público da

Festa não é uma única e indivisível entidade: é feito de todos os públicos de todos os espectáculos; pessoas partilhando, movendo-se e fazendo vizinhança num mesmo espaço, muitas vezes seu único elo comum.

■ Pedro Tadeu



A música, mas também o desporto, o teatro, o internacionalismo, os debates, uma Festa a descobrir. Aproveite hoje e amanhã... ou então só para o ano